

O TRAJE E A APARÊNCIA  
NOS AUTOS DE GIL VICENTE



*Reitor*

Pe. Jesus Hortal Sánchez, S.J.

*Vice-Reitor*

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

*Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos*

Prof. José Ricardo Bergmann

*Vice-Reitor para Assuntos Administrativos*

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

*Vice-Reitor para Assuntos Comunitários*

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

*Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento*

Pe. Francisco Ivern Simó, S.J.

*Decanos*

Prof<sup>a</sup> Maria Clara Lucchetti Bingemer (CTCH)

Prof<sup>a</sup> Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Reinaldo Calixto de Campos (CTC)

Prof. Francisco de Paula Amarante Neto (CCBM)

O TRAJE E A APARÊNCIA  
NOS AUTOS DE GIL VICENTE

ENEIDA BOMFIM



© Editora PUC-Rio  
Rua Marquês de S. Vicente, 225 – Projeto Comunicar  
Praça Alceu Amoroso Lima, casa Editora  
Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22451-900  
Telefax: (21)3527-1838/3527-1760  
Home-page: www.puc-rio.br/editorapucurio  
E-mail: edpucurio@puc-rio.br

*Conselho Editorial*

Augusto Sampaio, Cesar Romero Jacob, José Ricardo Bergmann,  
Fernando Sá, Luiz Roberto A. Cunha, Maria Clara Bingemer,  
Miguel Pereira e Reinaldo Calixto de Campos.

*Capa e Projeto Gráfico*  
José Antonio de Oliveira

*Ilustração da capa*

Estátua de Gil Vicente, no frontão do Teatro de D. Maria  
(Vicente, Gil. *Obras completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1968.)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 978-85-87926-32-6

©Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

---

Bomfim, Eneida

O traje e a aparência nos autos de Gil  
Vicente / Eneida Bomfim. – Rio de Janeiro: Ed.  
PUC-Rio, 2008.

232 p. (Coleção Teologia e Ciências Humanas ; 10)

Apoio: Instituto Camões.

Inclui bibliografia.

1. Vicente, Gil, ca. 1470 - ca. 1536 - Crítica textual. 2. Trajes - Portugal - História.

II. Série. III. Título

CDD: 869.231

---

**Cátedra Padre António Vieira  
de Estudos Portugueses**

Este livro é fruto de pesquisa  
desenvolvida na Cátedra Padre  
António Vieira



Para Bomfim, Maria Luisa,  
Cristina, Inês. Patrícia, Anna,  
Cecília, Pedro, Leonardo e  
Luisa, com muito amor





## SUMÁRIO

NOTA EXPLICATIVA .....	11
PARTE I .....	15
1. COMO SE VESTIAM OS PORTUGUESES ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XVI: AS PISTAS QUE OS AUTOS REVELAM .....	17
2. O HÁBITO FAZ O MONGE... OU NÃO .....	40
PARTE II .....	51
1. VESTES EM GERAL .....	53
2. O TOUCADO .....	85
3. O CALÇADO .....	104
4. ADORNOS, JÓIAS E SUA CONFECÇÃO .....	112
5. VESTES E INSÍGNIAS RELIGIOSAS .....	140
6. ARMAS .....	151
7. CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO .....	159
8. ACESSÓRIOS .....	178
9. MÃO-DE-OBRA .....	186
10. TERMOS GERAIS .....	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	225
BIBLIOGRAFIA .....	227
ÍNDICE DOS VOCÁBULOS E EXPRESSÕES .....	230



## NOTA EXPLICATIVA

Os termos relativos ao vestuário nos autos de Gil Vicente fornecem informações importantes para saber-se como se vestiam seus contemporâneos. Embora relevante, essa possibilidade não esgota outras para as quais a análise dos dados aponta, como, por exemplo, o conhecimento do contexto social da época e a função que os termos têm no conjunto dos autos, como instrumento a serviço da crítica de costumes, revelador da posição daquele que “fazia os autos a el-rei” em face da cultura do seu tempo. Foram considerados como referentes ao vestuário os nomes das vestes e suas partes, tecidos e material de confecção, adornos, profissionais e seus respectivos ofícios, verbos designativos das várias fases e modalidades de execução de materiais e de roupas e, também, termos relativos à aparência em geral.

O estudo divide-se em duas partes. Na primeira, faz-se uma análise em bloco de todos os vocábulos, com o intuito de: 1. caracterizar o modo de vestir quinhentista, estabelecendo, sobretudo, pontos de contacto com a Idade Média e 2. detectar o relacionamento entre o traje e os grupos sociais da época. Na segunda parte, listaremos os vocábulos, informando e precisando seu significado, com especial atenção às mudanças e matizes semânticos. O conjunto é constituído de cerca de cento e oitenta termos diferentes, com várias ocorrências de cada um. Muitos já não se usam. Dos que persistem na língua, alguns estão relacionados a outros referentes. É o caso, por exemplo, de “calças”, na época semelhantes às atuais meias compridas femininas. Eram ajustadas às pernas, cosidas uma à outra na altura dos quadris ou separadas. Prendiam-se à cintura com cordões ou alfinetes ou, quando terminavam abaixo do joelho, por ligas. Com isso, julgamos estar colaborando com os interessados no esclarecimento do

sentido dos vocábulos do campo semântico do vestuário e fornecendo, também, indicadores para o valor dado à aparência pela sociedade portuguesa do início dos quinhentos. Em outro trabalho, em fase de revisão, trataremos da função do vestuário na crítica vicentina.

Não se pode negar, como demonstrou Révah<sup>1</sup>, a intervenção do filho e editor Luís Vicente nos textos dos autos, modernizando ou alterando formas, substituindo versos, mutilando estrofes e destruindo a regularidade dos seus esquemas, quando não mudando datas e indicações históricas. Embora o levantamento dessas divergências seja importante para uma edição crítica, reitero que não interferem no âmbito do nosso trabalho.

Por motivos operacionais, o texto básico de que nos servimos foi o da edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu<sup>2</sup>, endossando suas palavras:

(...) esta leitura visa permitir um acesso imediato mesmo àqueles que, inadvertidos, em relação aos problemas de um texto quinhentista (especialmente deste texto quinhentista, cujos enigmas de transmissão e de fixação estão ainda em grande parte por resolver), certamente encontrarão na obra de Gil Vicente motivos do prazer de ler e do prazer de refletir.

---

<sup>1</sup> Révah, I. S. *Recherches sur les oeuvres de Gil Vicente*. Lisboa: 1951, tomos I e II. Edição sbvencionada pelo INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA e publicada sob o patrocínio do INSTITUTO FRANCÊS EM PORTUGAL.

<sup>2</sup> Vicente, Gil. *Compilçam de todas as obras*. Introdução e normatização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Casa da Moeda, 1983, 2 vols.

Os critérios de transcrição de Buescu não interferem no tipo de trabalho que ora se inicia e, pelo contrário, permitem ao leitor do século XXI, pouco familiarizado com a variação ortográfica do século XVI e não preocupado com aspectos de ordem lingüística, um acesso mais fácil ao texto vicentino.

Todos os exemplos foram conferidos e localizados, também, nos seis volumes da edição da Livraria Sá da Costa<sup>3</sup>, com prefácio e notas do prof. Marques Braga. Algumas observações são pertinentes, sobretudo com relação à segunda parte. Os verbetes aparecem em ordem alfabética, obedecendo aos seguintes critérios: a) a entrada será feita pela ortografia da edição de Buescu; b) quando houver forma portuguesa e espanhola, aquela virá em primeiro lugar, seguida desta com a indicação abreviada “esp.”, entre parênteses; e c) será respeitada, na transcrição, a ortografia da edição de Leonor Buescu. A localização dos exemplos será dada pelo título do auto, em negrito, seguido da abreviatura COMP. (Compilação), do número do volume em algarismos romanos e do número da página, em algarismos arábicos. A seguir, separados por /, virão as indicações da edição da Sá da Costa: GV (Gil Vicente), o número do volume em romanos e os da página e linha, em arábicos. Na indicação do título dos autos, destacados em negrito, omitimos deliberadamente as designações “farsa” e “tragicomédia” e conservamos “auto” e “comédia”, além de “diálogo” no “Diálogo sobre a Ressurreição”. As transcrições são geralmente curtas, apenas para registrar a ocorrência. Em alguns casos, julgamos prudente transcrever trechos mais longos que poderão dar melhor idéia do contexto em que aparece o

---

<sup>3</sup> Vicente, Gil. *Obras Completas*, com prefácio e notas do Prof. Marques Braga. 3ª edição. Lisboa: Sá da Costa, 1968, 6 vols.

termo. Cada verbete vem acompanhado de uma pequena explicação, necessária ao seu entendimento e à sua contextualização. Optamos por indicar com letra de corpo menor os trechos transcritos ou citados, também quando ocorrem no interior da frase. Algumas localizações são dadas em notas de pé de página.

Com o intuito de facilitar a organização do estudo, distribuimos, na segunda parte, os vocábulos em dez grupos: VESTES EM GERAL, O TOUCADO, O CALÇADO, ADORNOS E ENFEITES, VESTES E INSÍGNIAS RELIGIOSAS, ARMAS, CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO, MÃO-DE-OBRA, ACESSÓRIOS e TERMOS GERAIS.

Esperamos poder mostrar a riqueza deste material nos autos de Gil Vicente.

## PARTE I

### Auto de Ines Pereira.



Feyto por Gil Vicente, representado ao muyto alto, e muy poderoso Rey dom Joam o terceiro no seu conuento de Lomar: Era do senho: de **MD. lxxiiij.** O seu argumento he, hum exemplo comum que dizem: mais quero asno que me leue, que cavallo que me derrube. As figuras sam as seguintes. Ines pereira, sua mãy, Lianoi vas, Pero marques, doua Judeua, hum chamado Katam, e outro Sidal. Hum Escudeyro, com hum seu Abogo, hum Ermitam.

**C** Entra logo Ines Pereira, e finge que esta laurando soe em casa, e canta esta cantiga.

Na página anterior, frontispício da edição quinhentista do *Auto de Inês Pereira*, de Gil Vicente (Biblioteca Nacional de Madrid).



Então os olhos dos dois se abriram; e, vendo que estavam nus, teceram para si tangas com folhas de figueira..

Gênesis 3, 7

E o Senhor Deus fez para Adão e sua mulher túnicas de pele e os vestiu.

Gênesis, 3, 21

E por que vos preocupais com as veste? Observai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam. Mas eu vos digo que nem Salomão com toda a sua glória se vestiu como um deles.

Mateus, 9, 28-29

---

## 1. COMO SE VESTIAM OS PORTUGUESES ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XVI: AS PISTAS QUE OS AUTOS REVELAM

Nos autos, Gil Vicente não descreve nem faz alusão a um traje completo, seja de homem seja de mulher. Os Fidalgos do Príncipe (**Nau de Amores**) tiram a capa e ficam em gibões e calções, mas não se fala nas calças, indispensáveis para cobrir as pernas, nem em sapatos. Na descrição da figura grotesca de Frei Paço (**Romagem dos Agravados**), tem-se, de um lado, hábito e capelo, próprios da vestimenta religiosa e, de outro, gorra de veludo, luvas e espada dourada, próprias de cortesão. Já o travesso e conquistador Doutor Justiça Maior do Reino (**Floresta de Enganos**) entrega à moça, que o quer desmascarar, loba, luvas, sombreiro, beca de veludo, depois de deixar de fora a vara que, segundo ele, (...) es vara de condón, / que me da gruessa hazienda; / y aunque ella poco me rienda, / dame mucha ocasión<sup>1</sup>. A beca e a loba são vestes talares, valo-

---

<sup>1</sup> COMP. I, 491 / GV. III, 194, 3-6.

rizadas no texto pelo material de confecção (veludo e contray frisado). As luvas e o sombreiro são complementos de uso de homens do mundo. O Diabo veste a Alma com um brial, calça-a com chapins de Valença e oferece-lhe como enfeites colar de ouro esmaltado, dez anéis (um para cada dedo) e pendentes (brincos). Não se diz o que vestia debaixo do brial (**Auto da Alma**). As comadres Branca Anes e Marta Dias, que apenas querem ver a feira, perguntam por anéis de latão (material ordinário), sombreiros de palma bons para segar, burel pardo de lã meirinha, sapatos, enfim, artigos, coisas simples, condizentes com sua condição de mulheres do povo. Antes, Marta perguntara a Ana se o marido lhe dera a fraldilha roxa (avental vermelho). Outra é a situação em que se encontram os pastores Brisco e Juan Guijarro (**Triunfo do Inverno**), este último, desagasalhado, “en faldetas” (em camisa)<sup>2</sup>.

Observe-se o diálogo.

BRISCO      No tienes tú otro hato,  
                 Çamarrón o çamarrilla?  
JUAN         Ni capote, ni capilla,  
                 ni tengo más de un çapato.  
                 Yo saqué en Santintín  
                 este sayo en hora mala,  
                 solo para la zagala  
                 verme y pagarse de mi.

                 Y comprelle una sortija,  
                 y una saya verde escurra:  
                 .....  
                 y agora ándome así  
                 sin çamarro, sin çurrón  
                 perdido, manguispanado:

---

<sup>2</sup>A expressão “en faldetas” equivale a “em camisa”, isto é, sem ter o que vestir.

el diablo llevó el cayado,  
y su madre el mi çurrón.

COMP. II, 258-9 / GV. IV, 281-2

Juan lastima ter desperdiçado dinheiro com coisas não prioritárias: um saio para impressionar uma pastora e uma sortija (anel) e uma saia para presenteá-la. Com isso, não pôde comprar abrigo para precaver-se contra a chegada do inverno.

Estas rápidas pinceladas, tiradas de trechos dos autos em que se fala de roupas, são bastante reveladoras, não só do que diz respeito à personalidade das personagens, mas também de sua situação social.

Não se encontram nos autos relações de trajes completos, mas peças de um quebra-cabeça que, devidamente encaixadas, vão fornecer elementos para o conhecimento de como se vestiam os contemporâneos de Gil Vicente. A descrição dos termos e a pesquisa sobre sua história e significação serão o fio condutor para reconstituir-se o quadro do vestuário no início do século XVI, em Portugal, bem como suas raízes medievais.

Até o século XIV, a indumentária exterior para homens e mulheres, na Península Ibérica, compunha-se de saia, pelote e manto, superpostos nesta ordem. Estas três peças podem ser facilmente reconhecidas em um selo com a efígie do Rei Sábio, do acervo do Arquivo Histórico Nacional da Espanha. O “pelote” era veste exterior, ajustada, de comprimento variável, muito usada em toda a Idade Média. De meados do século XV até o fim do XVI era muito curto e não passava da metade do quadril.

## Observa Guerrero Lovillo<sup>3</sup> sobre o pelote que

Junto a la saya, los textos castellanos citan con mucha insistencia una pieza que, a juzgar por la misma frecuencia de su cita y siempre asociada a aquélla, podíamos llamarla su complemento.

Os pelotes não serviam de abrigo e eram dispensados aos peões. Podiam ser enfeitados com peles, ter ou não mangas, mas o mais comum era apresentarem aberturas laterais como grandes cavas que deixavam ver a saia, uma espécie de túnica usada por ambos os sexos, logo depois da camisa, esta a peça que entrava em contacto direto com a pele. Não há referência a pelotes femininos nos autos. As ocorrências dizem respeito a homens do povo, com exceção de um trecho do **Auto da Feira**, aliás suprimido pela censura na edição de 1586.

Às vezes vendo virotes,  
e trago d'Andaluzia  
naipes com que os sacerdotes  
arreneguem cada dia,  
e joguem até os pelotes.

**Auto da Feira**, COMP. I, 154 / GV. I, 210, 8-12

As saias femininas chegavam até os pés e eram semelhantes a vestidos, inteiriços, ajustados à cintura por cintos ou cordões. Em meados do século XIV, passaram a dividir-se em duas partes emendadas, um corpete ajustado a que era costurada a parte inferior, franzida, podendo ser cada uma de cor diferente. Este novo feitio dispensava cintos e

---

<sup>3</sup>Lovillo, José Guerrero. *Las Cantigas*. Madrid: Instituto Diego Velásquez, 1949, p. 55.

cordões. O comprimento das saias para os homens variava do joelho ao meio da coxa, conforme a moda. Com isso, tornou-se necessário cobrir as pernas com “calças” que eram semelhantes às meias compridas femininas de hoje.

Nos autos não aparecem saias masculinas. O termo “saio” designa outra peça de vestuário, curta até o meio das ancas, muito usada por camponeses. Embora fosse veste para ambos os sexos, em Gil Vicente é masculina, com exceção da forma de diminutivo “sainho”, que é o que veste uma criada nas **Cortes de Júpiter**.

Ainda no século XIV, aparece o gibão ou jubão, também denominado porponto. De certa forma, pode-se dizer que equivalia à camisa social de nossos dias. Era confeccionado de seda, veludo, brocado e tecidos de fantasia, em cores fortes. Podia ser usado no calor sem outra peça de roupa por cima, o mesmo acontecendo em situações solenes. Neste caso, o gibão era ainda mais requintado, em tecidos finos e com labores preciosos. A frente e as costas eram inteiriços com enchimento no peito, concentrado no meio, por dentro do forro. Para conseguir-se esse efeito, era preciso que a parte da frente fosse muito mais comprida do que a das costas e maior que a do forro. Os golpeados, muito em voga no passado, na época, restringiam-se às mangas. Com o tempo, as golas foram subindo e conservando-se erguidas, deixando ver a extremidade superior da camisa que passou a ter um babado em volta do pescoço. Babados também foram acrescentados nos punhos. Em meados do século XVI, o gibão deixou de ter mangas. As que apareciam, de cor diferente, e em geral, enfeitadas, eram de uma jaqueta curta, usada por debaixo.

São poucas as ocorrências de “gibão” nos autos. Salvo engano, não passam de três. Em uma delas, tem-se no-

meado o conjunto do traje dos fidalgos do Príncipe da Normandia que calafetam a Nau d'Amores:

Foi posta no serão, onde se esta obra representou, ãa Nau da grandura de um batel, aparelhada de todo o necessário pera navegar, e os Fidalgos do Príncipe tiraram suas capas e ficaram em calções e gibões de brocado, como carafates: os quais começam a carafetar a Nau com escoparos e maçanetas douradas que para isso levavam ao som desta cantiga:

**Nau de Amores**, COMP. II, 121 / GV. IV, 70

No *Cancioneiro Geral*, faz-se alusão ao tecido e às características que deve ter o gibão. O Coudel-Mor Fernão da Silveira dirige-se ao sobrinho Garcia de Melo de Serpa, dando-lhe regras de bem vestir e portar-se na corte:

O gybam de qualquer pano  
na barriga bem folgado,  
dos peytos tam agastado,  
que seu dono trag'oufano<sup>4</sup>.

Às vezes, a peça é pretexto para zombarias. Nuno Pereira endereça trovas a uma senhora que se casou quando ainda ele a servia e se vinga com referências desairosas ao marido, no que é ajudado por Francisco da Silveira. Entre outros motivos de mofa, Silveira, para ridicularizar a “vítima”, concentra-se no seu vestuário. Depois de falar de “barrete pardo frisado”, “borzeguys marroquis roxos”, “sapatos pretos”, acrescenta:

---

<sup>4</sup>Resende, Garcia de. *Cancioneiro Geral*. Texto estabelecido, prefaciado e anotado por Álvaro da Costa Pimpão e Aida Fernanda Dias. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973, p. 71.

Tragua mais gibã d'irlanda,  
na moor força do Veraão,  
com meas mangas d'olanda,  
por lh'a calma ser mais branda<sup>5</sup>.

No século XV, quando a influência na moda vem da França, nota-se a tendência de ajustar as roupas, o que podia incomodar e gerar desconforto em determinadas situações, do mesmo modo que o comprimento. D. Duarte, no capítulo XVIII do *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela*<sup>6</sup>, atenta para a ajuda ou dificuldade que a vestimenta pode trazer ao cavaleiro. Com referência ao gibão, recomenda que seja de tal forma que não aperte nem prenda, nem pese, e que não seja tão largo que o corpo ande solto. Importante, ainda, é o comprimento da fralda (parte da camisa ou da saia que vai da cintura para baixo), aliado ao feitio do gibão, que podia ser aberto dos lados ou tão justo que não a deixasse passar. São feitas, também, recomendações sobre as mangas, que não devem ser grandes, e sobre as roupas, leves o suficiente para não atrapalhar. Já em meados do século, a influência italiana na moda peninsular trouxe mais conforto ao vestuário.

O encurtamento das vestes que impôs, como já foi dito, a necessidade do uso das calças (meias), por vezes, trouxe inconvenientes à cobertura de certas partes do corpo. Assim, usaram-se, desde o século XIII, as bragas, facultativas, correspondentes a cuecas atuais, confeccionadas com tecidos comuns, as quais se prendiam às extremidades das camisas, puxando-as para cima ou à cintura, com cordões ou alfinetes. Uma outra peça, também facultativa, necessária

---

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 118.

<sup>6</sup> D. Duarte. *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*. Edição crítica de Joseph M. Piel. Lisboa: Casa da Moeda, 1986, capítulo XVIII, pp. 34-37.

para não deixar as bragas à mostra, foi a braguilha que consistia num pano de tecido mais nobre, já que ficava aparente, colocado entre as pernas.

Primeiramente, as calças prendiam-se à cintura, com cordões ou ao gibão por alfinetes e eram confeccionadas em tecidos de lã. As mais ricas, de escarlata, restringiam-se ao rei e à nobreza. No fim da primeira metade do século XIV, com o encurtamento das vestes, causaram certo escândalo e, na pragmática de 1340, ficaram restritas a ricos-homens, cavaleiros, escudeiros e burgueses ricos. Eram vedadas aos peões. Como passaram a ficar à mostra, não tardou que fossem enfeitadas com bordados, pérolas, fios de ouro e outras decorações, a tal ponto que o tecido às vezes ficava completamente escondido. A extravagância também se revelava no tecido e na cor. O vermelho, o azul e o verde foram muito usados e, em menor escala, o amarelo. As calças coloridas não eram permitidas ao clero. No final do século XIV e no seguinte, foi moda ter calças com pernas de cores diferentes combinadas de acordo com o gosto do dono. As calças soladas eram providas de pés e solas. As que não tinham pés vinham até o tornozelo. No *Cancioneiro Geral*, nas trovas que citamos, o Coudel-Mor faz alusão a “calças de fole” e “calças de marcar”:

As calças tyrem de fole,  
roscadas como obrea.  
Tragam-s'as de marcar,  
Forradas d'yrlanda parda<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup>Resende, *op. cit.*, p. 71.



O mesmo Fernão da Silveira, em outra ocasião, falando de montaria, recomenda:

Nem tragays calças cerradas  
pera mays despejo vosso<sup>8</sup>.

No início do século XVI, não foram muito acentuadas as modificações no traje masculino. A indumentária comum da classe mais privilegiada consistia em calças justas, calção, gibão e vários tipos de sobreveste. Nem sempre é fácil distinguir-se uma peça de outra, apenas pela denominação. Na cabeça, barrete ou outro tipo de cobertura. Os sapatos já não eram pontudos.

Na Península Ibérica, usavam-se calções bufantes. Os enchimentos eram presos ao forro de tal maneira que a parte exterior ficava bem esticada. O volume não atrapalhava os movimentos. Prendiam-se aos joelhos por fitas. Na parte superior, eram presos à roupa de baixo ou na parte interior do gibão. Estiveram na moda até o século XVII.

A sobreveste mais comum e que nunca saiu de moda desde a Idade Média foi a capa, usada por todas as classes sociais. Era análoga ao manto, este uma peça especial na indumentária medieval, usado em ocasiões solenes, restrito aos nobres e grandes senhores de ambos os sexos. Os mais antigos, sem forro e confeccionados em tecidos finos, permitiam um pregueado miúdo. Foi moda forrá-los com peles de toda espécie. Os tecidos mais usados passaram a ser a seda encorpada e a lã. Vermelho, azul-violeta, verde e preto eram as cores preferidas, mas usavam-se, também, cores misturadas, dispostas em franjas ou em listas. O tecido às ve-

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.75.

zes era adornado com círculos, no interior dos quais havia figuras de pássaros, de animais fantásticos e outros enfeites de influência oriental. Quanto ao comprimento, às vezes chegavam a arrastar no chão. Um cordão, tecido de fios de seda e até de ouro em peças mais suntuosas, mantinha o manto sobre os ombros. Era sinal de elegância a maneira de segurar o cordão para evitar deslocamentos da peça.

Além do uso em ocasiões solenes, o manto também servia para abrigar e proteger. Havia mantos e capas aguadeiros. Neste caso, suas características perdiam a pompa, a peça tornava-se mais prática e adequada à sua função. A função de proteger, desvirtuada, passou à de encobrir, esconder, disfarçar. No **Diálogo sobre a Ressurreição**, um manto faz parte das vestes do Rabi Levi que avisa dar-lh'-ei ùa figa debaixo do manto, referindo-se a quem vier falar da ressurreição de Cristo. A expressão “debaixo do manto” equivale a “às escondidas”. Na **Comédia do Viúvo**, D. Rosvel, disfarçado de trabalhador ignorante para aproximar-se da moça de quem se enamorara, filha de um mercador viúvo, esconde os trajes que denunciariam sua origem nobre por baixo de um chapeirão, sem dúvida, um manto. A partir do século XIV, o manto podia ser substituído por peças similares, com a finalidade mais prática de proteger do tempo: o tabardo, que não tem registro nos autos de Gil Vicente, e o capeirão ou chapeirão. Essas peças, mais singelas, com abertura na frente e às vezes com capuz, eram populares. Talvez seja possível reconhecer como deste tipo o “chapeirão” que Gonçalo esconde e o negro, que o estava espreitando, encontra, caracterizando-o como “capote”:

Ei-lo aqui sá! Deuso graça.  
Graça Deuso esse é capote;  
nunca dexa aqui palote:

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 535 / GV. VI,  
27, 18-2.

No frontispício da edição quinhentista da **Farsa de Inês Pereira**, aparece a figura de um homem, completamente encoberto por um manto de grandes proporções, com a indicação “Latão”, no caso, um judeu casamenteiro, personagem da farsa em questão. Essa mesma figura, sem indicação, vem repetida no frontispício da **Prática dos Compadres**, de António Ribeiro Chiado, edição quinhentista do acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa. As figuras repetem-se em outras obras da Escola Vicentina<sup>9</sup>, em novas composições, às vezes sem estarem atribuídas a personagens, ou mesmo, atribuídas a personagens diferentes, como é o caso da figura de Inês Pereira e do escudeiro que aparece como tal, como compadre e como D. Fernando, no texto anônimo de mesmo nome. A capa do escudeiro é ampla, de corte semicircular, de comprimento pelos joelhos, com bastante pano atrás e um volume à altura da nuca que sugere um capuz. Como a figura apresenta o personagem com inclinação de três quartos do corpo, não se vê a frente, mas são bem visíveis as calças (meias) ajustadas, modelando as pernas, a queda elegante da capa que deixa entrever a espada, os sapatos de ponta moderada e a cobertura de cabeça, talvez um barrete, colocado meio de lado, provavelmente por questão de moda.

Em Gil Vicente, as sobrevestes que poderiam servir de agasalho, além da capa e do manto e mantão, são o capote (termo genérico), o chapeirão e o samarro, próprio de pastores.

No **Auto da Lusitânia**, quando o alfaiate judeu chega à casa, manda guardar o mantão com que viera da rua e a mulher reclama do estado em que a roupa se encontra:

---

<sup>9</sup> A reprodução destes e outros frontispícios estão em Vasconcellos, Carolina Michaëlis de. *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina*. Madrid: Centro de Estudios Historicos.

Quanta choca, quanta lama,  
que traz o mantão frisado,  
que estava tão alimpado,  
que parecia uma dama

diante seu namorado!  
Por que não fugis do lodo?

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 553 / GV.  
VI, 55, 20-4

A observação da mulher faz supor que a peça era comprida, arrastando pelo chão. É provável que este tipo de manto, por essa indicação, pelas palavras do Rabi Levi e pelo que se observa nas figuras dos frontispícios das edições quinhentistas, fosse, na época, traje característico de judeus.

Roupa, que também pode ser denominação de tecido, designa uma veste que cobria completamente o corpo, uma espécie de opa. Nesta acepção aparece nos autos e ainda como termo geral, equivalente a traje. Em Gil Vicente não há alusão a “mongy”, uma espécie de manto, nem a “balandrau”, vestimenta semelhante à opa. O termo balandrau é usado hoje no sentido de “roupa ou pessoa desajeitada”. Essas duas designações de veste estão registradas no *Cancioneiro Geral*. Um grupo de fidalgos zomba de Fernão da Silveira porque exibiu-se numa corrida, envergando um “mongy” de veludo preto, forrado de martas e dirigem-lhe trovas com o seguinte refrão:

Ahynda m'agora abalo  
de te ver como te vy,  
vestido no teu mongy  
a cavalo<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> *Op. cit.*, pp. 229-230.

O vestuário feminino foi sempre muito tradicional e evoluiu muito lenta e discretamente. As formas do corpo eram dissimuladas pela amplidão e comprimento das vestes, formando um conjunto simples e harmonioso. Predominavam o recato e o pudor. As camisas, as roupas mais próximas ao corpo, eram feitas de linho e de seda. Os enfeites e lavores localizavam-se exclusivamente em volta do pescoço ou dos punhos e consistiam em bordados com fios de ouro, prata ou seda. A veste que se sobrepunha à camisa era o brial. Por volta do século XIII era largo até o peito, cintado daí aos quadris, ampliando-se a partir deste ponto, em pregas. As mangas variavam em largura e comprimento, às vezes alargando-se desmesuradamente na altura dos punhos. Para Lovillo<sup>11</sup>, as denominações “saia” e “brial” usavam-se com relação ao mesmo referente. Segundo Oliveira Marques, o termo “brial” deixou de ser corrente a partir de meados do século XIII<sup>12</sup>. A “saia”, nova denominação desta veste, não diferia do brial, mas variava com a moda.

A camisa tornou-se muito decotada. Passaram-se a usar, sob esta, paninhos justos para sustentar os seios e até pequenos sacos para moldá-los. Seriam um ancestral do atual sutiã.

Semelhante a um vestido, a saia, já no fim da Idade Média, era confeccionada em veludo, seda ou fazenda mais comum. As mangas eram compridas e justas, alargando-se nas pontas. A cintura era ajustada por meio de cintos, faixas ou cordões, freqüentemente adornados com muito luxo.

Também de uso feminino era o “pelote”, desde o século XIII. Inicialmente era muito comprido e às vezes chegava a ter cauda. Tinha cavas, geralmente pronunciadas,

---

<sup>11</sup> *Op. cit.*

<sup>12</sup> *Op. cit.*, p. 49.

que deixavam à mostra a saia. Foi substituído pela opa que era fechada e encobria a roupa de dentro. No começo do século XV, era fechada até o pescoço, com gola alta ou com um acabamento luxuoso no cabeção. Costumava-se adornar a parte inferior e as aberturas laterais com peles. As mangas tanto podiam ser estreitas quanto largas. Os decotes foram ficando cada vez mais pronunciados, deixando o colo descoberto. As “gargantilhas”, pequenos véus semi-transparentes ou mesmo de lã, serviam para proteger o pescoço e o colo. Houve época em que, dada a profundidade do decote da veste, a camisa, não muito decotada, era adornada finamente na parte superior que ficava à mostra. As damas usavam mantos, semelhantes aos masculinos, ainda que mais elegantes, amplos, presos ou não com cordões e, geralmente, cobrindo a cabeça.

A evolução do vestuário feminino, como já foi dito, foi lenta, o que não impediu que, sobretudo a partir da segunda metade do século XV, houvesse variações nas roupas exteriores, sobretudo no comprimento e na natureza das mangas. Como as vestes eram sobrepostas, às vezes duas, além da camisa, as mangas variavam no comprimento e na largura. Em *O livro da Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, a personagem Aônia sai precipitadamente da cama, cobre a cabeça com uma roupa grande e sai para o eirado, onde

Lembrou-se logo que hia toucada d'hum rodilhado sôo como se erguera, e ou por nam parecer que se erguera entam, ou por nam parecer ma, lançou ella hua manga de camisa sobre a cabeça e leixou-se estar assi<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup>Ribeiro, Bernardim. *História da Menina e Moça*. Variantes, introdução, notas e glossário de D. E. Gokenberger. Prefácio do Prof. Hernani Cidade. Lisboa: Studium, 1947.

As referências a “saia” nos autos de Gil Vicente não permitem decidir se equivaliam ao vestido atual ou se à veste feminina que vai da cintura para baixo. A peça de roupa está ligada a personagens simples e só há alusões especiais à cor, no caso, o verde. Oliveira Marques chama atenção para o favoritismo da combinação entre o verde e o vermelho, no século XV<sup>14</sup>. A designação “opa” não se registra e “pelote”, nas raras vezes em que aparece, é traje masculino. Tratando-se de uma peça exterior à camisa e à saia e, no caso de homens, ao gibão, sua ausência nos autos não é decisiva para descartá-lo da indumentária do século XVI. No já referido frontispício da edição quinhentista da Farsa de Inês Pereira, a figura indicada como Lianor Vaz apresenta uma superposição de vestes. A roupa de cima deixa ver as mangas da de baixo, esta correspondente ao atual vestido, provavelmente uma “saia”, com a parte inferior ampla sem excessos, cobrindo os pés. A peça mais exterior vai, aproximadamente, até os joelhos e tem grandes cavas ovais, o que corresponde à descrição do “pelote” dos séculos anteriores. O movimento da parte inferior desta veste faz crer que fosse ajustada à altura dos ombros e do busto, alargando-se ligeiramente daí até o quadril. Já a figura de Inês Pereira está vestida com uma peça inteira, uma espécie de túnica de volume moderado, cingida à cintura por um cordão comprido, decotada, com mangas à altura do cotovelo bastante largas na extremidade e que deixam à mostra as da camisa.

O “brial” dos autos de Gil Vicente não pode ser confundido com a “saia” da mesma época. Era luxuoso, talhado em seda, brocado ou outro tecido custoso e próprio de pessoas de posse. Mofina Mendes, no seu devaneio, já se vê casada e

---

<sup>14</sup> *Op. cit.*, p. 52.

(...) ataviada  
com um brial d'escarlata,

**Auto da Mofina Mendes**, COMP. I, 115 /  
GV. I, 150, 5

No *Cancioneiro Geral*, Duarte de Brito descreve duas damas que aparecem numa visão e sobre o traje de uma delas diz:

A hũa delas vestia  
hum bryal negro chapado  
de muy rica argentaria,

d'ouro com gram pedraria  
derredor coartepisado  
d'esmeraldas e robys,  
çafiras diamantes,  
e hũ manto  
d'ũs lavoires muy sotys,  
preçiosos e galantes  
de grand'espanto<sup>15</sup>

O Diabo veste a Alma, no auto de mesmo nome, com um brial e o texto não descreve a peça nem a qualifica, o que seria desnecessário, já que o termo designa uma veste de luxo.

Cismena, na **Comédia de Rubena**, pede à criada que traga seu material de costura que está debaixo do seu brial:

Que está nessa camarinha  
Debaixo do **meu** brial.  
(O negrito é de nossa responsabilidade.)

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 388 / GV.  
I, 52, 8-9.

---

<sup>15</sup> *Cancioneiro Geral*, edição citada, pp. 135-136.



Depreende-se daí que, apesar de muito rica, Cismena só tem um brial. Não se trata, portanto, de uma roupa comum.

Quanto ao calçado masculino e feminino, pouco há para dizer. Os sapatos pontudos até o exagero dos séculos anteriores acomodaram-se a proporções discretas. Eram tingidos de diversas cores e feitos com variedades de couro, com preferência para o cordovão. Havia, também sapatos de fazenda comum ou de seda. Eram permitidas decorações, inclusive a ouro e prata. A bota foi usada como calçado de cerimônia, a partir do século XV. Os sapatos e botas de couro de gamo eram caros e requintados. Nos autos as referências a “botas” prendem-se a um pastor e a um escudeiro pobretão. O “borzeguim”, em voga no século XVI, não é citado nos autos, mas é freqüente no *Cancioneiro Geral*. O coudel-mor mostra em trovas a Ruy Moniz sua preferência pelas botas:

Quem mais o gynete segue,  
preza-se de borzeguys,  
mas eu ey por mais gentys  
botas de muy fyno pregue<sup>16</sup>.

Um tipo de calçado especial, de alto luxo e uso restrito, é o “chapim”. Resultava da superposição de solas, cosidas umas às outras e pespontadas. As damas os usavam para parecerem mais altas. O Diabo oferece à Alma “chapins de Valença”. Os socos, calçado de rústicos, têm uma ocorrência no **Auto da Fama**. Na **Serra da Estrela**, Felipa comenta que a visão de um corteão de pantufos de veludo e viola na mão é capaz de perturbá-la.

---

<sup>16</sup> *Idem*, p. 75.

Em Portugal, homens e mulheres usavam a cabeça coberta. Inicialmente, as coberturas mais comuns eram as toucas e as coifas, usadas por camponeses e artífices e também por burgueses e nobres até o final do século XIV. Os camponeses colocavam por cima desta primeira cobertura, denominada barrete, chapéus de abas largas e copas baixas (sombrieros) que protegiam do tempo e que também foram muito usados por peregrinos e viajantes. Frequentemente, o barrete do homem do povo assemelhava-se a um capuz e dispensava outra cobertura. Nobres e cavalheiros colocavam um sombreiro por cima do barrete, a partir do século XV. O material de confecção dos barretes era feltro, seda ou veludo. O tamanho da copa variava. Os mais populares tinham a copa baixa. Uma cobertura muito difundida a partir do século XIV foi o capeirão ou capeirote, também conhecido como chapeirão, por influência francesa (chaperon). Consistia em um capuz emendado a uma capa pequena que não passava dos ombros, com abertura para o rosto. O feitio desta peça sofreu inúmeras variações. Ora era o comprimento da ponta que chegava ao exagero, ora a maneira de colocar a abertura que resultava em deslocamentos para a direita ou a esquerda, ou ainda permitia que a ponta ficasse para trás. Muitas vezes esta, excessivamente comprida, precisava ser enrolada em volta do pescoço ou da cabeça, como um turbante. Os mais moderados usavam a cobertura sem exageros e na posição normal. Geralmente os capeirões eram confeccionados em fazenda lisa. Para ocasiões solenes, faziam-se de seda e podiam apresentar cores misturadas e ainda enfeites de jóias e bordados. Desapareceu o capeirão como cobertura de cabeça, nos fins do século XV. O chapeirão que aparece em Gil Vicente não é toucado, como já foi visto quando tratamos de mantos e capas. Nas ocorrências dos autos, não há

dúvida de que seja uma capa grande, um manto. Aliás esta é a interpretação de Moraes e de Viterbo. Já Leite de Vasconcellos<sup>17</sup>, com apoio em Carolina Michaëlis de Vasconcellos<sup>18</sup>, considera que seja um capuz. De fato, os textos que servem de base a D. Carolina são do *Cancioneiro da Vaticana*: “caparom”, na cantiga nº 926 e “capeyrote”, na 1069. De acordo com o que foi visto acima, os verbetes dizem respeito a referentes distintos. Oliveira Marques, nossa principal fonte de apoio na descrição da peça, esclarece que Embora de há muito sofresse a concorrência de outros tipos de chapéus, só no último quartel do século XV, o chapeirão parece ter desaparecido inteiramente da indumentária masculina<sup>19</sup>. Nos autos, o chapeirão está ligado a rústicos, com a função de proteger, seja escondendo (**Comédia do Viúvo**), seja abrigando do tempo. É possível imaginar-se um capuz prolongado em capa, já não terminada à altura dos ombros, mas suficientemente comprida para proteger o corpo inteiro.

Nos autos de Gil Vicente, aparecem como coberturas de cabeça masculinas “barrete”, “capelo”, “capuz”, “carapuça”, “gorra” e “sombreiro”. Não há referências a peças exóticas nem exageradas, como foi próprio dos séculos anteriores. O capelo, pelo que se pode depreender do texto, deveria ser um sucedâneo do capeirote. Diz respeito a rústicos que dele se servem para transportar pequenos objetos e até lebres, frutas e alimentos. É, também, peça característica do traje religioso de frades. O termo “carapuça” aplica-se a qualquer tipo de barrete ou sombreiro. A gorra, co-

---

<sup>17</sup> Vasconcellos, J. Leite de. *Estudos de Filologia Portuguesa*. Seleção e organização de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961.

<sup>18</sup> *In*: Zeitsch. F. Rom. Philol. XXVIII (e não XVIII, como, por lapso, registrou Leite de Vasconcellos), 396, nota 1.

<sup>19</sup> *Op. cit.*, p. 45.

mum a homens e mulheres, foi muito usada até o reino de D. João III. Tinha forma arredondada.

As mulheres dedicavam especial atenção ao toucado. Os cabelos soltos eram permitidos às donzelas, mas foi sempre moda trazê-los arrumados, geralmente em tranças que se colocavam no alto, em volta da cabeça, ou cobrindo as orelhas. Veja-se o procedimento de Aônia na *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, no passo transcrito, quando tratamos de “mangas”.

Como cobertura eram comuns os véus e lenços e, também, coifas e toucas. A “mantilha” cobria a cabeça e se estendia até a cintura. A “enxaravia”, espécie de lenço de cabeça, refere-se a uma pastora no **Auto Pastoril Português**. Uma enxaravia vermelha, de acordo com o livro V das Ordenações, era um sinal afrontoso que as alcoviteiras deviam trazer fora de casa, quando não houvesse pena de morte ou degredo<sup>20</sup>. A “beatilha” era uma espécie de touca usada por mulheres idosas, freiras, beatas e por pastoras. A “coifa”, peça mais delicada, uma rede de seda, de gaze ou de malha, bem agarrada à cabeça, envolvia os cabelos e se fechava no alto da cabeça. Podia ser ricamente ornamentada. Nos séculos XIV e XV usavam-se chapéus sobre a coifa, às vezes excessivamente altos e exóticos. O nome genérico desta peça, que não chegou ao tempo de Gil Vicente, era “crespina”. Uma coifa ajustada à cabeça, às vezes coberta por um véu ou por um chapéu pequeno, enfeitado com cordões de ouro e penas, preso aos cabelos por grampos, foi moda no século XVI. Mais uma vez, recorrendo ao frontispício de edições quinhentistas, podemos observar, no do **Auto de Inês Pereira**, que a figura que representa Inês tem os cabelos acom-

---

<sup>20</sup> Cf. Viana, A. R. Gonçalves. *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica, 1906, Vol. I, p. 395.

dados numa coifa e Lianor Vaz usa um chapéu pequeno, com uma copa suficiente para conter os cabelos e aba discreta na frente; no da *Prática dos compadres* de António Ribeiro Chiado, as mulheres têm coberturas bem ajustadas à cabeça, possivelmente coifas; no da edição de Évora, de 1561, da Comédia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcelos, a mulher usa uma coifa enfeitada com uma pena<sup>21</sup>.

Acessórios utilitários não dispensavam adornos requintados. Os cintos eram decorados com metais preciosos e pedras e os cordões e faixas, tecidos com fios de seda e até de ouro. Usavam-se bolsas presas aos cintos, já que as vestes não tinham bolsos. Os lenços (suadeiros), que só se difundiram na Europa a partir do século XVI, podiam ser bordados com pérolas e pedrarias. As luvas eram usadas por pessoas das classes elevadas e, embora servissem para proteger do sol e do frio, podiam ser lavradas com fios de ouro e aljófar. Moldavam a mão e, provavelmente, não tinham separação para os dedos, daí existirem as de um só polegar.

No *Cancioneiro Geral* nas já mencionadas trovas do Coudel-mor ao seu sobrinho, tem-se:

Luuas d'hũu sôo poleguar,  
feytas de pele de lontra,

galante que as encontra  
nam lhe deuem d'escapar<sup>22</sup>.

Como enfeites, homens e mulheres usavam correntes, colares, anéis em todos os dedos (o diabo oferece à Alma dez

---

<sup>21</sup> As ilustrações estão em Picchio, Luciana Stegano. *História do Teatro Português*. Lisboa: Portugalia, 1964.

<sup>22</sup> *Op. cit.*, p. 71.

anéis no auto de mesmo nome). Os broches (firmas), inicialmente com a função de prender, transformaram-se em jóias valiosas. Braceletes e pulseiras, brincos, coroas e diademas não faltavam para o adorno das mulheres. As pedras mais apreciadas eram a esmeralda, o rubi, a safira e o diamante. Usavam-se, também colares com contas de âmbar e de corais.

O material e os próprios recursos de confecção davam prestígio e requinte ao traje. Os tecidos mais valiosos eram a seda, o brocado, o veludo e o cetim. As sedas decoradas com ouro existiam no Oriente e, mais tarde, na Espanha e na Sicília, onde eram manufaturadas pelos árabes. No final do século XV, a arte de tecer com ouro foi abandonada.

Um dos processos de valorização da fazenda era o frisado, que consistia em pentear e retorcer o pelo do pano (frisa). Até meados do século XV, os mantos e outras peças costumavam ser enfeitadas com farpas, um acabamento requintado. Estas eram cortadas no próprio tecido ou postiças. A partir desta época, saíram de moda e só as vestes de escudeiros e criados eram farpadas. Pelas Ordenações Afonsinas, as farpas eram símbolo dos tabeliães. No **Clérigo da Beira**, Gonçalo, filho de um lavrador, diz:

Ora fiaí de rascão,  
que farpa todo o pelote,  
e não se farta de pão.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 542 / GV. VI,  
37, 6.

A moda em Portugal acompanhou de perto as transformações econômicas e o advento da burguesia. A concentração da população nas cidades contribuiu para o desenvol-

vimento do comércio e refletiu-se no vestuário. Todos queriam parecer bem e competir com os concidadãos, e ascender socialmente. Na nobreza a competição se dava entre os pares. Os abusos no setor do vestuário foram de tal ordem que provocaram regulamentações e proibições tanto em Portugal como na Espanha. A indústria têxtil desenvolveu-se. Os materiais passaram a valer também pela procedência. Importavam-se tecidos, peles, materiais diversos e até peças já confeccionadas. No século XIII eram importadas capas da França. A preocupação de estar na moda e de bem trajar era bem viva no século XVI. Nota-se isso nas trovas de zombaria do *Cancioneiro Geral* em que são apontados exageros, mau gosto e situações ridículas. As personagens vicentinas preocupam-se com a aparência, com os adornos e com as vestes vistosas. Todos querem sobressair e causar boa impressão pelo traje.

Vestiduras facen mucho conoscer a los omes por nobles o por viles, e los sábios antiguos establecieron que los reyes vistiessen paños de seda e con piedras preciosas porque los omes los puedan conoscer.

Lei V, título V da II Partida (*Apud* José Guerrero Lovillo. *Las Cantigas*, Madrid: Instituto Diego Velásquez, 1949)

---

## 2. O HÁBITO FAZ O MONGE... OU NÃO

Uma leitura mais cuidadosa dos autos aponta para algo mais do que o número elevado de vocábulos referentes a este campo, principalmente porque as ocorrências se dão no diálogo e raramente na descrição de personagens. A contextualização dos termos fornece ao leitor (já que estamos lidando com o texto escrito) pistas indicadoras da maneira de se vestir de grupos sociais e da importância dada ao traje e à aparência, de maneira geral, pelos indivíduos e pela sociedade.

A preocupação com a aparência e o adorno perpassa por todo o texto vicentino. As poucas referências à Virgem Maria a mostram adornada, se bem que estes adornos sejam, na maior parte das vezes, virtudes ou coisas sem valor material. Ela é apresentada “ataviada / de malla de sancta vida”, “pulcra”, “con galas, arrees” (enfeites), “com mui fermosa aparência”, “vestida como Rainha”. Em contrapartida, as condições de pobreza em que Cristo nasceu são ressaltadas e exaltadas. No **Auto Pastoril Castelhana**, os pastores, avisados pelo Anjo do nascimento do Redentor, encaminham-se para o presépio e lá tecem comentários sobre o que vêem: Señora, com estos hielos / el niño se está temblando: / de frío veo llorando / el criador de los cielos / por falta de pañuelos. / Juri a san! Si tal pensara, / o



por dicha tal supiera, / un çamarro le truxera / de una vara, que ahotas que él callara<sup>23</sup>.

No **Auto dos Reis Magos**, o Ermitão informa sobre Jesus menino: lo verá desnudo echado / de los fríos trespasado<sup>24</sup>. A Prudência, no **Auto da Mofina Mendes**, transmite: Eruteia profetiza / diz aqui também o que sente: / que nascerá pobrememente, / sem cueiro nem camisa / nem cousa com que se aquente<sup>25</sup>.

O culto à aparência revela-se em todos os níveis. No **Auto da Alma** fica bem definida uma oposição entre natural (espiritual) e material (mundano). De um lado, tem-se a vida espiritual, apartada de toda cousa mundana que convém à Alma para sua salvação e, do outro, as pompas, os trajes suntuosos, a ostentação, próprios do mundo. O Diabo diz que a Alma vai... desautorizada, / descalça, pobre, perdida e, depois de vesti-la com um brial e calçá-la com chapins de Valença faz sua apreciação: agora estais vós mulher de parecer<sup>26</sup>. Tenta atraí-la com ouro, pedras preciosas, brocados, sedas e oferece-lhe colar de ouro esmaltado, dez anéis e pendentos (brincos). A Alma, mais tarde, arrependida, lastima-se de ter abandonado seus perfeitos arreios naturais pelos feios trajes mundanais, mas antes respondera ao Anjo que lhe perguntara que estava fazendo ali: Faço o que vejo fazer / polo mundo. Em outras palavras, está acompanhando o luxo, a ostentação, a aparência. Mesmo repudiado, o enfeite está presente nos “arreios naturais”, mas ainda assim há oposição entre natural e mundano. Assim como se viu com referência à Virgem Maria, a necessidade de parecer bem pelo enfeite existe, o que muda é o plano

---

<sup>23</sup> **Auto Pastoril Castelhana**, COMP. I, 32-3 / GV. I, 26

<sup>24</sup> COMP. I, 42 / GV. I, 41

<sup>25</sup> COMP. I, 106 / GV. I, 134

<sup>26</sup> COMP. I, 182 / GV. II, 13

em que este se insere, espiritual ou material.

Semelhante é o que se dá na **Exortação da Guerra**. A troiana Policena, trazida a pedido do Clérigo Nigromante, muito bem ataviada / e concertada, / assi linda como era<sup>27</sup>, dirige-se à platéia, incitando as senhoras a seguir seu exemplo e de suas irmãs que teciam os estandartes bordados de todas partes / com divisas mui louças e davam seus colares e jóias<sup>28</sup>.

As palavras de Policena estão imbuídas de patriotismo. Ela contrapõe bandeiras e estandartes, ainda que bordados, a peças de luxo, jóias e labores requintados. No mesmo auto, com a mesma tônica, são as palavras de Aníbal: Fazei contas de bugalhos, / e perlas de camarinhas, / firmais de cabeças d'alhos; / isto si, Senhoras minhas, / e esses que tendes daí-lhos. / Oh, que não honram vestidos, / nem mui ricos atavios, / mas os feitos nobrecidos! / Não briaís d'ouro tecidos / com trepas de desvarios; /<sup>29</sup> daí-os pera capacetes.

Os objetos persistem, mas muda a matéria-prima. “Bugalho” é o nome do fruto do carvalho e também a designação das contas grosseiras do rosário. Moraes registra o plural “camarinhas” como frutices, que nascem nos camarções, de certas urzes<sup>30</sup> e, na mesma página, “caraminhado” que tem feição de camarinhas, ou bagas d'orvalho. No Aurélio<sup>31</sup>, uma das acepções do vocábulo é gótulas redondas: camarinhas de suor. Ainda restam os firmais (broches), geralmente redondos, de cabeças d'alho. A substituição do material é engenhosa, tanto nas contas quanto nos firmais e, com respeito às pérolas, já é lugar comum compararem-se gótulas de água ou de

---

<sup>27</sup> Cf. COMP. II, 167 / GV. IV, 138

<sup>28</sup> COMP. II, 171 / GV. IV, 145

<sup>29</sup> COMP. II, 176 / GV. IV, 153

<sup>30</sup> *Op. cit.*, Vol. I, p.329.

<sup>31</sup> *Novo Dicionário Aurélio*. 1ª ed (2ª impressão). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

suor com aljôfar. Destoando da tônica do prestígio da boa aparência, Aníbal enaltece “os feitos nobrecidos” e os “capacetes”, opondo-os a “vestidos”, “ricos atavios” e “briaís d’ouro tecidos”.

Somente as pessoas simples valorizam o caráter funcional da roupa: cobrir e abrigar. Veja-se o pastor Gil, no **Auto Pastoril Castelhana**, que, vendo Jesus na manjedoura, nu e com frio, pensa em presenteá-lo com um abrigo, um samarro, veste tipicamente pastoril<sup>32</sup>.

A roupa ajuda a compor o tipo e a revelar a personalidade das personagens. As pessoas simples, pastores e rústicos, usam vestes condizentes com sua situação. As peças alusivas ao seu vestuário são despreziosas e utilitárias, mais próprias para cobrir e abrigar: camisa, saio, samarro, capote, capuz, capelo, chapeirão. Para as mulheres, além de camisa e saia, há fraldilha, mantilha, enxaravia, coifa e, para enfeitar, anéis e sortijas de material barato.

Embora dando importância à roupa como abrigo, os pastores também valorizam a aparência. Suas ambições, entretanto, têm vôo curto. Cismena<sup>33</sup>, pastora menina, pretende ganhar uma coifinha lavrada e, procurando seus cabritinhos malhados e dois porquinhos, de bom grado Dera eu ora o meu orelo<sup>34</sup>, / e os meus alfinetinhos / e achasse os meus porquinhos. Juan Guijarro<sup>35</sup> pensa impressionar a zagala com sua roupa nova, embora sem luxo, do mesmo modo que Joane<sup>36</sup> quer que Catarina veja seu saio pardo. O mesmo Juan Guijarro lastima-se da insensatez de deixar-se levar pelo desejo de agradar a amada, não só com presentes (uma saia

---

<sup>32</sup> COMP. I, 33 / GV. I, 26

<sup>33</sup> **Comédia de Rubena**

<sup>34</sup> Talvez uma peça de lã grosseira. Cf. verbete **Orelo**.

<sup>35</sup> **Triunfo do Inverno**

<sup>36</sup> **Auto Pastoril Português**

verde escuro e uma sortija), mas também pela aparência, quando deveria ter guardado dinheiro para comprar samarro para o inverno. De certa forma, pode dizer-se que essas pessoas têm consciência de sua condição social e não ambicionam ir muito além do que são. Isso não impede, entretanto, que os sonhos sentimentais de Filipa<sup>37</sup> se voltem para cortesãos de pantufos de veludo e viola na mão. Já Gonçalo, no mesmo auto, repelindo a possibilidade de casar-se com Catarina Meigengra, moça de algumas posses, diz que Não vem a Meigengra a conto, / que é descuidada perdida; / traz a saia descosida / e não lhe dará um ponto.

Há um lado negativo na valorização da aparência que não é comum entre os personagens simples, mas observa-se entre burgueses, escudeiros e até fidalgos de alguma renda. Sua principal característica é a ambição de parecer o que não se é, nem tem condições de ser. Os moços de esporas<sup>38</sup> dos escudeiros de **Quem tem farelos?** fazem comentários sobre seus amos e Apariço diz que o seu, Aires Rosado, Vem alta noite de andar, / de dia sempre encerrado: / porque anda mal roupao, / não ousa de se mostrar<sup>39</sup>.

O desejo de aparecer extrapola os limites dos grupos sociais e leva os personagens a perder sua identidade. Bom exemplo é o Frei Paço, ridículo pelo próprio nome, que se apresenta como um misto de religioso, mundano e cavaleiro com seu hábito e capelo, e gorra de veludo, e luvas, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortesão<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> **Serra da Estrela**

<sup>38</sup> Isto é, moços que serviam em casa ou cavaliça com a intenção de ascender socialmente.

<sup>39</sup> COMP. II, 328 / GV. V, 60

<sup>40</sup> **Romagem de Agravados**. COMP. II, 289 / GV. V, 1

Nobres e ricos, e também os escudeiros, parasitas ambiciosos que mal têm o que comer, usam calças, calções, gibão, capa, manto, sombreiro, barrete, gorra. Frei Paço traz luvas e na **Comédia de Rubena**, as lavrandeiras de Cismena apresentam-lhe um penteador ricamente franzido, destinado ao Bispo de Funchal e fazem labores em um suadeiro (lenço) do Embaixador, para que veja o Imperador / que as cousas de Portugal / todas têm grande valor. O Doutor Justiça Maior (**Floresta de Enganos**) usa beca, loba, peças que se ligam a vestes talares. Essa última, segundo Moraes, podia ser traje escolástico, composto de uma túnica sem mangas e de uma capa talar (cf. verbete “loba”).

No texto, a beca é de veludo e a loba, de “contray frisado”, tecido fino e trabalhado. O Doutor ainda se apresenta de luvas e sombreiro, como homem elegante que é. Constam do traje de frades e clérigos hábito, burel, barrete, cordão, capelo e, ainda que não se trate de veste, a coroa, tipo de corte de cabelo, é o termo mais solicitado como identificador de religiosos. Na **Barca do Inferno**, o frade apela para a autoridade de sua coroa – Mantenha Deus esta coroa!<sup>41</sup> – como anteriormente já fizera com o hábito – e este hábito não me vale?<sup>42</sup> Na **Frágua de Amor**, coroa vale por condição religiosa: um frade diz que de mero malhardeiro / me fui fazer de coroa.

Não é só com relação ao traje que as pessoas se deixam levar pela aparência e pela ambição. Nos **Almocreves**, Gil Vicente apresenta um fidalgo de muito pouca renda, mas que usava muito estado e tinha capelão seu e ourives seu, e outros oficiais, aos quais nunca pagava<sup>43</sup>. O capelão, segundo o texto, esfarrapado, reclama pagamento e alega outras funções que vem

---

<sup>41</sup> COMP. I, 215 / GV. II, 60

<sup>42</sup> COMP. I, 214 / GV. II, 58

<sup>43</sup> COMP. II, 495 / GV. V, 331

exercendo, inclusive a de limpar sapatos, há três anos. O fidalgo tenta engabelá-lo com promessas de conseguir sua entrada para o serviço do paço: foi sempre a vontade minha / dar-vos a el-Rei ou à Rainha<sup>44</sup>. O mesmo tipo de discurso enganador é dirigido ao ourives e ao próprio pajem, um “ratinho” a quem foram dadas atribuições que não estava capacitado a ter.

O Almocreve Pero Vaz dá ao pajem notícias de seus pais: ele, cansado e suado, cavando, e a mãe, mal roupada (mal vestida), levava o gado. Mantém-se entre os dois um diálogo em que, do lado do pajem, nota-se ambição desmedida e fantasia. Ele, um ratinho filho de pais miseráveis, na sua megalomania, considera-se já na corte e estende sua fantasia aos demais de sua condição: Assi que até os pastores / hão de ser d’el-Rei samica! Por isso esta terra é rica / de pão, porque os lavradores / fazem os filhos paçãos. É completa: Cedo não há d’haver vilãos; / todos d’el-Rei, todos del-Rei<sup>45</sup>. A resposta do almocreve Pero Vaz está impregnada de realismo e senso comum<sup>46</sup>.

PERO VAZ     Pardeus, João Crespo Penalvo,  
que isso seria esperar  
de mau rafeiro ser galgo.

Mais fermoso está ao vilão  
mau burel, que bom frisado,  
e romper matos maninhos;  
e ao fidalgo de nação  
ter quatro homens de recado,  
e leixar lavar ratinhos.  
Que em Frandres e Alemanha,  
em toda França e Veneza,  
que vivem per siso e manha,

---

<sup>44</sup> COMP. II, 500 / GV. V, 339

<sup>45</sup> COMP. II, 504 / GV. V, 346

<sup>46</sup> A transcrição será mais longa para permitir o acompanhamento da opinião de Pero Vaz.

por não viver em tristeza.

Não é como nesta terra;  
porque o filho do lavrador  
casa lá com a lavradora,  
e nunca sobem mais nada;  
e o filho do broslador  
casa com a brosladora;  
isto per lei ordenada.  
E os fidalgos de casta  
servem os reis e altos senhores,  
de tudo sem presunção,  
tão chãos que pouco lhes basta.  
E os filhos dos lavradores,  
pera todos lavram pão.

COMP. II, 512 / GV. V, 358

A necessidade de ostentação do fidalgo é alimentada pela ambição dos que para ele trabalham. Estes assumem compromissos indevidos, subalternos (capelão), ou que não estão à sua altura (pajem). A fala de Pero Vaz apresenta a ordem estabelecida que está sendo infringida pela vaidade e pela ambição e, como diz ele, Mais fermoso está ao vilão / mau burel, que bom frisado. Se é verdade que o vestuário identifica socialmente o homem, sem sombra de dúvida, os personagens de Gil Vicente poderiam ser reconhecidos pelo que vestem. Vimos anteriormente que, nos autos, não há apresentação de um traje completo, quer masculino, quer feminino. Algumas peças são destacadas como marcas de identificação de quem as usa e, com isso, é possível restabelecer, num primeiro momento, a classe social da personagem e até traços de sua personalidade, como o inconformismo com a própria situação, necessidade de afirmação, seja pelo desejo de parecer bem, seja pela necessidade de presentear, ambição, orgu-

lho do pouco que tem, valorização de pequenas coisas. Algumas dessas peças de vestuário identificam a personagem no seu grupo. Para uma mulher do povo, um brial só pode existir nos seus sonhos, como no caso do devaneio de Mofina Mendes que se imagina rica e casada, ... ataviada / com um brial d'escarlata. D. Rosvel, na **Comédia do Viúvo**, tirou o chapeirão e ficou vestido como quem era<sup>47</sup>. Ele disfarçara-se como pastor para ficar perto da amada. O Doutor Justiça Maior troca loba e beca por fraldilha e beatilha, peças próprias de mulher do povo, para poder entrar na casa da moça que pretende conquistar<sup>48</sup>. O frade da **Barca do Inferno** requer o respeito pelo seu hábito e sua coroa e o Diabo ironiza: Ó padre Frei Capacete! / Cuidei que tínheis barrete<sup>49</sup>. Na página 60 do volume II da edição de Marques Braga, uma nota esclarece que Ao tirar o capuz, viu-se que o frade trazia capacete. Na **Frágua de Amor**, diz o frade, que antes fora azemel, carpinteiro e malhadeiro, a **Cupido**: Aborrece-me a coroa, / o capelo e o cordão, / o hábito e a feição, / e a véspera e a noa / e a missa e o sermão. E ainda: ... e o sino e o badalo, / e o silêncio e a disciplina, / e o frade que nos matina<sup>50</sup>. Em outras palavras, a apresentação que o identifica e as obrigações decorrentes da condição de religioso lhe são intoleráveis.

No **Clérigo da Beira**, o filho interpela o pai sobre sua coroa: Vós haveis de celebrar / missa da festa em pessoa / e não fazeis a coroa / antes que vamos caçar? / Pois, pai, não haveis de olhar / que sois Clérigo da Beira, / porque já a gente cabreira / em tudo quer atentar?<sup>51</sup>

Os comentários que vimos tecendo, num primeiro momento, sugerem que grande parte das personagens

---

<sup>47</sup> COMP. I, 438 / GV. III, 122

<sup>48</sup> COMP. I, 491 / GV. III, 194

<sup>49</sup> COMP. I, 214 / GV. II, 60

<sup>50</sup> COMP. II, 159-160 / GV. IV, 125

<sup>51</sup> COMP. II, 518 / GV. VI, 1-2



vicentinas são seres inconformados e frustrados. No que toca ao vestuário e à maneira de apresentar-se, notam-se personagens insatisfeitas com o que vestem, outras que anseiam por uma melhor aparência, e não poucos que tentam burlar o próximo, disfarçando pelo traje o que realmente são. Nos autos, alguns tipos são marcados pela roupa como membros de um grupo específico. Neste caso, os termos de vestuário ora funcionam como um sinal, ora como símbolo de um grupo, de uma classe social ou de sexo, sem conotação de valor. A vara, embora não seja peça de vestuário, simboliza a justiça e é insígnia de juiz. Compõe a indumentária do Doutor Justiça Maior na **Floresta de Enganos**. Chegando à casa da moça, o sessentão conquistador deixa de fora a vara, a seu pedido, e comenta: Si, que es vara de condón, / que me da gruessa hazienda; / y aunque ella poco me rienda, / dame mucha ocasión<sup>52</sup>. A moça esperta procura livrá-lo daquilo que é indício da sua profissão e da sua situação social: Tirai a loba e daí-ma cá, / luvas e sombreiro e tudo, / e a beca de veludo, / que tudo se guardará<sup>53</sup> e oferece-lhe o disfarce: e vesti esta fraldilha, / e ponde esta beatilha, / e fazei que peneirais<sup>54</sup>. Há uma troca de identidade provocada pela troca de marcas: o magistrado (beca e loba) e homem mundano (luvas e sombreiro) faz-se de mulher do povo (fraldilha e beatilha) e empenha-se numa função feminina subalterna (peneirar farinha).

Esse é apenas um exemplo<sup>55</sup>. Poderíamos falar ainda nas marcas que identificam os religiosos, os homens do

---

<sup>52</sup> COMP. I, 491 / GV. III, 194

<sup>53</sup> COMP. I, 491 / GV. III, 194

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> Tratamos das marcas e dos signos vicentinos em outro trabalho: Bomfim, Eneida do R. M. *Termos relativos ao vestuário: sua função nos Autos de Gil Vicente*.

mundo, os cavaleiros. A operacionalização desses elementos nos autos são fundamentais para o entendimento da atitude crítica de Gil Vicente. Mas isso é matéria de outro trabalho, a ser publicado em breve.

## PARTE II

Zelotppo, Eufrosina, Sibula de Sousa



**C**omedia Eufrosi-  
na. De nouo reuista, z em partes  
acrecentada. Agora noua-  
mente impressa.

**C**Dirigida ao muito alto z poderoso  
principe dom Joam de Portugal,

Na página anterior, frontispício da edição de Évora, 1561, de *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa).

## 1. VESTES, EM GERAL

As vestes, em geral, pela riqueza de nomenclatura, fazem crer que fossem muito mais variadas do que hoje. Das peças de vestuário masculino, são nomeadas por Gil Vicente: *beca, bragas, calças, calções, camisa, capa, capote, chapeirão, chiole, gibão ou jubão, jaqueta, loba, manto e mantão, pelote, penteador, saio, samarro*. Como vestes femininas: *alfarda, alquicel, brial, camisa, fraldilha, saia, sainho, vasquinha*.

O termo *vestido* só aparece como genérico, no sentido de “roupa”, “veste”.

Nota-se uma maior preocupação com as vestes masculinas do que com as femininas, o que é explicável numa época em que se, de um lado, o luxo do traje chegava a ser causa de regulamentações oficiais, por outro lado, as mulheres tinham vida quase que restrita ao lar.

Alguns termos referem-se especificamente a uma classe e chegam a marcá-la. Assim, *chapeirão* só diz respeito a rústicos, nos autos. É o disfarce de D. Rosvel na **Comédia do Viúvo**, nobre apaixonado que passa por camponês, para viver assalariado na casa de sua amada. (COMP. I, 438 / GV. III, 122)

*Samarro*, nas formas *çamarro, çamarilla, çamarrón* que, aliás, designam agasalhos diferentes uns dos outros, refere-se nos autos a pastores. No **Auto da Feira**, o feminino *samarra* diz respeito a pontífices. O *saio*, veste mais antiga e tradicional, é próprio do homem do campo. *Manto, capa, loba* e *penteador* afinam-se com as classes mais elevadas. A peça de vestuário comum tanto a homens quanto a mulheres, usada por todas as classes sociais, é a *camisa*. As variações dizem respeito ao material de confecção ou a possíveis adornos.

*Brial* liga-se a mulher de classe elevada; *loba* e *beca* funcionam como distintivo do Doutor da **Floresta de Enganos**, trocado por *fraldilha* e *mantilha*, no seu disfarce de mulher do povo (COMP. I, 491 / GV. III, 194).

Dos vocábulos designativos dos diversos trajes, grande parte caiu em desuso e outros passaram a designar objetos diferentes. *Alfarda*, *alquicel*, *bragas*, *brial*, *chiote*, *fraldilha*, *loba*, *pelote*, *saio* e *vasquinha* não se usam mais. *Gibão* que nos autos e no *Cancioneiro Geral* aparece com a variante *jubão*, no Brasil é usado na expressão “*gibão de couro*”, traje típico do vaqueiro nordestino. O termo *calças* designava uma peça de roupa diferente, semelhante às atuais meias compridas femininas. A *camisa* era veste interior e, com o tempo, cada vez mais curta, passou a ser semelhante às de hoje. A expressão “estar em camisa” designava estar à vontade, em trajes íntimos, com o mínimo admissível de roupa. Vem a ter duas significações. Ou alguém está sem roupa porque se despiu, ou porque não a tem, daí “em camisa” significar estar em trajes íntimos ou estar na mais absoluta penúria. No texto de Gil Vicente, a expressão “en faldetas” corresponde à segunda acepção.

A *saia*, originariamente traje dos dois sexos, em Gil Vicente já é feminina e, provavelmente, com as características de hoje, como veste que se usa da cintura para baixo.

A descrição possível de cada traje será dada no verbete competente. A preocupação com o detalhe das peças pode observar-se na **Comédia de Rubena**. Um *suadeiro* (lenço) é trabalhado com pedra de muitas cores. (COMP. I, 393 / GV. 58-59). A noiva de Silvestre (**Auto Pastoril Castelhana**, COMP. I, 29-8 / GV. I, 20-14) tem manguitos vermelhos y alfarda mui lúcida. O Doutor da **Floresta de Enganos** usa beca de veludo e loba de contray frisado. (COMP. I, 495 / GV. III, 200, 6-7)

Entre os vocábulos designativos de vestes em geral, não se nota o cosmopolitismo acentuado que apresentam termos relativos a outros setores. No que concerne à etimologia, a maioria é de origem latina. *Alfarda*, *alquicel* e *jubão* vêm do árabe. *Alquicel*, aliás, é uma veste mourisca que foi de uso obrigatório para os mouros de Portugal. Em Gil Vicente é usado por uma das criadas das damas de **Cortes de Júpiter**. Aquelas, para contrastar com estas, primam pelo desmazelo ou pelo exotismo. Talvez seja o caso de *alquicel*, no texto, *alquicé*.

A moça irá num alguidar;  
e vestido um *alquicé*;  
o alguidar por lavar,  
e ela por pentear,

(COMP. II, 215 / GV. IV, 249, 5-8)

No grupo, há vocábulos de origem basca, franca e outras que não oferecem nada de especial para comentar.

#### ALFARDA (esp.)

Lenço de cruzar sobre o peito.

Danme la moça vestida  
de hatillos dominguejos,  
con sus manguitos vermejos,  
y *alfarda* mui llozida!

**Auto Pastoril Castelhana**, COMP. I, 29 / GV.  
I, 20, 16

## ALQUICÉ

Existem, também, as formas *alquicel* e *alquicer*, não empregadas por Gil Vicente. É uma espécie de capa mourisca, geralmente branca, de lã. Segundo Viterbo (I, 435), foi tornado traje obrigatório dos mouros por D. Afonso IV. D. Afonso V regulamenta a forma de cerrá-los. D. João II torna-o, novamente, obrigatório, em 1488, havendo penalidades rigorosas para os que não o usassem. As formas *alquicel*, *alquicé* e *alquicer* estão registradas na edição crítica de Viterbo, de Mário Fiúza, assim como *alquicée*. Em Moraes, apenas *alquicé* e *alquicer*.

No texto vicentino, tem uma conotação negativa ou, pelo menos, exótica, como já foi visto na introdução ao capítulo.

A moça irá num alguidar;  
e vestido um *alquicé*;  
o alguidar por lavar,  
e ela por pentear;

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 215 / GV. IV,  
249, 6

## BECA – BECA (esp.)

Moraes supõe que antigamente fosse uma espécie de murça curta ou mesmo uma estola. É, também, veste talar de colegiais e magistrados civis. Nos dois empregos de Gil Vicente, as duas acepções são admissíveis. Em **Quem tem farelos?**, Ordonho, fazendo pouco do patrão, diz apostar que um judeu possa matá-lo com uma beca. Já a beca de veludo do Doutor, na **Floresta de Enganos**, é distintivo da sua condição social. Dado o tom de exagero do primeiro caso, deve tratar-se de capa curta ou estola, portanto, leve. No segundo emprego, pode admitir-se a veste talar.



Tirai a loba e daí-ma cá,  
luvas e sombreiro e tudo,  
e a *beca* de veludo,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 491 / GV.  
III, 194, 15

Acá me há quedado todo.  
Una *beca* de veludo,  
y loba de contray frisado,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 495 / GV.  
III, 200, 6

Apuésto-te que un judío  
con una *beca* lo mate

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 330 / GV.  
V, 63, 10

#### BOCAL

Forro das extremidades das mangas.

Aqui hão d'ir uns caireis  
ao redor destes *bocais*.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 392 / GV.  
III, 57, 6

#### BRAGAS

As bragas eram largas e curtas e deviam corresponder a cuecas. Tornaram-se necessárias dado o encurtamento da roupa até a altura dos quadris.

ei-lo Demo vai, ei-lo Demo vem  
co'as *bragas* dependuradas.

**Auto das Fadas**, COMP. II, 407 / GV. V,  
187,12

porque não se tomam trutas  
assi a *bragas* enxutas<sup>1</sup>.

**Juiz da Beira**, COMP. II, 475 / GV. III,  
298, 11

#### BRIAL

Vestido luxuoso, de seda ou tela rica, atado pela cintura.  
Era usado por homens e mulheres (Moraes, I, 301). Em Gil  
Vicente, só há referência a briaais femininos.

e o dia que for casada  
sairei ataviada  
com um *brial* d'escarlata,

**Auto de Mofina Mendes**, COMP. I, 115 /  
GV. I, 150, 5

Vesti ora este *brial*,

**Auto da Alma**, COMP. I / GV. II, 12, 17

Traze ca a almofadinha,  
e a seda e o dedal;

---

<sup>1</sup>Trata-se de um provérbio.

e um coxim e todo o al  
que está nessa camarinha  
debaixo do meu *brial*.

**Comédia de Rubena**, COMP. II, 388 / GV.  
III, 52, 8

não *briais* d'ouro tecidos  
com trepas de desvarios:  
dai-os pera capacetes.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 177 / GV.  
IV, 154, 9

Outra de grã fermosura  
irá em nuvem de bonança,  
em um *brial* sem costura:

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 215 / GV. IV,  
249, 15

Remoçou-m'ela um *brial*  
de seda e uns toucados.

**O Velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V,  
170, 13

### CABEÇÃO

Designa duas coisas diferentes: parte que fica ao redor do pescoço de uma capa, logo, gola, e parte superior da camisa, da cintura para cima. Em Gil Vicente, aparecem os dois sentidos.

É d'aljofre um *cabeção*  
pera o Conde de Penela.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 58, 16

foi e esfarrapou-me toda  
o *cabeção* da camisa.

**Inês Pereira**, COMP. II, 430 / GV. IV, 224, 19

### CALÇAS

Semelhantes às meias compridas femininas atuais. Eram geralmente separadas, com ou sem solas sobressalentes, presas à cintura por cordões ou abaixo dos joelhos, por ligas. Era hábito presentear calças em troca de um serviço.

folias de tanoeiro  
em *calças* e em jubão:

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 397 / GV.  
III, 65, 7

E mais *calças* te prometo.

**Inês Pereira**, COMP. II, 443 / GV. V, 244, 27

### CALÇÕES

Eram bufantes, com o volume dependente da diferença de comprimento entre o exterior e o forro. Em outras palavras: quanto mais curto o forro em relação ao tecido exterior, mais bufante o calção.

que trarão preso um grumete  
sem jaqueta nem *calções*.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 128 /  
GV. I, 169,13

(...) e os Fidalgos do Príncipe tiraram suas capas e ficaram em *calções* e gibões de brocado como carafates

**Nau d'Amores**, COMP. II, 121 / GV. IV, 70

#### CAMISA – CAMISA / CAMIZON (esp.)

Traje interior, masculino e feminino, geralmente em linho ou bragal. As masculinas podiam também ser em seda e bordadas, mesmo a ouro. As femininas, dado o pronunciamento do decote da veste exterior, tinham, às vezes, a parte superior finamente bordada, o mesmo podendo acontecer com os punhos. Primitivamente, a camisa era veste interior que ia até os pés. Depois, passou a ser aberta dos lados, comprida até os joelhos. No calor, podia ser substituída por um peitilho (porta de Holanda), apertado com cordões ou fitas. Na intimidade podia-se andar só de camisa. A expressão “em camisa” significa “em trajes íntimos” e pode, também, ser usada para indicar extrema penúria, ser tão pobre que nem mesmo tem roupas.

Agora lhe fio eu  
ũa *camisa* de linho.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 136 /  
GV. I, 182, 9

ceñió su *camisa* las carnes de fuera,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 371 / GV.  
III, 25, 7

Se *camisa* furutá eu,  
labrado d'ouro faramosa,

**Frágua d'Amor**, COMP. II, 147 / GV. IV,  
108, 16

“quem te me tivesse  
“desnuda *em camisa*!

**Serra da Estrela**, COMP. II, 245 / GV. IV,  
224, 7

Cuidei que eles m'esperaram,  
por não ficar *em camisa*,

**Romagem dos Agravados**, COMP. II, 31 /  
GV. V, 36, 9

e prometi-vos *em camisa*  
a santa Maria da Luz;

**Auto da Índia**, COMP. II, 358 / GV. V, 113, 5

esta *camisa* que trago  
em vossa dita a vesti,

**Auto da Índia**, COMP. II, 359 / GV. V,  
114, 14

foi e esfarrapou-me toda  
o cabeção da *camisa*

**Inês Pereira**, COMP. II, 430 / GV. V, 224, 19

Eu vos trago um bom marido,  
rico, honrado, conhecido;  
diz que *em camisa* vos quer,

**Inês Pereira**, COMP. II, 432 / GV. V, 228, 23

Dadme una *camisa* açúcar colado

**Auto das Ciganas**, COMP. II, 448 / GV. V,  
320, 6

A mi bai furtá entanto  
*camisa* que sá na muro,

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 537 / GV. VI,  
30, 15

si me das un *camizon*  
hare que seas mas rica  
que aya en tu generacion.

**Auto da Festa**, COMP. II, 681 / GV. VI,  
141, 17

ea dame alguna cosa,  
cara de rosa  
una saya desechada,  
una *camisa* rasgada.

**Auto da Festa**, COMP. II, 681 / GV. VI,  
143, 4

### CAPA – CAPA (esp.)

Veste exterior, usada para proteger. Assumia nomes diferentes de acordo com as características e o feitio. Muitas vezes usava-se com capuz. Havia “capas aguadeiras” para proteger da chuva. Em sentido figurado, Gil Vicente usa o termo como “proteção”.

Mandai-me ora agasalhar,  
*capa* dos desamparados,

**Auto da Alma**, COMP. I, 190 / GV. II, 23, 23

ni puedo a tus males ponerte remedio.  
Partamos aquesta mi *capa* por medio;

**Auto de S. Martinho**, COMP. II, 352 / GV.  
II, 268, 16

(...) e os fidalgos do Príncipe tiraram suas *capas*

**Nau d’Amores**, COMP. II, 121 / GV. IV, 70

Sabeis que ganais en eso?  
El mundo todo por vuessos!  
Que aunque tal *capa* me veis,  
tengo más que pensareis:

**Auto da Índia**, COMP. II, 350 / GV. V, 99, 3

Vós trazeis seis moços de pé  
e acrescentai-los a *capa*,

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 499 / GV.  
V, 338, 10



Senhor, eu tenho gastada  
ua *capa* e um mantão;

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 505 / GV.  
V, 348, 7

#### CAPOTE (esp.)

Abrigo, espécie de capa.

Ni *capote* ni capilla,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 258 / GV.  
IV, 281, 19

#### CHAPEIRÃO

Moraes e Viterbo registram *capeiron* como capa grande. Leite de Vasconcellos<sup>2</sup> discorda, com apoio em D. Carolina Michaëlis em **Zeitsch. F. rom. Philol**, XXVIII, 396, nota 1<sup>3</sup>. Para ele, a significação é capuz, a mesma que se encontra em Oliveira Marques. Os exemplos que servem de base a D. Carolina Michaëlis são do Cancioneiro da Vaticana: *caparom*, na cantiga nº 926 e *capeyrete*, na 1069. De fato, ambos, sem dúvida, significam capuz. A discordância se justifica pela evolução da peça, sem mudança de designação. Em Gil Vicente, é manto. Na **Comédia do Viúvo**, é disfarce de D. Rosvel, encobre-lhe as vestes que lhe denunciariam a condição. No **Clérigo da Beira**, o chapeirão escondido por Gonçalo e achado pelo negro é caracterizado como capote: “Graça Deos esse é *capote*”. Nos autos, *chapeirão* é traje característico de rústico.

---

<sup>2</sup> Observações de “Elucidário” de Pe. Santa Rosa de Viterbo, *In: Estudos de Filologia portuguesa*.

<sup>3</sup> É XXVIII e não XVIII como, por lapso, registra Leite de Vasconcellos.

Tirou Dom Rosvel o *chapeirão*, e ficou vestido como quem era;

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 438 / GV. III, 122

Olha por teu *chapeirão*,

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 531 / GV. VI, 23, 15

Leixarei o *chapeirão*  
metido nesta mouteira,

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 534 / GV. VI, 26, 26

Espreita o negro como Gonçalo esconde o *chapeirão*  
e o al,

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 534 / GV. VI, 27

Jesu! E o meu *chapeirão*.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 538 / GV. VI, 30, 20

Vai pedir o *chapeirão*  
Ao negro do Maracote.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 542 / GV. VI, 37, 3

## CHIOTE

Saio de tecido grosseiro, ou, nas palavras de Moraes, saio de droga vil. A abonação do dicionarista é de Prestes, no *Auto do Mouro*. Para Marques Braga, Vestiduras pastoris de burel com capelo. (Nota da p. 29, GV. V)

maus *chiotos* de má pano:  
folgai lá com tais maridos!

**Romagem dos Agravados**, COMP. II, 319  
/ GV. V, 49, 18

## CUEIRO

Pano de cobrir e enfaixar as criancinhas.

E manda pera *cueiros*  
tudo quanto aqui se monta;

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 373 / GV.  
III, 29, 1

Disse que alem dos *cueiros*,  
manda quantas jóias tinha,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 373 / GV.  
III, 29, 9

## DESNUDAR (-SE) (esp.)

Tirar as vestes, despir (-se).

Yo confio  
en Jesús Redentor mio,  
que por mí se *desnudó*,

**Auto da Barca da Glória**, COMP. I, 270 /  
GV. II, 153, 3

## DESNUDO / DESNUDA

Sem roupa ou em trajes íntimos.

Cuán contento  
lo verá *desnudo* echado,  
de los frios trespasado,  
y adorado  
de los brutos animales

**Auto dos Reis Magos**, COMP. I, 42 / GV. I,  
41, 19

“quem te me tivesse  
“*desnuda* em camisa!

**Serra da Estrela**, COMP. II, 245 / GV. IV,  
224, 7

ándome a calçado viejo,  
*desnudo*, desfarrapado,

**O Juiz da Beira**, COMP. II, 469 / GV. V,  
287, 9

## ESFARRAPADO-DESFARRAPADO (esp.)

Roto, em farrapos.

Ahora que soy guaiado  
y negro cristianejo,  
ándome a calçado viejo,  
desnudo, *desfarrapado*,  
el más triste del consejo.

**Juiz da Beira**, COMP. II, 469 / GV. V, 286, 9

(...) um fidalgo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capelão seu e ourives seu, e outros oficiais, aos quais nunca pagava: e vendo-se seu capelão *esfarrapado* e sem nada de seu, entra dizendo:

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 495 / GV. V, 331

### ESQUIPADO

No texto, esfarrapado, coincidindo com nota de pé de página de Marques Braga<sup>4</sup>. O termo, primitivamente, é próprio da linguagem náutica. *Esquipar o navio*, segundo Moraes, é meter nele a gente de remar ou marear<sup>5</sup>. Registra, também a expressão “traje esquipado”, no sentido de “justo”, colado ao corpo.

Pois que não posso rezar,  
por me ver tão *esquipado*,

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 495 / GV. V, 331, 2

### (En) FALDETTAS (esp.)

A expressão “en faldetas” deve ser equivalente à portuguesa “em camisa” – sem nada, pobre a ponto de não ter o que vestir.

y si mi espírito no yerra,  
asegún quedé en *faldetas*,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 257 / GV. IV, 279, 6

---

<sup>4</sup> GV. V, 331.

<sup>5</sup> Cf. *op. cit.*, Vol. I, p. 767.

## FRALDILHA

Avental. Moraes dá como uma espécie de avental ou fralda de couro que usavam antigamente os moços do monte, caçadores. Em Gil Vicente, é traje caracteristicamente feminino, de mulher do povo. Cf. verbete FRALDIQUEIRA.

Deu-t'ele a *fraldilha* roxa?

**Auto da Feira**, COMP. I, 164 / GV. I, 228, 19

e vesti esta *fraldilha*,  
e ponde esta beatilha,  
e fazei que peneirais.

**Floresta de Enganos**, COMP. II, 491 / GV.  
III, 194, 20

Bem vos diz essa *fraldilha*!  
Quereis vós bailar comigo?

**Floresta de Enganos**, COMP. II, 494 / GV.  
III, 199, 13

Inda eu sou molher bem tesa;  
e cair não é maravilha;  
porque empecei na *fraldilha*,  
que co'a pressa,  
não lhe fiz ma ora a presa,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 263 / GV.  
IV, 289, 7

correge essas crenchas, filha  
e viste-te essoutra<sup>6</sup> *fraldilha*,

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 554 / GV.  
VI, 56, 26

### GIBÃO / JUBÃO

Veste que cobre o corpo até a cintura. Aparece como vestuário civil em meados do século XIV. A gola, facultativa, mais freqüente a partir do século XV, tornou-se cada vez mais alta e fechada. As mangas eram compridas e justas. Apesar de veste interior, em festas e cerimônias, em tempo quente, podia ser usado sem outra roupa por cima. Como em Gil Vicente o termo ocorre uma vez em cada forma, não é possível dizer-se se há diferenças de emprego. No nordeste do Brasil, o *gibão* de couro é traje típico do vaqueiro.

Trago-lhe aqui mil gaiteiros  
lampas cada São João  
carreiras no meu ruão  
folias de tanoeiros  
em calças e em *jubão*:

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 397 / GV.  
III, 65, 7

(...) ficaram em calções e *gibões* de borcado como carafates:

**Nau de Amores**, COMP. II, 121 / GV.  
IV, 70

---

<sup>6</sup> Na edição de Marques Braga, *ess'oitra*. Na fala dos judeus, Gil Vicente usa sempre o ditongo *oi*.

Vou e vendo ãa viola  
e um *gibão* de fustão

**Juiz da Beira**, COMP. II, 474 / GV. V,  
297, 11

### JAQUETA

Pequena casaca que se vestia sobre a saia. Segundo Viterbo (II, 187), era traje militar. O mesmo se depreende da descrição de Moraes (II, 187). No texto vicentino diz respeito a um grumete.

e virão três hortelões,  
que trarão preso um grumete  
sem *jaqueta* nem calções.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 128 /  
GV. I, 169, 13

### LOBA (port. e esp.)

Traje antigo, espécie de túnica. Podia ser traje escolástico, composto de uma túnica sem mangas e de uma capa talar. (cf. Moraes, II, 232)

Tirai a *loba* e daí-ma cá,  
luvas e sombreiro e tudo,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 491 / GV.  
III, 194, 13

A *loba* lhe fica cá.

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 495 / GV.  
III, 200, 3



Acá me há quedado todo  
una beca de veludo,  
y *loba* de contray frisado

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 495 / GV.  
III, 200, 7

#### MANGA – MANGUITOS (dim, esp.)

As mangas eram facultativas nas roupas exteriores. Podiam ser costuradas ao ombro ou soltas, presas por alfinetes ou cordões. Houve época em que esteve na moda uma manga de cada cor ou até em cor diferente do traje, o que o texto vicentino parece comprovar (*manguitos vermejos*). De acordo com o tipo de vestimenta, havia mangas longas e justas, abotoadas do punho ao cotovelo; largas no antebraço e muito compridas; franzidas em vários lugares e amarradas com fitas coloridas, confeccionadas com o melhor linho. Certo tipo de opas tinha mangas postiças que podiam ser trocadas. No caso de vestidos femininos sobrepostos, as mangas do de cima eram bem mais largas, ainda que não passassem do cotovelo. Podiam ser costuradas na peça de vestuário ou presas com alfinetes ou cordões. No capítulo XX da *História da Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, Aônia coloca uma manga de camisa sobre a cabeça, porque se achava no eirado, sem estar toucada convenientemente.

Danme la moça vestida  
De hatillos dominguejos,  
com sus *manguitos* vermejos,  
y alfarda muy llozida:

**Auto Pastoril Castelhana**, COMP. I, 29 /  
GV. I, 20, 14

Tirou o Ermitão da *manga*, três papelinhos escritos,

**Serra da Estrela**, COMP. II, 237 / GV. IV,  
214

### MANGUISPANADO

Segundo nota da edição de Marques Braga<sup>7</sup>, entenda-se como “com as mangas rotas”.

y agora ándome ansi  
sin çamarro, sin çurrón,  
perdido, *manguispanado*:

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 259 / GV.  
IV, 282

### MANTÃO

Capa grande para abrigar. Peça utilitária e não de adorno, nos autos de Gil Vicente. O mantão, como traje de luxo, bordado a ouro e forrado de arminho, já passara de moda. No século XV, não mais se usava em certas partes da Europa, mas em Portugal, pelo que se depreende dos conselhos do Coudel Mor Fernã da Silveira ao seu sobrinho, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, mantão era traje admitido na corte, no início do século XVI.

Senhor, eu tenho gastada  
ũa capa e um *mantão*;

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 505 / GV.  
V, 348, 7

---

<sup>7</sup> *Op. cit.*, Vol. IV, p. 282.

O *mantão* mandai guardar

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 553 / GV.  
VI, 55, 11

Quanta choca, quanta lama,  
Que traz o *mantão* frisado,  
Que estava tão alimpado,  
Que parecia ãa dama  
Dante seu namorado!

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 553 / GV.  
VI, 55, 21

Nunca logre esse *mantão*,  
se o Conde Mordomo-mor  
não s'emborcou at'ao chão  
co barrete no arção,  
como s'eu fora doitor  
da casa da Relação.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 553 / GV.  
VI, 56, 16

## MANTO

Capa caída a partir da cabeça, para as mulheres e a partir dos ombros, para os homens. Há dois tipos de manto: para proteger do frio, com denominações diferentes, de acordo com as características e o feitiço; para ocasiões de cerimônia, usado pelos reis e pelos nobres. Podiam ser forrados de peles ou de outro tipo de material. Às vezes eram tão longos que arrastavam no chão.

Dar-lh'ei ãa figa debaixo do *manto*:

**Diálogo sobre a Ressurreição**, COMP. I,  
323 / GV. II, 230, 22

Oh, Virgem de Monserrate,  
livra-nos deste rebate  
polo teu precioso *manto*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 270 / GV.  
IV, 301, 9

Empara-nos de tanto vento  
c'o teu precioso *manto*,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 271 / GV.  
IV, 303, 3

NU / NUA

Despido, despida.

e vós *nu* ali deitado

**Serra da Estrela**, COMP. II, 240 / GV. IV,  
218, 9

É um mancebo tão belo,  
que iria polo cobrar  
*nua* per este regelo.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 261 / GV.  
IV, 286, 167

ando polos adros *nua*,  
sem companhia nenhũa,  
senão um sino samão,

**Auto das Fadas**, COMP. II, 403 / GV. V,  
180, 18

### PELOTE

Veste antiga que se usava em cima da saia e embaixo da capa. Não era usada pelos peões. De meados do século XV a fins do XVI, o pelote foi muito curto, ia até o meio das ancas. Traje masculino ou feminino, era ajustado ao corpo, com mangas facultativas. Viterbo apresenta duas acepções para pelote: capa forrada de peles e vestido.

e trago d'Andaluzia  
naipes com que os sacerdotes  
arrenquem cada dia,  
e joguem até os *pelotes*.

**Auto da Feira**, COMP. I, 154 / GV. I,  
210, 12

Graça Deuso esse é capote;  
Nunca dexa aqui *palote*:

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 535 / GV. VI,  
27, 20

Que *palote* saba são,  
Barete tão bem bom era.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 535 / GV. VI,  
28, 2

Ora fiai de rascão,  
que farpa todo o *pelote*,  
e não se farta de pão.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 542 / GV. VI,  
37, 6

#### PENTEADOR

Pano para proteger quem se penteia, dos ombros até os joelhos. No texto vicentino, trata-se de uma peça finamente lavrada, destinada ao Bispo de Funchal.

Senhora, é *penteador*  
pera o Bispo de Funchal.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 58, 12

#### ROUPADO

O mesmo que enroupado, vestido.

De dia sempre encerrado:  
porque anda mal *roupado*,  
não ousa de se mostrar.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 328 / GV.  
V, 60, 8

lá pera Val de Cobelo,  
mal *roupada* que ela ia.

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 511 / GV.  
V, 358, 2

SAIA – SAYA (esp.) – ÇAIA (cig.)

Primitivamente, vestimenta para ambos os sexos. Era uma espécie de túnica ou vestido, com ou sem mangas, confeccionada com tecidos ricos e com profusão de bordados e decorações, às vezes forradas com peles valiosas. Para os homens, o comprimento variou dos pés até a altura dos quadris. A partir do século XIII, tornou-se cada vez mais curta. Por essa época, a forma “saio” foi preferida para a vestimenta masculina. Os saios de nobres e seus pagens primavam pelo luxo. O comprimento das saias femininas não variou, manteve-se até os pés. A partir do final do século XV, o vestido feminino deixou de ser inteiriço e passou a ser feito em duas peças: um corpete, justo, terminando na altura da cintura e uma saia, daí até os pés. Moraes registra saia como vestidura de mulher que vai da cintura para baixo. São essas as saias que se usavam no tempo de Gil Vicente. Nos autos, as saias são sempre vestimentas femininas.

É essa a tua *saia* nova?

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 131 /  
GV. I, 173, 13

Quero boso que mi bai  
buscar o poco de venturo,  
que a mi namoraro sai  
de moça casa sua pai,  
que tem *saia* verde-escuro,

**Nau d'Amores**, COMP. II, 128 / GV. IV, 80,  
5

traz a *saia* descosida,  
e não lhe dará um ponto.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 227 / GV. IV,  
198, 3

Y comprelle una sortija,  
y una *saya* verde escura:

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 259 / GV.  
IV, 282, 6

Dadme una *çaya*, ceñur graciuzo,

**Farsa das Ciganas**, COMP. II, 488 / GV. V,  
320, 8

ea, da-me alguna cosa,  
cara de rosa  
una *saya* desechada,

**Auto da Festa**, COMP. II, 682 / GV. VI,  
143, 3

#### SAIO / SAYO (esp.)

Originariamente, *saia* (cf. verbete *saia*). Com o tempo, distinguindo-se o vestido masculino do feminino, sobretudo com respeito ao comprimento, o saio, que não ia abaixo do meio das ancas, tornou-se uma espécie de casaco, semelhante ao gibão ou jubão, que não dispensava, entretanto, o uso deste. Era confeccionado em tecido mais forte, em seda espessa ou em veludo e, de certa forma, correspondia ao colete de hoje. Em pouco tempo, perdeu as características luxuosas. No século XVI, era traje para ambos os sexos, muito usado por



camponeses. Em Gil Vicente, *saio* diz respeito a personagens masculinos, mas o diminutivo *sainho* a personagens do sexo feminino.

Oh, quien m'hora ca mi *sayo*,  
para cubrirme estos piés!

**Auto dos Quatro Tempos**, COMP. I, 87 /  
GV. I, 105, 7

Viste já o meu *saio* pardo?

**Auto Pastoral Português**, COMP. I, 132 / GV.  
I, 176, 5

y sobre mis carnes no echas un *sayo*,

ni dexan dolores que lo gane yo?

**Auto de S. Martinho**, COMP. I, 350 / GV.  
II, 267, 1

E a sua moça irá  
em trosquia num sendeiro,  
com um *sainho* de liteiro

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 213 / GV. IV,  
247, 3

yo saqué en Santintín  
este *sayo* en hora mala,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 258 / GV.  
IV, 282, 2

## TREPAS

Folhos de vestido.

Não briaís d'ouro tecidos  
com *trepas* de desvarios:

**Exortação da Guerra**, COMP.– II, 177 / GV.  
IV, 154, 8

## VASQUINHA

Saia antiga, pogueada.

Está tão saudosa de vós,  
que se perde a coutadinha:  
há mister ãa *vasquinha*  
e três onças de retrós.

**O Velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V,  
171, 1

## SAMARRA / SAMARRO – ÇAMARRO (Esp.)

Pode ser roupa pastoril ou roupa caseira, aberta na frente, usada por eclesiásticos. Como no texto *samarra* refere-se a pontífices, o último sentido seria mais adequado. Os dois, entretanto são admissíveis, pois os religiosos são tratados metaforicamente como pastores de almas. Já *samarro*, o espanhol *çamarro* e as formas de diminutivo e aumentativo *çamarilla* e *çamarrón* aplicam-se a agasalhos usados por pastores, confeccionados de peles, palha ou pano.

Leva os tarros e apeiros,  
e o surrão co'os chocalhos,  
os *samarros* dos vaqueiros,

**Mofina Mendes**, COMP. I, 111 / GV. I, 142, 5

À feira, à feira, igrejas, mosteiros,  
pastores das almas, Papas adormidos;  
comprai aqui panos, mudai os vestidos  
buscai as *samarras* dos outros primeiros  
os antecessores.

**Auto da Feira**, COMP. I, 151 / GV. I,  
205, 18

Acá viene Juan Guijarro  
muy perdido a maravilla,  
que gastó com Torobilla,  
con que no compró *çamarro*,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 256 / GV.  
IV, 278, 11

Mejor estás tú, hermano  
que guardaste del veran  
con que compraste *çamarro*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 258 / GV.  
IV, 281, 4

No tienes tú otro ható  
*çamarrón* o *çamarrilla*?

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 258 / GV.  
IV, 281, 18

y agora ándome así  
sin *çamarro*, sin çurrón

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 259 / GV.  
IV, 282, 17

Dame el tu *çamarro* a ver,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 259 / GV.  
IV, 283, 5

VESTIR – VESTIR (esp.)

Portar roupa. Cobrir-se com vestimenta.

Eu são indino pastor,  
pobre, *vestido* de pele,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 503 / GV.  
III, 212, 2

Deves hablar como *vistes*,  
o *vestir* como respondes.

**D. Duardos**, COMP. II, 35 / GV. III, 253, 3  
e 4

Cuando se *viste*,  
toma dos horas despacio!

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 330 / GV.  
V, 64, 7

E do *vestir* não fazeis conta?

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 497 / GV.  
V, 334, 23

Eu entro sempre ao *vestir*,  
porém pera arrecadar,  
há mister grande vagar.

**Farsa dos Almocreves**, COMP. II, 505 / GV.  
V, 347, 13

## 2. O TOUCADO

Estamos considerando *toucado* tudo aquilo que se usa na cabeça e também o que se relaciona com a maneira de trazer os cabelos.

No que diz respeito ao segundo aspecto, pouco Gil Vicente nos fornece sobre o cabelo dos homens, referindo-se, apenas à tonsura religiosa de que trataremos no capítulo VESTES E INSÍGNIAS RELIGIOSAS. Quanto aos cabelos femininos, tem-se a expressão *em cabelo* e os vocábulos *crenchas* e *trançado*.

“Em cabelo” significa “estar com os cabelos soltos”. Só as mulheres solteiras podiam apresentar-se assim. Antigamente, “*mulher em cabelo*” correspondia a “mulher solteira”<sup>8</sup>. Não é este, com certeza, o sentido com que aparece na **Comédia de Rubena**<sup>9</sup>:

Como se vido ya fuera de pena,  
echó sus vestidos en una ribera,  
ceñió su camisa las carnes de fuera,  
hermosa *en cabello* como una sirena.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 371 / GV.  
III, 25, 5

---

<sup>8</sup> Cf. *Fuero Real de Afonso X, o sábio*. Versão portuguesa do século XIII, publicada e comentada por Alfredo Pimenta. Lisboa: Edição Instituto para a Alta Cultura, 1946. 459 p.

<sup>9</sup> Rubena acabara de dar à luz uma menina.

O mesmo observa-se em *Os Lusíadas*, no episódio do Velho do Restelo:

Qual *em cabelo*: ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quis Amor que viver possa

Camões, *Os Lusíadas*, IV, 91

Nos dois casos, as mulheres estão de cabelos soltos. Houve época em que foi moda arregaçar os cabelos para trás, descobrindo as orelhas e deixando a testa alta e lisa. Para isso, era preciso raspar os cabelos da frente. Nos autos, a tosquia feminina tem conotação negativa:

E minha ama é judia  
tão pelada;  
se a vissem em *trosquia*,  
parece demoninhada  
metida na almotolia

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 402 / GV.  
III, 71, 15

Há outros exemplos, em **Cortes de Júpiter**, com respeito às criadas das damas, que devem apresentar-se mal, para contrastar com estas. (COMP. II, 213 / GV. IV, 247, 2; COMP. II, 215 / GV. IV, 248, 12 e COMP. II, 209 / GV. IV, 239, 9, este último transcrito abaixo):

Irão mulheres solteiras  
todas nuas trosquiadas  
bem rapadas as moleiras  
carregadas de peneiras  
em senhas sibas sentadas.

*Crenchas*, “tranças” era usado só no plural. Era costume trazer o cabelo trançado e as tranças enroladas e dispostas no alto da cabeça, na nuca ou dos lados, na região das orelhas. O termo ocorre mais de uma vez nos autos. Em **Cortes de Júpiter**, diz respeito ao desalinho das criadas das donas:

E irão suas criadas  
num lagar d’azeite todas,  
sem *crenchas*, descabeladas,  
como salvagens pasmadas  
de tão altíssimas bodas.

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 216 / GV. IV,  
250, 17

No **Auto da Lusitânia**, a mãe manda Lediça ajeitar-se:

correge essas *crenchas*, filha,  
e viste-te essoutra<sup>10</sup> fraldilha,  
que essa vem-te pequenina;

**Auto da Lusitânia**, GV. VI, 56-57, 25

A preocupação com o toucado é revelada em outras passagens. Cismena – menina, na **Comédia de Rubena**, gaba-se de sua *coifinha lavrada*. (COMP. I, 382 / GV. III, 42, 12-13)

No **Auto Pastoril Português**, Joane promete a Catalina que irá à feira e providenciará que ela fique bem toucada. (COMP. I, 131 / GV. I, 174, 18-21) Em **Inês Pereira**, a mãe dá-lhe o conselho de tocar-se porque o rústico que lhe mandou uma carta pretende casar-se. (COMP. II, 434 / GV. V, 232, 3-4)

---

<sup>10</sup> Na edição de Marques Braga está ess’outra. Cf. nota 6.

Como cobertura, de cabeça para homens há *barrete*, *capelo*, *capuz*, *carapuça*, *gorra*, *sombreiro*. Para as mulheres: *beatilha*, *coifa*, *enxaravia*, *touca* e *véu*. A *enxaravia* era um lenço de cabeça. No **Auto Pastoril Português**, não é absolutamente insígnia das alcoviteiras. (cf. verbete *enxaravia*)

Quanto aos vocábulos *capelo* e *capuz* são derivados de *capa*, o mesmo podendo-se dizer de *chapeirão*, através do francês *chaperon*. Do grupo, um vocábulo é árabe, *enxaravia*, enquanto *touca* bem pode ser o ibérico *tauca*, ou um vocábulo persa que nos chegou através do árabe, pois que foi enorme a influência da indumentária e dos tecidos do Oriente na Península Ibérica medieval. *Barrete* e *coifa* têm origem francesa, *carapuça*, castelhana. *Gorra* vem do vasco e os demais são latinos ou derivados de vocábulos latinos.

#### BARRETE

Cobertura de cabeça usada debaixo do chapéu. Oliveira Marques assinala o uso por parte de nobres e burgueses, no século XV, de coifas e toucas, provavelmente chamadas barretes, como primeira cobertura<sup>11</sup>. Era também usado pelos clérigos, como única cobertura. Pelo que se pode depreender da ocorrência do termo nos autos de Gil Vicente, ao seu tempo, o uso de barrete era generalizado em todas as camadas sociais. Ainda hoje, faz parte da indumentária típica de várias regiões portuguesas. (cf. Leite de Vasconcellos. *Estudos de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961, pp. 23-24) Nos autos, o termo só se refere a personagens do sexo masculino.

---

<sup>11</sup> Marques, A. H. de Oliveira. *A Sociedade Medieval Portuguesa*, aspectos da vida quotidiana. 4ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1981.



Ó padre Frei Capacete  
Cuidei que tinheis *barrete*.

**Barca do Inferno**, COMP. I, 215 / GV. II,  
60, 9

Não sei que anos haveis  
mas olhais-me de través,  
e com o *barrete* embicado.

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 488 / GV.  
III, 191, 12

Avisa-te, que hás-d'estar  
sem *barrete* onde eu estou.

**Inês Pereira**, COMP. II, 442 / GV. V, 244, 7

Nunca logre este mantão,  
se o Conde Mordomo-Mor  
não s'emborcou at'ao chão  
co *barrete* no arção.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 554 / GV.  
VI, 56, 19

chama o povo ao carnicheiro  
Senhor, c'os *barretes* fora.

**Auto da Feira**, COMP. I, 147 / GV. I, 200, 5

E na mão minha *barete*.

**Nau de Amores**, COMP. II, 129 / GV. IV,  
80, 20

*Barete* tam bem bo era.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 535 / GV. VI,  
28, 3

#### BEATILHA

Touca usada por pastoras, por beatas e freiras e, talvez, por mulheres idosas,

e vesti esta fraldilha,  
e ponde esta *beatilha*,  
e fazei que peneirais.

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 491 / GV.  
III, 194, 21

(En) CABELLO (esp.)

De cabeça descoberta, sem coifa ou outra cobertura. As mulheres usavam os cabelos presos ou trançados e a cabeça coberta. Na intimidade podiam andar sem toucado. Às donzelas era permitido ostentar cabelos caídos.

hermosa en *cabello* como una sirena.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 371 / GV.  
III, 25, 8

CAPELO – CAPILLA (dim. esp.)

Parte de hábito de alguns religiosos com que cobriam a cabeça e o pescoço, logo, capuz. Também capa pequena com capuz, guarnecida de couro ou, em outras palavras, capuz prolongado em capa até os ombros. Em Gil Vicente, o capelo sempre se refere à parte que cobre a cabeça, portanto, é

capuz. Refere-se ora a peça do traje clerical, ora a veste de rústicos.

RELIGIOSO:

Si, co'esse *capelo*

**Nau d'Amores**, COMP. II, 136 / GV. IV, 91,  
16

Aborrece-me a coroa,  
O *capelo* e o cordão,

**Frágua de Amor**, COMP. II, 159 / GV. IV,  
125, 9

Entra logo Frei Paço com seu hábito e *capelo* (...)

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 289 /  
GV. V, 1

Eu tenho Jorge de Melo  
por um Padre São Gião;  
traz sempre contas na mão  
mas não sei lá no *capelo*  
como vai à devação.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 545 / GV. VI,  
42, 1

RÚSTICO:

Ni capote ni *capilla*,  
ni tengo más de un çapato

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 258 / GV.  
IV, 281, 19

três chocalhos e um novelo,  
e as peias no *capelo*:

**Inês Pereira**, COMP. II, 436 / GV. V, 234, 13

algum rapaz m'as comeu,  
que as meti no *capelo*,

**Inês Pereira**, COMP. II, 436 / GV. V,  
234, 18

Eu lhe trazia das bodas  
sempre o *capelo* atestado  
de figos, de carne e pão.

**Juiz da Beira**, COMP. II, 482 / GV. V,  
308, 21

Hou, mulher do amarelo,  
vistes cá, se vem a mão,  
um fidalgo terrastão  
com ãa lebre no *capelo*?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 529 / GV. VI,  
20, 6

## CAPUZ

Cobertura de cabeça. Podia ser solto ou preso ao manto ou capa.

bailará com Pero Luz,  
vestido no seu *capuz*:

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 129 /  
GV. I, 168, 13

dois anos por acabar  
o *capuz* de Dom Fernando

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 547 / GV.  
VI, 47, 10

#### CARAPUÇA

Freqüentemente serve para designar qualquer tipo de cobertura de cabeça, barrete e até sombrero.

Ora chama tu por ela  
e aposto-te a *carapuça*,  
que a negra burra ruça  
Mofina Mendes deu nela.

**Mofina Mendes**, COMP. I, 113 / GV. I,  
146, 7

#### CHAPEIRÃO

Ver VESTES EM GERAL. Nos autos, o termo não aparece como cobertura de cabeça, mas equivalendo a capa. Esta peça de vestuário sofreu, durante a Idade Média, modificações acentuadas, no tamanho e na forma. Como chapéu, deve ter deixado de ser usado no século XV.

#### COIFA

Cobertura de cabeça. Espécie de rede de seda, de linha ou de gaze fina em que se metiam os cabelos e que se apertava no alto da cabeça. Era a cobertura de cabeça feminina por excelência. Na Idade Média as mulheres usavam uma touca de pano, a *crespina*, colocada sobre um lenço.

E a mim hão-me de comprar  
ũa *coifinha* lavrada.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 382 / GV.  
III, 42, 13

Torna a Velha com a bula do Núncio na mão, com uma *coifa* lavrada na cabeça e vestida como noiva, e diz

**Auto da Festa**, COMP. II, 699 / GV. VI, 162

### CRENCHAS

Tranças. Os cabelos deveriam ser trançados e enrolados no alto da cabeça ou dos lados, ou na nuca. Só as mulheres solteiras podiam andar de cabelos soltos.

E irão suas criadas  
num lagar d'azeite todas,  
Sem *crenchas*, descabeladas.

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 216 / GV. IV, 250, 19

Correge essas *crenchas*, filha

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 554 / GV. VI, 56, 25

### DESCABELADAS

Com os cabelos descompostos. Era de grande importância para a mulher que estivesse convenientemente penteada e toucada. No capítulo XX da *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, Aônia lembra-se de que estava fora de casa, no eirado, toucada de um arrodilhado, como se erguera e, para remediar o mal, coloca uma manga da camisa sobre a cabeça.

E irão suas criadas  
num lagar d'azeite todas,  
sem *crenchas*, *descabeladas*,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 216 / GV. IV, 250, 19

## ENXARAVIA

Paroxítono pela rima e pela métrica e não proparoxítono, como aparece em Moraes. Toucado antigo, lenço de cabeça. O excelente verbete de Gonçalves Viana<sup>12</sup> contém uma citação do livro V das Ordenações, em que se impõe o uso de enxaravia vermelha para as alcoviteiras, quando não houvesse pena de morte ou degredo. Ao meu ver, é a cor da enxaravia que determina a insígnia. Viterbo, com respeito a *polaina*, sinal afrontoso que as alcoviteiras deviam trazer fora de casa, diz consistir em uma espécie de toucado ou beatilha vermelha (que também se disse *enxaravia*) (...) A personagem vicentina a quem se refere o termo não é de forma alguma uma alcoviteira, é uma pastora. No texto não há alusão a cor.

e eu farei de maneira  
que tu sejas bem toucada.

Não m'arrarão alfinetes,  
e também *enxaravia*.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 131 / GV.  
I, 175, 2

## GORRA

Espécie de barrete, muito comum até o reino de D. João III.  
Era usado pelos dois sexos.

ũa touca esfarrapada,  
e ã *gorra* amarela

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 213 / GV. IV,  
246, 13

---

<sup>12</sup> Cf. bibliografia. Vol. I, p. 395.

Entra logo Frei Paço com seu hábito e capelo, e *gorra* de veludo, e luvas, e espada dourada, fazendo me-neios de muito doce cortesão;

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 289 / GV. V, 1

#### MANTILHA

Manto que vinha até a cintura, usado por algumas mulhe-res para cobrir a cabeça.

nem me lembrou a *mantilha*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 263 / GV. IV. 289, 10

#### PENTE – PEINE (esp.)

Aparece também com a forma *pentem*. Objeto para pentear os cabelos. Moraes descreve como chapa de marfim, ou buxo, etc., dividida ao longo em dentes, com a qual se penteya o cabelo<sup>13</sup>. Tem outros significados que não são pertinentes ao texto.

Algunos peinam-se allá  
com *peines* de veinte y ocho,

**Frágua de Amor**, COMP. II, 159 / GV. IV, 124, 11

Não j'essa arca, ta, ta, ta,  
que vai o meu *pentem* i.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 271 / GV. IV, 304, 11

---

<sup>13</sup> Moraes, *op. cit.*, Vol. II, pp. 429-430.



PENTEAR – PEINAR (esp.)

Arrumar o cabelo com o pente.

Algunos *peínanse* allá  
com peines de veinte y ocho,

**Frágua de Amor**, COMP. II, 159 / GV. IV,  
124, 10

Oh quantas lendes vi nella,  
e *pentear* nemigalha;

**Serra da Estrela**, COMP. II, 215 / GV. IV,  
198, 6

o alguidar por lavar,  
e ela por *pentear*,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 215 / GV. IV,  
249, 8

As cabeças, como outeiros,  
os cabelos, carcomidos,  
louros, coma sovereiros,  
*penteados* d'ano em ano,

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 319 /  
GV. V, 49, 17

*Pentear* e jejuar,  
todo dia sem comer,  
cantar e sempre tanger,  
suspirar e bocejar:

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 327 / GV.  
V, 58, 14

Eu vo-lo direi:  
ir amiúde ao espelho,  
e poer de branco e vermelho,  
e outras cousas que eu sei:  
**pentear**, curar de mi

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 343 / GV.  
V, 86, 8

deve ser um vilãozinho!  
Ei-lo se vem **pentecendo**:  
será com algum ancinho?

**Inês Pereira**, COMP. II, 434 / GV. V,  
232, 11

#### SOMBREIRO – SOMBRERO (esp.)

Tipo de chapéu. Tinha forma variadíssima e podia ser confeccionado em feltro, pele, pano, palha, junco e, às vezes, adornado com plumas, bordados e jóias<sup>14</sup>. Tinha abas, provavelmente largas.

Tendes *sombreiros* de palma  
muito bons pera segar,  
e tapados pera a calma?

**Auto da Feira**, COMP. I, 166 / GV. I, 233, 3

Tirai a loba e daí-ma ca,  
luvas e *sombreiro* e tudo,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 491 / GV.  
III, 194, 14

---

<sup>14</sup>Cf. Oliveira Marques, *op. cit.*, p.46.

Quem? o rascão do *sombreiro*?

**Auto da Índia**, COMP. II, 351 / GV. V, 99, 19

Toma lá esse *sombreiro*;  
eu são já acrescentado.

**Juiz da Beira**, COMP. II, 472 / GV. V, 294, 6

Vós, *sombreiro* acutilado,  
cuidareis que sois alguém?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 528 / GV. VI, 18, 13

cobriram c'um *sombreiro*  
em casa d'um alfaiate.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 539 / GV. VI, 33, 1

en un sombrero de sirgo.

**Auto dos Quatro Tempos**, COMP. I, 89 / GV. I, 107, 11

#### TOUCA

Toucado feminino ao tempo de Gil Vicente. Eram usadas antigamente por homens e mulheres.

ũa *touca* esfarrapada,  
e ũa gorra amarela.

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 213 / GV. IV, 246, 12

Dou-te ãa *touca* de seda.

**Auto da Índia**, COMP. II, 346 / GV. V, 92, 4

TOUCADO – TOCADO (esp.)

Nome genérico para o que as mulheres usam na cabeça.

e quanto tenho lhe dera  
e, o *toucado* e o vestido.

**Auto da Feira**, COMP. I, 166 / GV. I,  
232, 9

Daí-me cá esse *toucado*

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 499 / GV.  
III, 198, 9

c'os *toucados* ao pescoço:

**Cortes de Júpier**, COMP. II, 214 / GV. IV,  
248, 13

Remoçou-m'ela um brial  
de seda e uns *toucados*.

**O velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V,  
170, 14

Ceñura, ceñura, dadme uno *tocado*,

**Farsa das Ciganas**, COMP. II, 488 / GV. V,  
320, 10

E o cáliz achará  
no almário de cá  
atado c'os seus *toucados*.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 524 / GV. VI,  
11, 21

### TOUCAR

Arrumar o cabelo, colocar o toucado.

e eu farei de maneira  
que tu sejas bem *toucada*.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 131 /  
GV. I, 174, 21

Um espelho aí acharás,  
que foi da Virgem Sagrada,  
co'ele te *toucarás*,  
porque vives mal *toucada*.

**Auto da Feira**, COMP. I, 159 / GV. I, 220,  
13 e 14

*Touca-te*, se cá vier,  
pois que pera casar anda.

**Inês Pereira**, COMP. II, 434 / GV. V, 232, 3

### TRANÇADO

Trança postiça.

Ponhamos-lhe ora um *trançado*,  
vejamos como lhe vem.

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 311 /  
GV. V, 37, 14

## TROSQUIA

Tosquia. O corte de cabelo. Houve tempo em que foi moda trazer a testa bem alta, lisa, raspada. Em Gil Vicente, o termo tem conotação negativa e refere-se a mulheres.

E minha ama é judia  
tão pelada,  
se a visseis em *trosquia*,  
parece demoninhada  
metida na almotolia.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 402 / GV. III, 71, 17

E a sua moça irá  
em *trosquia* num sendeiro,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 213 / GV. IV, 247, 2

## TROSQUIAR

Cortar o cabelo. É também usado com relação ao corte do pelo de animais.

Irão mulheres solteiras  
todas nuas *trosquiadas*  
bem rapadas as moleiras

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 209 / GV. IV, 239, 9

Sua moça sem mais moço  
irá c'os olhos na gente,  
*trosquiada* muito rente,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 214 / GV. IV, 248, 12

Eu tenho as unhas cortadas  
e mais, estou *trosquiada*:

**Inês Pereira**, COMP. II, 431 / GV. V, 226, 10

Vedes-me aqui sem a moura,  
*trosquiado* sem tesoura,

**Juiz da Beira**, COMP. II, 478 / GV. V, 304, 12

Ta mãe ma *trosquiará*,  
não cures tu de conselhos;

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 518 / GV.  
VI, 2, 3

## VÉU

Cobertura de cabeça, usada pelas mulheres.

E juramento faço ós ceus  
que deram tantas a enha esposa,  
qu' é pera dar graças a Deus;  
porque bem como raposa  
lhes tiraram a ela os véus.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 125 /  
GV. I, 164, 15

Sabeis que me pareceis?  
Ermitão que endoudeceu  
melhor vos estava o véu,  
que quanto em casa trazeis.

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 495 / GV.  
III, 199, 21

Que siso, Inês, que siso  
tens debaixo desses véus.

**Inês Pereira**, COMP. II, 440 / GV. V,  
241, 2

Corrigê vós esses véus,  
e ponde-vos em feição.

**Inês Pereira**, COMP. II, 459 / GV. V, 269,  
1

### 3. O CALÇADO

É interessante observar que, nos autos, os termos que indicam calçado aparecem, com pouca frequência, relativamente a outras peças do vestuário. Os mais comuns são os próprios termos *calçado* e *sapato* que ocorrem ora no singular ora no plural, muitas vezes, sendo que uma das ocorrências é da forma do feminino plural, *sapatas*. A rigor, não parece haver diferenças do objeto, correspondentes à mudança de gênero. *Sapatas* refere-se a personagem do sexo feminino, a alcoviteira do **Velho da Horta** que se queixa das *sapatas rompidas*.

trago as *sapatas* rompidas  
destas vindas, destas idas,

COMP. II, 397 / GV. V, 171, 21

A forma de masculino aplica-se ao calçado dos dois sexos. Nada nos autoriza a considerar *sapatas* de uso exclusivamente feminino. Na comédia *Eufrósina*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, obra contemporânea da de Gil Vicente, aparece a expressão *romper os sapatos*, com relação



a uma alcoviteira, por motivos idênticos aos da do **Velho da Horta**<sup>15</sup>.

Afora *calçado e sapato*, há *botas e chapim*. *Borzeguim*, que era calçado muito valorizado antigamente, a ponto de seu uso ter sido proibido aos peões no século XV, não aparece nos autos, mas é freqüente na citada *Comédia Eufrosina*<sup>16</sup>.

*Chapim* é um calçado feminino de luxo, usado por nobres. (cf. verbete *chapim*) A origem do seu nome é uma onomatopéia – *chap* – imitativa do ruído que produzia quem andava com este tipo de sapato, principalmente quando ainda era feito de madeira. Aparece no **Auto da Alma**, quando Satanás oferece *chapins de Valença* à Alma, entre outras coisas, para que ela fique mais bonita, mais ao jeito da Corte. Outra, quando o Anjo manda que os dispa, junto com os demais enfeites mundanos que traz. (GV. II, 13-14) Também pode ser encontrado no **Triunfo do Inverno**, no passo em que a forneira queixa-se ao marido de não ter recebido dele nada de valor:

nunca me deste um *chapim*.

COMP. II, 281 / GV. IV, 319, 16

*Botas* é termo usado no plural. No **Auto Pastoril Português** (COMP. II, 135 / GV. I, 180, 11), depreende-se que são consideradas de pouco valor. Inês diz querer mais às botas

---

<sup>15</sup> Vasconcellos, Jorge Ferreira de. *Comédia Eufrosina*, conforme a impressão de 1561, publicada por ordem da Academia das Ciências de Lisboa, por Aubrey F. G. Bell. Lisboa: Imprensa Nacional, 1918, p. 38.

<sup>16</sup> Cf. BARROS, Mentique da Gama. *História da Administração pública em Portugal nos séculos XII e XV*. 2ª ed. dirigida por Torquato de Souza Soares. Lisboa: Sá da Costa, (1950), Vol. IX, p. 1922.

de Joane do que a dois Afonsos ou três. Depreciando Afonso está depreciando *botas*, ou melhor, o pouco valor de Afonso é depreendido em função das botas de Joane.

Aliás, em outros trechos, o calçado é tido como objeto desvalorizado. *Sapato* é um insulto no **Auto da Barca do Inferno**:

Sapateiro de Landosa,  
entrecosto de carrapato,  
*sapato, sapato*<sup>17</sup>,  
filho da grande aleivosa.

COMP. I, 210 / GV. II, 53, 10

No **Auto da Feira**, diz-se que Mercúrio governa todo tipo de comércio, do mais importante ao de sapatos (cf. GV. I, 202, 24-28).

Este traço de desvalorização nota-se, também, na **Farsa do Velho da Horta**:

Pois damas se acharão,  
que não são vosso *sapato*.

COMP. II, 378 / GV. V, 143, 3

Quanto aos vocábulos, poucos comentários temos a fazer. *Sapato* é de origem desconhecida. Como já foi dito, a forma feminina é também usada, embora só a tenhamos

---

<sup>17</sup>Na edição crítica do primeiro “Auto das Barcas” o texto é:

Çapateiro de Candosa!  
Antrecosto de carrapato!  
Hiu! Hiu! Caga no çapato,  
filho da grande aleivosa!

Cf. Révah, I. S. *Recherches sur les oeuvres de Gil Vicente*. Lisboa: 1951 Tomo I, p. 138. Nota-se no trecho o “apuro” de Luis Vicente para o texto da *Compilação*.

encontrado uma vez nos autos. Na época, não significaria *chinelo*. *Calçado* é derivado de calças. Cabe lembrar que as calças correspondiam às atuais meias compridas femininas e que podiam ter solas (calças soladas). O termo *botas* tem origem incerta e *chapim*, que veio do espanhol, decorre de uma onomatopéia.

## BOTAS

A partir do século XV, eram calçado de cerimônia e de corte<sup>18</sup>. Nos dois exemplos de Gil Vicente, as botas não parecem ter tais características. No **Auto Pastoril Português**, é calçado de rústico. No **Juiz da Beira**, um pobre escudeiro vende suas botas de cordovão que durariam um verão para poder pagar os serviços de uma alcoviteira. É fato que os escudeiros vicentinos eram ambiciosos e zelosos da aparência, ainda que não tivessem o que comer.

Mais quero eu às tuas *botas*  
q'a dous Afonsos nem três.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 135 /  
GV. I, 180, 11

Vou e vendo ãa viola  
e um gibão de fustão  
e *botas* de cordovão,  
que tinham inda boa sola  
que durariam um verão;

**Juiz da Beira**, COMP. II, 474 / GV. V, 297,  
12

---

<sup>18</sup> Cf. Oliveira Marques, *op. cit.*, p 44.

## CALÇADO – CALÇADO (esp.)

Tomado em sentido geral.

anda homem a gastar *calçado*,

**Inês Pereira**, COMP. II, 437 / GV. V, 236, 7

que mau *calçado* é o meu

**Inês Pereira**, COMP. II, 443 GV. V, 244, 20

Vem um sapateiro, Cristão Novo do *calçado* velho e diz:

**Juiz da Beira**, COMP. II, 468 / GV. V, 286

ândome a *calçado viejo*,

**Juiz da Beira**, COMP. II, 469 / GV. V, 287, 8

## CHAPIM

Calçado fino, usado pelas damas para parecerem mais altas, para acrescentar, segundo Viterbo, um côvado a mais à estatura. Eram confeccionados com quatro ou cinco solas sobrepostas e pespontadas. O verbete de Viterbo é CHAPINS DA RAINHA OU DA PRINCESA, nome da vila de Alenquer, porque dela se pagava certo tributo aplicado para o calçado destas reais pessoas<sup>19</sup>. Leite de Vasconcellos, nas observações ao “Elucidário”, nos *Estudos de Filologia Portuguesa*, faz referência a uma expressão espanhola equivalente *chapin de la reina*<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Viterbo, II, 94.

<sup>20</sup> Cf. Bibliografia e nota 2.

uns *chapins* haveis mister  
de Valença: - ei-los aqui.

**Auto da Alma**, COMP. I, 182 / GV. II, 13, 1

Deixai esses *chapins* ora,

**Auto da Alma**, COMP. I, 183 / GV. II,  
14, 15

nunca me deste um *chapim*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 281/ GV.  
IV, 319, 16

DESCALÇO (A) – DESCALÇO (A) (esp.)  
Sem sapatos, por não possuí-los ou por estar sem eles.

y ella por se casar  
viene *descalça* cantando.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 260 / GV.  
IV, 284, 8

AIRES<sup>21</sup>

“Si estas *descalça* ...”

APARIÇO

Eu má hora estou *descalço*.

AIRES

“Nam cureis de vos calzar”

**Quem tem Farelos?**, COMP. II, 335 / GV.  
V, 71, 7 e 8

---

<sup>21</sup> Foi necessário indicar os personagens, porque houve interferência de um na cantiga do outro.

### SAPATO – ÇAPATO (esp.)

Termo genérico. Aparece com frequência nos autos. Os sapatos medievais eram pontudos e ainda continuaram a sê-lo, com menos exagero nos séculos XV e XVI. O material para confeccioná-los era de preferência couro (cordovão ou cabedal). O cordovão era geralmente tingido. Às vezes eram decorados Os de couro de gamo ou de couro de cervo eram mais caros Existiam, também em pano comum e seda. Usavam-se, às vezes com solas separadas. O sapato era dispensável se as calças eram soladas No século XV, D. Duarte recomenda que o calçado seja apertado no meio do pé, delgado nos dedos, razoavelmente longo, folgado e sem ponta, para dar mais conforto ao cavaleiro<sup>22</sup>.

ministro suas pertenças,  
até às compras dos *sapatos*.

**Auto da Feira**, COMP. I, 150 / GV. I, 202, 28

Quereis feirar a cevada  
quatro pares de *sapatos*?

**Auto da Feira**, COMP. I, 167 / GV. I, 234, 3

Nem Mexias não são eu,  
nem pera lhe desatar.

---

<sup>22</sup> “E o calçado devemos trazer apertado no meo do pee, e nos dedos delgado, longo razoadamente, folgado, e sem ponta. Por que, se for muyto delgado, e largo no meo, o pee doerá e canssará mais asynha. E sse for curto, ryjo, ou apertado nos dedos, ou com ponta, o pee se nom poderá bem dobrar nem firmar n[a] estrebeira.” D. Duarte. *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sela*. Edição crítica por Joseph M. Piel. Lisboa: Casa da Moeda, 1986, pp. 34-35.

a correia que levar  
no santo *sapato* seu.

**Auto da História de Deus**, COMP. I, 304 /  
GV. II 202, 22

mas é tão grão sabedor,  
que me conheceu melhor  
que eu conheço o meu *sapato*;

**Auto da Cananéia**, COMP. I, 318 / GV. II,  
242, 21

ni tengo más de un çapato.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 158 / GV.  
IV, 281, 20

*Sapatos* tens amarelos,  
já não falas a ninguém!

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 327 / GV.  
V, 57, 5

Pois damas se acharão,  
que não são vosso *sapato*.

**O Velho da Horta**, COMP. II, 378 / GV. V,  
143, 3

Dei má hora ãa topada  
trago as *sapatas* rompidas,  
destas vindas, destas idas,  
e enfim não ganho nada.

**O Velho da Horta**, COMP. II, 397 / GV. V,  
171, 21

Çapatos me daria ele,  
se me vós désseis dinheiro.

**Inês Pereira**, GV. V, 244, 24

Pois damas se acharão,  
que não são vosso *sapato*.

**O Velho da Horta**, COMP. II, 378 / GV. V,  
143, 3

negra é a vira do *sapato*,

**Auto das Fadas**, COMP. II, 406 / GV. V,  
186,10

o alimpar-vo-los *sapatos*,

**Almocreves**, COMP. II, 498 / GV. V, 335, 13

#### SOCO

Calçado vulgar e baixo, usado na comédia. Opõe-se a coturno<sup>23</sup>.

sabei se se tornou aranha,  
quando viu o demo em *socos*,

**Auto da Fama**, COMP. II, 373 / GV. V, 137, 3

#### 4. ADORNOS, JÓIAS E SUA CONFECÇÃO

A importância do adorno é indiscutível. Os termos que o expressam estão diretamente ligados a prestígio social, influência, beleza. Referem-se tanto às coisas mundanas quan-

---

<sup>23</sup> Cf. Moraes, II, 712.



to às espirituais. Com respeito à Virgem, tem-se: *ataviada*, *guarnecida*, *ornada*, *guarnida*, *arreios*. Observa-se que, neste caso particular, os agentes dos enfeites, quando declarados, pertencem a um outro plano, estão em sentido figurado:

del sol estava *guarnida*,

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 61 /  
GV. I, 68, 15

*ataviada*  
de malla de santa vida.

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 61 /  
GV. I, 68, 20

de pobreza *guarnecida*.

**Auto da Fé**, COMP. I, 78 / GV. I, 93, 9

No **Auto da Alma**, esta se lamenta de ter desprezado seus arreios naturais em prol do ouro e do luxo (COMP. I, 189 / GV. II, 22, 9). Na **Exortação da Guerra**, enquanto o material das jóias deve reverter em benefício da campanha da África, os objetos de adorno persistem com material diferente:

Fazei contas de bugalhos,  
e perlas de camarinhas,  
firmas de cabeças d'alhos;  
isto si, Senhoras minhas,  
e estes que tendes, dai-lhos

COMP. II, 202 / GV. IV, 154, 1-5

O material de confecção valoriza o objeto. Por este motivo, é comum seu emprego em linguagem figurada, designando pessoa excepcional pela beleza, qualidades ou condição, ou até mesmo com relação a locais. Há expressões como “ó que jóias esmaltadas” (**Auto das Fadas**, COMP. II 40 / GV. V, 178, 15; VI, 90,23), “por esta divina jóia” (**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 202 / GV. IV, 227, 2), “tal perla por esposa” (**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 576 / GV. VI, 88,16) “mi esmeralda oriental” (**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 577 / GV. VI, 90,23), além de outras, inclusive a passagem abaixo, do **Velho da Horta**:

Quisera que esses amores  
foram *perlas* preciosas,  
e de *rubis*  
o caminho per onde is,

COMP. II, 382 / GV. V, 149, 15-18

Dos vocábulos integrantes do grupo, alguns não persistem na língua ou não guardaram o mesmo sentido. É o caso de *afeite*, *arreio*, *fimal*, *gorgueira*, *pendente*.

Temos algumas observações a fazer. *Guarnecer*, incoativo de *guarnir*, este originário do germânico *warnjan*, significa, originariamente “admoestar”, “advertir contra um perigo”, “prover”. De “prover”, por extensão, tem-se “ornar”, “enfeitar”, acepção registrada por Moraes. *Guarnecer* suplantou inicialmente as formas acentuadas do presente de *guarnir* que não são encontradas, apesar do largo emprego deste verbo em português e espanhol. Em Gil Vicente temos *guarnida* e *guarnecida*, ambos com referência à Virgem, empregados num dos sentidos que *guarnecer* possui hoje, o de “enfeitar”, “ornar”.

*Firmal* pode parecer, à primeira vista, um derivado direto de *firme*, condizendo com a finalidade do objeto, a de “prender”, “firmar”. Entretanto, provém do catalão *fermall* e corresponde ao francês *fermail* e ao italiano *fermaglio*.

*Afeite* e *afeitado* são formas antigas com vocalização do *c*. O primeiro, formado regressivamente de *afeitar* < *affectare* e o segundo, participípio deste. Às formas *afeitar* e *afeitado* correspondem hoje *afetar* e *afetado*, com restrição de sentido. As formas vocalizadas desapareceram da língua.

Semelhante é o que aconteceu com *arreio* e *arrear*. No português antigo, além da acepção que têm hoje, referente aos animais de montaria, tinham os de “enfeite” e “enfeitar”.

*Rubi* aparece, também, com a forma *rubim*. Não se pode dizer que venha diretamente do baixo latim *rubinus*. Sua procedência próxima é o catalão *robi*. A forma nasalada é fenômeno semelhante ao que se deu com *bedui*, *beduim*. Estas é que são as formas portuguesas. A forma atual *beduino* vem do francês<sup>24</sup>.

## AFEITE

Adorno, enfeite.

tudo são puros *afeites*  
das criaturas.

**Auto da Alma**, COMP. II, 181 / GV. II,  
10, 15

---

<sup>24</sup> Viana, Gonçalves. *Apostilas aos Dicionários Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1906, tomo I, p. 137.

## ALFINETE

Seu uso era muito difundido para prender peças de roupa. Entre as pessoas simples parecem ter algum valor, como revela o texto.

Não m'arrarão *alfinetes*,  
e também enxaravia.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 131 / GV.  
I, 175, 1

Dera eu ora o meu orelo,  
e os meus *alfinetinhos*,  
e achasse os meus porquinhos

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 380 / GV.  
III, 40, 6

São das terras o Soldão.  
E *Alfaiate* e *Alfanete*,<sup>25</sup>

**Nau de Amores**, COMP. II, 130 / GV. IV,  
82, 2

E eu não tenho no carril  
dous *alfinetes* qu'achei?

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 382 / GV.  
III, 42, 26

manas, achei un *alfinete*.

**Auto da Festa**, COMP. II, 684 / GV. VI,  
145, 16

---

<sup>25</sup> Faz parte da série de disparate ditas pelo frade doido.

## ALJOFRE

Aljôfar, pérola miúda de menos valor. Gil Vicente só emprega a forma *aljofre*, também registrada em Moraes. As contas deste material são as mais citadas nos autos.

É d' *aljofre* hum cabeção  
pera o Conde de Penela.

**Comédia de Rubena**, COMP.- I, 393 GV. –  
III, 58, 16

não tendes em que vos acupar,  
senão somente enfiar  
*aljofre*, já d'enfadada.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 338 / GV. V,  
77, 6

Não devia tal senhora  
como vós d'andar varrendo,

Senão enfiar *aljofre*  
e perlas orientais,

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 548 / GV.  
VI, 48, 18

## ANEL

Um dos objetos de adorno mais generalizados. Usavam-se em todos os dedos. Eram confeccionados em material inferior, como o latão, ou em materiais preciosos, esmaltados e com pedrarias. Em **Cortes de Júpiter**, alude-se a anel encantado, anel de condão. O anel encantado é comum nos contos de fadas.

Tendes vós aqui *anéis*?

**Auto da Feira**, COMP. I, 165 / GV. I, 230, 18

Vedes aqui um colar  
d'ouro mui bem esmaltado,  
e dez *anéis*,

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 16, 3

Um *anel* seu encantado,  
e um dedal de condão,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 219 / GV. IV,  
256, 6

o *anel* pera saber  
o que se faz polo mundo.

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 219 / GV. IV,  
256, 14

Exte *anel* da condón  
perguntalde box a él,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 222 / GV. IV,  
260, 13

Faz a moça mui mal feita,  
corcovada, contrafeita,  
de feição de meio *anel*;

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 2

ARRAYADA (esp.)

Enfeitada.

siempre vestida, *arrayada*,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 359 / GV.  
III, 7, 12

ARREA<sup>26</sup>

Bem vestida, enfeitada.

Dio guarde, bella pastora,  
tan farmosa y tan *arrea*:

**Auto da Fama**, COMP. II, 362 / GV. V, 119, 8

ARREIO – ARREO (esp.)

Enfeite.

Vamos ver com qué donzellas,  
com que galas, com que *arreos*,  
la hallamos,

**Auto dos Quatro Tempos**, COMP. I, 84 /  
GV. I, 100, 16

Desterrei da minha mente  
os meus perfeitos *arreios*  
naturais;

**Auto da Alma**, COMP. I, 189 / GV. II, 22, 9

Leixai ora esses *arreios*,

**Auto da Alma**, COMP. I, 199 / GV. II, 35, 1

---

<sup>26</sup> Faz parte da fala do francês.

hallóse preñada, el *moço* ahuyó:  
todos sus meses *arreo* encubrió,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 357 / GV.  
III, 3, 11

quanto mas se pon'd' *arreo*,  
está más fea.

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 419 / GV. III,  
96, 2

ATAVIADO / A (port. e esp.)

Enfeitado (a).

*ataviada*  
de malla de santa vida.

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 61 /  
GV. I, 68, 19

e o dia que for casada  
sairei *ataviada*  
com um brial d'escarlata,

**Mofina Mendes**, COMP. I, 115 / GV. I, 150, 4

Entram quatro mancebos e quatro moças, todos  
muito bem *ataviados* em folia dizendo esta cantiga:

**Triunfo do Inverno**, GV. IV, 327

Minha mercê manda e ordena  
que tragais logo essas horas  
diante destas Senhoras



a Troiana Policena,  
muito bem *ataviada*

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 167 / GV.  
IV, 138, 1

como rosa *ataviada*,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 213 / GV. IV,  
246, 6

#### ATAVIAR

Enfeitar, ornar.

Mãe, deixai-me vós a mim,  
vereis como me *atavio*.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 26

#### ATAVIOS

Enfeites.

Ó! que não honram vestidos,  
nem mui ricos *atavios*,

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 177 / GV.  
IV, 154, 7

#### CADENA (esp.)

Cadeia, colar. As de ouro eram muito usadas, embora em Gil Vicente o termo só apareça raramente.

Yo te doy esta *cadena*.

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 57 / GV.  
I, 63, 6

### COLAR

Fio ou cadeia usado ao redor do pescoço, como enfeite, bastante usado. Na sua composição, as contas podiam ser de pedras diferentes, alternadas.

Vedes aqui um *colar*  
d'ouro mui bem esmaltado,

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 16, 1

Com cantares e alegrias  
dávamos nossos *colares*,  
e nossas jóias a pares

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 172 / GV.  
IV, 145, 14

### CONTAS

Globo de vidro ou pedras preciosas com um furo para enfiar. Gonçalves Viana<sup>27</sup> diz que certamente devem seu nome aos globos de vidro empregados nos rosários para contar as orações. Em Gil Vicente são comuns as expressões *enfiar aljofre* ou *enfiar perlas* (pérolas). Entre as pedras preciosas ou material para enfiar, há alusão a aljôfar, coral, diamante, esmeralda, pérolas, rubi. O texto vicentino fala de *contas de bugalhos*, quando Aníbal exorta as senhoras portuguesas a darem suas jóias em benefício daguerra na África. Em

---

<sup>27</sup> *Op. cit.*, p. 323.

substituição, usariam nos seus adornos material sem valor. *Bugalho*, originariamente, é o fruto do carvalho. Tem forma redonda. É também o nome que têm as contas grossas de rosário, daí a sugestão: fazei contas de bugalhos<sup>28</sup>.

Fazei *contas* de bugalhos  
e perlas de camarinhas,  
firmas de cabeças d'alhos;  
isto si, Senhoras minhas,  
e esses que tendes, dai-lhos.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 177 / GV.  
IV, 154, 1

#### CORAL

O termo não aparece em Viterbo. Moraes não alude ao seu uso como material de enfeite. Maria Constança Múrias<sup>29</sup> não o relaciona entre as palavras e expressões relativas ao vestuário no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. O coral é um animal antozoário, provido de endoesqueleto ou exoesqueleto calcário, responsável pela formação de recifes e atóis. Algumas colônias de coral têm cor vermelho-amarelada e esse material é atualmente usado em bijuterias. Há, também corais azuis e o coral branco, comum no Oceano Índico, equivale à madrepérola. No **Auto da Lusitânia**, Gil Vicente fala de voltas de corais que, pelo texto, têm algum valor.

---

<sup>28</sup> Diz o Tempo, no **Auto da Feira**:  
e mais achareis  
soma de contas, todas de contar  
GV. I, 205, 1-2

<sup>29</sup> Cf. Bibliografia.

Minha mãe tem no seu cofre  
duas voltas de *corais*.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 548 / GV.  
VI, 48, 22

ESMERALDA – ESMERALDA (esp.)  
Pedra preciosa das mais valorizadas. No texto também  
está em sentido figurado.

Oh, *esmeralda* preciosa!

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 439 / GV.  
III, 116,17

veremos, oh, mi *esmeralda*,

**D. Duardos**, COMP. II, 18 / GV. III,  
229, 16

Huvieron de ser robines  
*esmeraldas* mui polidas  
tus ventanas

**D. Duardos**, COMP. II, 38 / GV. III,  
256, 20

de plata son los palacios  
para Vuesa Señoria,  
de *esmeraldas* y jacintos  
d'oro fino de Turquía,

**D. Duardos**, COMP. II, 75 / GV. III,  
305,30

Y pues eres Dios del oro,  
y crias las *esmeraldas*  
y çafiras,

**Templo de Apolo**, COMP. II, 192 / GV. IV,  
177, 21

e um sobreceu per cima,  
d' *esmeraldas* e rubis

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 210 / GV. IV,  
240, 19

Dadnuz ezmula, *ezmeraldaz* polidaz,

**Farsa das Ciganas**, COMP. II, 490 / GV. V,  
322, 9

Mi *esmeralda* oriental,

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 577 / GV.  
VI, 90, 23

FIRMAL – FIRMAL (esp. ciganas)

Prendedor para segurar as partes dos vestidos ou as peças de vestuário. Com o tempo, passa a ser cada vez mais decorativo e precioso, até transformar-se em jóia.

Fazei contas de bugalhos,  
e perlas de camarinhas,  
*firmais* de cabeças d'alhos;

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 177 / GV.  
IV, 154, 3

Ûa adela me vendia  
um *firmal* d'ua senhora  
com um rubi,

**O Velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V,  
171, 12

Dadme una camisa açúcar colado  
nieve de cira, *firmal* preciuzo.

**Farsa das Ciganas**, COMP. II, 488 / GV. V,  
320, 6

#### GORGUEIRA

Enfeite de peçoço, franzido e engomado. No retrato de Camões, considerado o mais antigo, assinado por Fernando Gomes, o poeta porta uma gorgueira bem engomada.

e vós Senhoras guerreiras,  
bandeiras e não *gorgueiras*  
lavrai pera os cavaleiros.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 171 / GV.  
IV, 143 ,6

#### GRINALDA (esp.)

Coroa de flores ou pedraria. Nos autos é de flores.

Yo porné esta *grinalda*  
sobre vuesa hermosura

**D. Duardos**, COMP. II, 18 / GV. III, 229,  
13

Cogí en bravas montañas  
esta *grinalda* de rosas,

**D. Duardos**, COMP. II, 18 / GV. III, 238, 6

GUARNECER – GUARNECER (esp.)

Enfeitar, adornar.

e esta Virgem mui ornada,  
de pobreza *guarnecida*,

**Auto da Fé**, COMP. I, 78 / GV. I, 93, 9

e ãa suma perfeição  
de resplendor *guarnecido*,

**Mofina Mendes**, COMP. I, 110 / GV. I, 149,  
12

Tu, mi espada *guarnecida*  
de tan hermosas hazañas,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 98 / GV. IV,  
38, 1

Oh, que corte tão luzida,  
e *guarnecida*

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 170 / GV.  
IV, 142, 2

GUARNIR (esp.)

Enfeitar. Este verbo concorreu no português com *guarnecer*,  
sendo depois por ele suplantado.

del sol estava *guarnida*.

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 61 /  
GV. I, 68, 15

JÓIA – JOYA (esp.)<sup>30</sup>

Peça de adorno de metal precioso e/ou pedrarias. As jóias eram muito estimadas e valorizadas. Usavam-se cadeias de ouro, colares de contas de pedras preciosas, broches, firmais, brincos, pulseiras, diademas, anéis. Era hábito recamar as vestes de pedrarias. Em Gil Vicente, também aparece em sentido figurado, designando pessoa de valor.

e alguns furtos alheios,  
assi em *jóias* de vestir,

**Barca do Inferno**, COMP. I, 218 / GV. II,  
65, 4

Disse que além dos cueiros,  
manda quantas *jóias* tinha,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 373 / GV.  
III, 29, 10

Oh, qué copa tan hermosa!  
tal *joya* cuya será?

**D. Duardos**, COMP. II, 44 / GV. III, 264, 9

dávamos nossos colares  
e nossas *jóias* a pares

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 172 / GV.  
IV, 145, 15

---

<sup>30</sup> *joya* aparece, também, na fala do italiano.



Quando Roma a todas velas  
conquistava toda a terra  
todas donas e donzelas

davam suas *jóias* belas  
pera manter os da guerra.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 175 / GV. IV,  
151, 4

por esta deusa de Tróia,  
por esta divina *jóia*,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 202 / GV. IV,  
227, 2

Sobre quê, divina *jóia*

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 203 / GV. IV,  
229, 6

Yo te doneré ducate  
y le *joya* preciosa

**Auto da Fama**, COMP. II, 366 / GV. V,  
125, 19

Oh qué cosa!  
Una *joya* tan preciosa,  
que matáis todos de amores,

**Auto da Fama**, COMP. II, 370 / GV. V,  
132, 17

Oh, que *jóias* esmaltadas,  
oh, que boninas dos céus,

**Auto das Fadas**, COMP. II, 401 / GV. V,  
178, 13

### LATÃO

Metal de pouco valor. No **Auto da Feira**, uma mulher procura anéis de latão.

Tendes vós aqui anéis?  
.....

D'uns que fazem de *latão*.

**Auto da Feira**, COMP. I, 165 / GV. I, 230, 2

### MANIJA (esp.)

Pulseira, bracelete. Equivalente ao português *manilha*.

toma estas dos *manijas*

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 57 /  
GV. I, 63, 3

### OURO – ORO (esp)

Metal precioso, de larga utilização na confecção de adornos e em tecidos e bordados.

O *ouro* pera que é,  
e as pedras preciosas  
e brocados?

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 15, 19

Vedes aqui um colar  
*d'ouro* mui bem esmaltado,

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 16, 2

Pondes terra sobre terra;  
que esses *ouros* terra são.

**Auto da Alma**, COMP. I, 185 / GV. II,  
16, 24

Um lavor  
de perlas e *ouro* tal  
pera o nosso Embaixador  
por que veja o Emperador  
que as cousas de Portugal  
todas têm grande valor.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 58, 21

Devieras de ser labrado  
de otro metal más ufano  
que no *oro*

**D. Duardos**, COMP. II, 38 / GV. III,  
256, 18

Y mis jardines texidos  
com seda de *oro* tirado

**D. Duardos**, COMP. II, 63 / GV. III, 290, 1

de plata son los palacios  
para Vuesa Señoria

de esmeraldas y jacintos  
d'oro fino de Turquia,

**D. Duardos**, COMP. II, 75 / GV. III, 305,  
31

porque un pequeño honor  
de fama y su resplandor  
es mejor  
que todo el *oro* del mundo.

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 107 / GV. IV,  
4, 17

não briaís *d'ouro* tecidos  
com trepas de desvarios:

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 77 / GV.  
IV, 154, 9

Y pues eres Dios del *oro*,

**Templo de Apolo**, COMP. II, 192 / GV. IV,  
177, 20

Arrenego eu do argem,  
que me vem a dar tormento;  
porque um só contentamento  
val quanto *ouro* Deus tem,

**Serra da Estrela**, COMP. II, 228 / GV. IV,  
199, 8

Eu hei-lhe de apresentar  
minas d' *ouro* que eu sei,

**Serra da Estrela**, COMP. II, 242 / GV. IV,  
220, 13

Um amigo que eu havia  
mançanas d' *ouro* m'envia,  
garrido amor.  
Um amigo que eu amava,  
mançanas d' *ouro* me manda,  
garrido amor,

Mançanas d' *ouro* m'envia,  
a melhor era partida,  
garrido amor.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 243 / GV. IV,  
222, 4, 7 e 9

o Príncipe, nosso Senhor  
irá em quatro rocins  
marinhos em um andor  
do *ouro* que melhor for

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 210 / GV. IV,  
240, 16

Quem sofrimentos vendesse  
quanto *ouro* ganharia?

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 297 /  
GV. V, 13, 23

Tú, ceñura graciosa.  
ternás tierraz y ganados,

cuatro hijoz mucho honradoz,  
mucho *oro* y mucha coza

**Farsa das Ciganas**, COMP. II, 493 / GV. V,  
327, 7

Vivirás muy descansada,  
y si me das prata o *oro*,

**Auto da Festa**, COMP. II, 681 / GV. VI,  
141, 21

#### ORNADA

Enfeitada, adornada.

e esta Virgem mui *ornada*,

**Auto da Fé**, COMP. I, 78 / GV. I, 93, 8

E por ir de todo *ornada*,  
a dama há-de levar  
cada ãa sua criada,

**Cortes de Júpter**, COMP. II, 212 / GV. IV,  
245, 16

PEDRAS PRECIOSAS – PIEDRAS PRECIOSAS (esp.)  
Pedras finas de grande importância e valor. Gil Vicente alu-  
de ao diamante, à esmeralda, ao rubi e à safira

O ouro pera que é,  
e as *pedras preciosas*,  
e brocados ?

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 15, 20

Ó Senhores Portugueses<sup>31</sup>,  
gastai *pedras preciosas*,

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 176 / GV.  
IV, 153, 14

qué más *pedras preciosas*,  
qué más alindadas cosas,  
que estardes juntos los dos?

**Auto da Índia**, COMP. II, 349 / GV. V, 96, 12

#### PENDENTE

Adorno para as orelhas, brinco.

E poreis estes *pendentes*,  
em cada orelha seu:

**Auto da Alma**, COMP. II, 184 / GV. II, 16, 9

#### PERLA – PERLA (esp.)

Pérola. Em sentido figurado, coisa ou pessoa de valor.

Oh, mi *perla* preciosa!

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 489 / GV.  
III, 192, 3

Fazei contas de bugalhos,  
e *perlas* de camarinhas,

**Exortação da Guerra**. COMP. II, 177 / GV.  
IV, 154, 4

---

<sup>31</sup> Está no feminino na edição de Marques Braga.

Y sus árboles salvages  
crien *perlas* orientales;

**Templo de Apolo**, COMP. II, 187 / GV. IV,  
171, 2

Que rosa! que diamante!  
que preciosa *perla* fina!

**O Velho da Horta**, COMP. II, 379 / GV. V,  
145, 4

Quisera que esses amores  
foram *perlas* preciosas,

**O Velho da Horta**, COMP. II, 379 / GV. V,  
149, 16

As *perlas* pera enfiar:

**Inês Pereira**, COMP. II, 436 / GV. V, 234, 12

porque a moça sisuda  
é ãa *perla* pera amar.

**Inês Pereira**, COMP. II, 442 / GV. V, 244, 3

qué dama, qué ruza, que *perla*!

**Ciganas**, COMP. II, 491 / GV. V, 324, 4

Buena dicha, *perla* fina,

**Ciganas**, COMP. II, / GV. V, 325, 4



Não devia tal senhora  
como vós d'andar varrendo.

Senão enfiar aljofre  
e *perlas* orientais,

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 548 / GV. VI,  
48, 19

rocío de l'alvorada,  
*perla* bien aventurada,

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 576 / GV.  
VI, 88, 4

Oh, Mercurio, qué máz quierez  
que tal *perla* por espusa?

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 576 / GV.  
VI, 88, 16

PRATA – PLATA ( esp.)

Metal branco, precioso.

de *plata* son los palacios  
para Vuesa Señoria,

**D. Duardos**, COMP. II, 74 / GV. III, 305, 28

Paguei soma de dinheiro  
a um ourives agora,  
de *prata* que me lavrou,

**Almocreves**, COMP. II, 514 / GV. V, 363, 9

y si me dás *prata*, o oro,

**Auto da Festa**, COMP. II, 681 / GV. VI,  
141, 21

RUBI / RUBIM – ROBI (esp.)

Pedra preciosa vermelha, de grande valor.

E assi como marfim  
seja clara minha vida,  
e minha honra luzida  
e como fino *rubim*;  
assim seja esclarecida.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 385 / GV.  
III, 47, 13

Huvieron de ser *robines*,  
esmeraldas muy polidas

**D. Duardos**, COMP. II, 38 / GV. III,  
256, 19

Briolanja la hermosa,  
niña hecha de un *robí*.

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 95 / GV. IV,  
33, 14

e um sobrecéu per cima,  
d'esmeraldas e *rubis*

**Cortes de Júpter**, COMP. II, 210 / GV. IV,  
240, 19

Quisera que esses amores  
foram perlas preciosas,  
e de *rubis*  
o caminho per onde is,

**O Velho da Horta**, COMP. II, 382 / GV. V,  
149, 17

Õa adela me vendia  
um firmal d'ũa senhora  
com um *rubi*,

**O Velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V,  
171, 13

SAFIRA – ÇAFIRA (esp.)  
Pedra preciosa de cor azul.

Y pues eres Dios del oro,  
y crias las esmeraldas  
y *çafiras*,

**Templo de Apolo**, COMP. II, 192 / GV. IV,  
177, 21

SORTIJA (esp.)  
Anel. Nas vezes en que o termo aparece nos autos, diz repeito  
a um presente.

Y yo te doy estas *sortijas*  
de mis hijas.

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 57 /  
GV. I, 57

Y comprelle una *sortija*,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 259 / GV.  
IV, 282, 5

## 5. VESTES E INSÍGNIAS RELIGIOSAS

É um grupo significativo no conjunto dos termos referentes ao vestuário. Quase todos seus integrantes são vocábulos eruditos, representativos de uma camada de cultura superior. Poderíamos separá-los em dois subgrupos. Num ficaria o vocabulário especializado: *amicto*, *diadema*, *estola*, *mitra*, *vestimenta*, *tonsura*; no outro, *capelo*, *cordão*, *coroa*, *hábito*, que são de domínio geral. Nos autos, todos estão tão ligados à vida religiosa, que chegam a tornar-se seu distintivo. Este fato dá-se especialmente com os termos de domínio geral, como se pode ver abaixo:

Aborrece-me a *coroa*,  
o *capelo* e o *cordão*,  
o *hábito* e a feição,  
e a vespera e a noa,  
e a missa e o sermão:

**Frágua de Amor**, COMP. II, 159-160 / GV.  
IV, 125, 8-12

*Coroa* é o termo mais solicitado como distintivo de frade ou da condição religiosa. No Auto da **Barca do Inferno**, o frade apela para a autoridade da sua coroa:

Mantenha Deus esta *coroa*!

COMP. I, 215 / GV. II, 60, 7

Na **Frágua de Amor**, um frade refere-se à condição religiosa como *coroa*:

Senhores, fui carpinteiro  
da Ribeira de Lisboa,  
e muito boa pessoa,  
e de mero malhadeiro  
me fui fazer de *coroa*.

COMP. II, 156 / GV. IV, 120, 13-17

Os descontentes extravasam sua ira contra os frades, aludindo à *coroa*. Em **Inês Pereira**, a mãe de Inês aconselha Lianor que se queixa de ter sido desrespeitada por um frade:

Deras-lhe, má hora boa  
e mordera-lo na *coroa*.

COMP. II, 431 / GV. V, 227, 10-11

São palavras de Aparicianes na **Romagem dos Agravados**:

Não lhes rogo mal, nem nada,  
porque são sanctas pessoas;  
mas praza à paixão sagrada  
que lhes dêem tanta seixada,  
que lhes quebrem as *coroas*.

COMP. II, 310 / GV. V, 36, 13-17

O vocábulo *coroa* refere-se à tonsura religiosa que deixa uma orla de cabelos em volta da parte raspada. A rigor, esta orla de cabelos é que deveria ser a coroa, porque lembra o objeto de mesmo nome que cinge a fronte. Por um

processo metonímico, coroa ficou sendo a parte interior, raspada<sup>32</sup>.

*Cordão* tem três significações. Duas estão ligadas às vestes religiosas: “corda de cingir o hábito” e “corda fina de cingir a alva”. A terceira acepção diz respeito a um acessório ou enfeite, “corda fina de fios de seda ou de ouro”. Pode servir para cingir, para amarrar ou simplesmente para enfeitar.

*Hábito* é o nome especial que leva a veste dos religiosos. O *capelo*, como se viu no capítulo relacionado ao toucado, é um derivado de capa. Tanto diz respeito ao traje do religioso quanto pode significar capuz. Neste caso, nos autos, é veste de rústico.

O vocabulário especializado merece um tratamento à parte. São vocábulos eruditos e alguns entraram na língua por via religiosa. *Amicto* faz parte das vestes que o celebrante usa para dizer missa. É um pano branco, bento, colocado nos ombros sob a alva. O termo é de procedência latina e, na língua do século XVI, significou, também, velo com que os soldados cobriram a cabeça do Cristo<sup>33</sup>.

*Estola* vem do grego e significa espécie de faixa que o sacerdote coloca no pescoço, caindo dos ombros para baixo, sempre que vai efetuar qualquer prática ou ritual religioso.

A *mitra* é insígnia dos bispos, arcebispos e cardeais. É usada na cabeça, nos atos solenes. Pode designar a dignidade episcopal<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Cf. Vasconcellos, Leite de. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, Vol. I, parte I, pp. 514-515.

<sup>33</sup> Cf. Machado, José Pedro. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1956, p. 188.

<sup>34</sup> Chamava-se, também, mitra a carapuça de papel que se colocava na cabeça dos condenados da Inquisição.

*Vestimenta* é um coletivo. Designa os paramentos do sacerdote, o conjunto das vestes religiosas. Quanto a *diadema*, de origem grega, só o próprio texto indica que diz respeito a religioso:

Tem um grande Arcebispado  
muito honrado,  
junto da pedra de extrema,  
onde põe o *diadema*  
e a mítica o tal prelado.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 166 / GV.  
135, 15-16

Finalmente, *tonsura*, do latim *tonsura*, “corte de cabelo” é usado uma vez em espanhol:

Tu figura,  
en tal hábito y *tonsura*  
causa pesar en te viendo.

**D. Duardos**, COMP. II, 94 / GV. III, 265,  
11, 22

#### AMICTO

Panos brancos que o sacerdote coloca sobre os ombros, debaixo da alva. Moraes registra. Viterbo, não.

e os *amitos* pendurados  
onde a minha espada está.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 524 / GV. VI,  
11, 22

## CAPELO

Ver capítulo TOUCADO.

## CORDÃO

Corda fina usada para segurar ou para cingir. Sua confecção era esmerada. Segundo Moraes (I, 471), de seda, algodão ou fio de ouro. No **Auto da Feira**, as chaves dos céus estão guardadas em cordões dourados. *Cordão* é também o nome dado à corda de cingir a túnica dos frades.

Aborrece-me a coroa,  
o capelo e o *cordão*,

**Frágua de Amor**, COMP. II, 159 / GV. IV,  
125, 9

aqui achareis as chaves dos Céus,  
muito bem guarnecidas em *cordões* dourados.

**Auto da Feira**, COMP. I, 151 / GV. I, 204, 20

## COROA – CORONA (esp.)

Adorno com que se cinge a cabeça. Com este sentido aparece na forma espanhola no **Auto da Sibila Cassandra**, com relação à Virgem Maria e como galardão. Nos autos, não se encontra *coroa* significando poder ou dignidade da realeza. O termo emprega-se, também, para tonsura distintiva do sacerdócio. Nesta acepção, é usado com frequência por Gil Vicente com relação a frades. Pode estar em sentido figurado.

entre más de mil donzellas  
com su *corona* de estrellas

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 64 /  
GV. I, 68, 6



y aun te juro á mi *corona*.

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 64 / GV.  
I, 72, 25

Virgen y madre de Dios,  
a vos, a vos,  
*corona* de las mugeres,

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 69 /  
GV. I, 79, 17

Mas que monton de *coronas*!<sup>35</sup>

**Auto da Fé**, COMP. I, 71 / GV. I, 83, 7

Oh, noite favorecida  
de memorável *coroa*,

**Auto da Fé**, COMP. I, 77 / GV. I, 91, 22

Mantenha Deos esta *coroa*!

**Auto da Barca do Inferno**, COMP. I, 215 /  
GV. II, 60, 7

e assi entregar a minha cabeça  
à cruel *coroa*, porque ela padeça  
com tanto de sangue, que quem me olhar  
que não me conheça

**Auto da História de Deus**, COMP. I, 312 /  
GV. II, 214, 6

---

<sup>35</sup> O pastor refere-se a clérigos.

e só da *coroa*, também crede vós  
que não guarecera.

**Diálogo sobre a Ressureição**, COMP. I,  
320 / GV. II, 227, 10

e de mero malhadeiro  
me fui fazer de *coroa*.

**Frágua de Amor**, COMP. II, 156 / GV. IV,  
120, 17

Aborrece-me a *coroa*,  
o capelo e o cordão,  
o hábito e a feição,  
e a vespera e a noa,  
e a missa e o sermão:

**Frágua de Amor**, COMP. II, 159 / GV. IV,  
125, 8

Y plantar todos los frailes  
en la tierra que no es buena,  
las *coronas* so el arena,  
las piernas hazia los aires,

**Templo de Apolo**, COMP. II, 183 / GV. IV,  
165, 8

Eu são fino da pessoa,  
e por se não duvidar  
fiz hũa cousa muito boa:  
deixei crescer a *coroa*,  
sem nunca a mandar rapar,

**Romagem dos Agravados**, COMP. II, 290  
/ GV. V, 2, 9

que lhes dêem tanta seixada,  
que lhes quebrem as *coroas*,

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 310 /  
GV. V, 36, 17

y sois vida de las glorias,  
y *corona* de las gentes.

**Auto da Fama**, COMP. II, 371 / GV. V,  
133, 10

Vem a Fé e Fortaleza a laurear esta Fama com uma  
*coroa* de louro,

**Auto da Fama**, COMP. II, 375 / GV. V, 139

porque siempre mi persona,  
desque echó de *corona*,  
fue d'amores a la muerte

**Auto das Fadas**, COMP. II, 411 / GV. V,  
193, 20

Deras-lhe, ma hora, boa  
e mordera-lo na *coroa*.

**Inês Pereira**, COMP. II, 431 / GV. V, 227, 11

e dormir com tanta afronta,  
que a *coroa jaz no chão*,

**Almocreves**, COMP. II, 498 / GV. V,  
334, 26

e não fazeis a *coroa*  
antes que vamos caçar?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 518 / GV. VI,  
1, 3

Vá lá quem tiver *coroa*.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 518 / GV. VI,  
2, 14

#### DIADEMA

No texto vicentino é insígnia sacerdotal. Moraes define diadema como insígnia real, fita, faixa<sup>36</sup>.

onde põe o *diadema*  
e a mítara o tal prelado.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 166 / GV.  
IV, 135, 15

#### ESTOLA

Peça dos paramentos sacerdotais. Coloca-se por cima da alva e por baixo da casula.

E solte a cabra também,  
que está presa pola *estola*,

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 524 / GV. VI,  
12, 10

---

<sup>36</sup> Cf. Moraes, I, 613

HÁBITO- HÁBITO (esp.)  
Vestimenta do religioso. Veste talar.

e este *habito* não me vale ?

**Auto da Barca do Inferno**, COMP. I, 214 /  
GV. II, 58, 15

Tu figura,  
en tal *hábito* y tonsura  
causa pesar en te viendo.

**D. Duardos**, COMP. II, 44 / GV. III, 265, 12

de estos mis *hábitos* dos  
este, señor, vestireis

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 101 / GV. IV,  
42, 11

Depois de vestido Amadis no *hábito*, olhando-se a  
si mesmo diz:

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 101 / GV. 42

En *hábito* de burel  
pide por esses casales.

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 105 / GV. IV,  
48, 4

Aborrece-me a coroa,  
o capelo e o cordão  
o *hábito* e a feição,

**Frágua de Amor**, COMP. II, 159 / GV. IV,  
125, 10

Entra logo Frei Paço com seu, *hábito* e capelo...

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 289 /  
GV. V, 1

inda que trago comigo  
*hábito* que é muito disso.

**Romagem dos Agravados**, COMP. II, 290  
/ GV. V, 3, 2

### MITRA

Insígnia episcopal, usada na cabeça em certas ocasiões.

onde põe o diadema  
e a *mítara* o tal prelado.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 166 / GV.  
IV, 135, 16

e não sei conjecturar  
como se pode assentar  
*mítara* em cabeça d'asno.

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 307 /  
GV. V, 31, 8

### SAMARRA

Como veste religiosa, ocorre no **Auto da Feira**. Para a acepção de roupa pastoril, ver o capítulo VESTES EM GERAL.

### TONSURA (esp.)

O corte de cabelo. Geralmente, a coroa dos religiosos.

Tu figura  
en tal hábito y *tonsura*  
causa pesar en te viendo.

**D. Duardos**, COMP. II, 44 / GV. III, 265,  
12

### VESTIMENTA

Vestes dos atos solenes sacerdotais.

E a *vestimenta* achará  
dobrada sobre a albarda.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 524 / GV. VI,  
12, 1

## 6. ARMAS

Na tragicomédia de **Amadis de Gaula**, há uma passagem em que várias armas são nomeadas. Amadis, desesperado por uma carta de Oriana, pensa em abandonar tudo:

El mundo quiero dexallo,  
pues me dexó su señora;  
el bivar quiero mudallo,  
mis *armas* y mi cavallo  
despido luego en la hora.

Tú, mi *espada* guarnecida  
de tan hermosas hazañas,  
en fuego seas hundida,  
como arden mis entrañas  
consumiéndome la vida.  
Y tu, *puñal* esmaltado,  
fuerte y favorecido

de aventuras peligrosas,  
de rayo seas quebrado,  
e mil pedazos partido,  
como ahora están mis cosas.

Y tú, mi *elmo* lustrante,  
com tu *cimera* hermosa,  
que por Oriana emprendí,  
plega a Dios que te quebrante  
alguna peña rabiosa  
que del cielo caya en ti.  
Y tú *arnés* y *piastrón*,  
n'el mar Índico cayáis  
en lo mas hondo de allí,  
donde sin causa y razón  
tales fortunas hayáis  
como acá dexais a mi..

*Quixotes*, *manoplas*, *grevas*,  
mis *armas* nunca vencidas,  
que os hagan siendas cuevas,  
y de vos vayan las nuevas  
que de mí tengo sabidas.

COMP. II, 99 / GV. IV, 38-39

Aí temos a relação das armas do herói, as de ataque e as de defesa. Afora *espada*, que aparece em outros locais, estas armas só são nomeadas uma vez nos autos.

*Quixote* é uma peça de armadura que protege a coxa. Provém do catalão *cuixot*, derivado de *cuixa*, que equivale ao português coxa. Cervantes deve ter escolhido propositalmente, o nome do seu herói. O *elmo* protege a cabeça, *piastrão*, o peito, *quixote* a coxa, como foi dito, *manopla*, a mão e *grevas*, os pés e as pernas. Como *arnês* é o conjunto de armas defensivas, apenas *espada* e *punhal* são citados entre as ofensivas.



*Espada* aparece, também, na descrição de Frei Paço, na **Romagem de Agravados** e em outra passagem do mesmo auto, como já foi exemplificado com relação a *hábito*, *capelo* e *gorra*.

A figura grotesca do frade é uma mistura de diversas classes. *Hábito* e *capelo* distinguem o frade, *gorra de veludo* e *luvas*, o homem do mundo, e *espada*, o cavaleiro.

O termo *capacete* é mais freqüente. Na **Exortação da Guerra**, simboliza as armas, em geral:

Oh, que não honram vestidos,  
nem mui ricos atavios,  
mas os feitos nobrecidos!  
Não briaís d'ouro tecidos  
com trepas de desvarios:  
dai-os pera *capacetes*.

COMP. II, 177 / GV. IV, 154, 6-11

Em sentido figurado, aparece no **Triunfo do Inverno**:

Sois piloto d'Alcochete  
pera o rio das enguias,  
e navegar nestas vias,  
quer cabeça e *capacete*.

COMP. II, 266 / GV. IV, 294

## ARMADOS

Com armas.

Seis deles não escaparão,  
que vão muito acutilados;  
os cinco vinham *armados*,  
feitos malha de Milão,

**Juiz da Beira**, COMP. II, 485 / GV. V, 313, 11

ARMAS – ARMAS (esp.)

Termo genérico. Conjunto de objetos de ataque e de defesa.

Ya se tarda  
que las *armas* juzgan esto.

**D. Duardos**, COMP. II, 15 / GV. III, 225, 8

mis *armas* y mi caballo  
despido luego en la hora.

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 98 / GV. IV,  
38, 9

Tus cinco llagas le diste  
en pago de su cuidado,  
que la dexase por *armas*  
a su reino señalado.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 275 / GV.  
IV, 309, 17

ARNÊS – ARNÉS (esp.)

Conjunto de armas defensivas que se acomodam ao corpo.  
Do francês antigo *harneis* (hoje *harnais*). Também empregado em sentido figurado.

del sol estava guarnida,  
percebida,  
contra Lucifer armada,  
com virgen *arnés* guardada,

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 61 /  
GV. I, 68, 18

Y tu, *arnés* y *piastrón*,  
n'el mar Índico cayáis  
en lo mas hondo de allí.

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 98 / GV. IV,  
39, 1

E haviam mister refundidos,  
ao menos três partes deles,  
em leigos, e *arneses* neles

**Frágua d'Amor**, COMP. II, 157 / GV. IV,  
122, 8

#### CAPACETE

Arma de defesa para a cabeça. Nos autos, aparece também em sentido figurado.

Ó padre Frei *Capacete!*  
Cuidei que tínheis barrete.

**Barca do Inferno**, COMP. I, 215 / GV. II,  
60, 8

Não briaís d'ouro tecidos  
com trepas de desvarios:  
dai-os pera *capacetes*.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 177 / GV.  
IV, 54, 11

e navegar nestas vias  
quer cabeça e *capacete*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 266 / GV.  
IV, 294, 4

CIMEIRA – CIMERA (esp.)

Penacho ou outro adorno do capacete ou do elmo.

Y tú, mi elmo lustrante,  
com tu *cimera* hermosa,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 98 / GV. IV,  
38, 23

ESPADA – ESPADA (esp.)

Arma de lâmina com ponta.

Tú mi *espada* guarnecida  
de tan hermosas hazañas,  
en fuego seas hundida,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 98 / GV. IV,  
38, 11

Entra logo Frei Paço com seu hábito e capelo, e  
gorra de veludo, e luvas, e *espada* dourada, fazen-  
do meneios de muito doce cortesão;

**Romagem dos Agravados**, GV. V, 1

*Deo gratias* não me pertence,  
nem *pera sempre* nem nada,  
senão *espada* dourada  
porque muito bem parece  
ao Paço trazer *espada*

**Romagem de Agravados**, II, 290 / GV. V,  
2, 3 e 5

Porque mato com rezão,  
e quando levo da *espada*,  
treme a terra e abre o chão.

**Juiz da Beira**, GV. V, 314, 7

ainda lá farei fataxas,  
qu'eu não hei-d'ir sem *espada*.

**Juiz da Beira**, COMP. II, 486 / GV. V, 315,  
2

GREVAS – GREVAS (esp.)

Botas ou polainas de ferro ou outro metal, usadas na guerra, antigamente.

Quixotes, manoplas, *grevas*,  
mis armas nunca vencidas,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 99 / GV. IV,  
39, 7

MANOPLA – MANOPLA (esp.)

Palavra de origem incerta. Peça de armadura com que se protegia a mão.

Quixotes, *manoplas*, *grevas*,  
mis armas nunca vencidas,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 99 / GV. IV,  
39, 7

PUNHAL – PUÑAL (esp.)

Arma branca. É derivado de punho.

Y tú, *puñal* esmaltado,  
fuerte y favorecido  
de aventuras peligrosas,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 99 / GV. IV,  
38, 16

PIASTRÃO – PIASTRÓN (esp.)  
Peça de armadura que forrava a frente da couraça.

Y tú arnés y *piastrón*,  
nel mar Índico cayáis  
en lo mas hondo de allí,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 99 / GV. IV,  
39, 1

QUIXOTE – QUIXOTE (esp.)  
Peça de arnés para cobrir a coxa.

*Quixotes*, manoplas, grevas,  
mis armas nunca vencidas,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 99 / GV. IV,  
39, 7

TERÇADO  
Espada curva. Segundo Moraes, vem de “terçar a espada”<sup>37</sup>.

e o precioso *terçado*  
que foi no campo tomado  
depois de morto Roldam,

O *terçado* pera vencer;

**Cortes de Júpter**, COMP. II, 219 / GV. IV,  
256, 8 e 11

---

<sup>37</sup> *Op. cit.*, Vol. II, p. 767.

## 7. CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO

O material de confecção, nos autos, tirando os de valor intrínseco, isto é, os metais e pedras preciosas que entram na fabricação de jóias ou nos bordados e adornos das roupas, refere-se, com mais frequência, às peças que constituem as vestes propriamente ditas. Há materiais finos (*seda, veludo, brocado, escarlata, conray*), grosseiros (*bragal, saial, liteiro*) e comuns (*algodão, linho, fustão e lã*, o mais fartamente empregado). Para o calçado, há *cordovão* e, com relação à cobertura de cabeça, *seda, veludo e sirgo*, este último num trecho de cantiga.

O próprio texto permite uma leitura que hierarquiza os materiais. O algodão, por exemplo, é material comum. Relaciona-se a mulher de condição inferior. Aparece em relação sintagmática com *linho* e *estopa* em **Quem tem farelos?** (COMP. II, 344 / GV. V, 87, 6):

Hui! pois geita-te ao fiar  
*estopa* ou *linho* ou *algodão*.

Opõe-se, no conjunto da obra, a *seda, brocado* e *conray* que aparecem relacionados a personagens de classe superior.

É interessante observar que em Gil Vicente as atividades femininas também se hierarquizam de acordo com o material de trabalho ou vice-versa. *Fiar* é ocupação feminina por excelência, para qualquer classe social, enquanto a mãe de Isabel (**Quem tem farelos?**) a aconselha a fiar estopa, linho ou algodão, tarefa e materiais condizentes com a sua condição. Aires Rosado promete à mesma Isabel um status melhor, uma vida regalada:

não tendes em que vos acupar,  
senão somente enfiar  
aljofre, já d'enfadada.

COMP. II, 338 / GV. V, 77, 4-6

Do mesmo modo, o cortesão que quer conquistar Lediça, filha do alfaiate judeu do **Auto da Lusitânia**, diz-lhe que tal senhora não deveria estar varrendo, mas sim:

enfiar aljofre  
e perlas orientais,

(COMP. II, 548 / GV. VI, 48, 18-19)

A procedência do material tinha muita importância na época. Em Portugal, fabricava-se o mais comum e também a seda de vários tipos e qualidades. Era larga a produção de lã. A escarlata, valorizadíssima, vinha de Flandres ou da Inglaterra. Os veludos e cetins eram de procedência oriental, a cambraia, do norte da Europa. O contray era um pano fino, fabricado em Contray, nome que os espanhóis davam à cidade flamenga de Courtray<sup>38</sup>.

No **Auto da Serra da Estrela** (COMP. II, 242 / GV. IV, 219-220), há um trecho em que se faz alusão aos presentes, os melhores, da melhor procedência que cada região deverá enviar. Entre queijos manteiga e castanhas, há panos finos de Covilhã, forros de arminho do Val de Penedos e dos montes e caminhos da Serra da Estrela.

No que toca à etimologia dos vocábulos, é interessante observar que acompanha paralelamente a evolução

---

<sup>38</sup> Cf. Corominas, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954, vol. I, p. 802.



cultural do vestuário. Enquanto *lã*, *linho*, *estopa*, mais tradicionais e comuns, são de procedência latina, *algodão* e *escarlata* são de origem árabe, *contray* leva o nome da sua cidade de origem, *burel* provém do francês antigo, *brocado* é de origem italiana através do catalão, *cordovão* está ligado à cidade de Córdova, grande centro antigo de curtição e preparo de couros e peles. Como se vê, o cosmopolitismo da moda reflete-se no cosmopolitismo dos termos que lhe dizem respeito.

### ALGODÃO

Material de pouco valor, usado pelas pessoas simples.

Hui! pois geita-te ao fiar  
estopa ou linho ou *algodão*.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 6

### ARMINHO

Sua pele era de grande valor e muito apreciada, usada para forrar e enfeitar mantos. As peles mais comuns eram as de cordeiro e de cabrito, mais ordinárias, as de coelho, mais baratas e mais vulgares. O gato doméstico estava pouco cotado no século XIII, uma pele valia o mesmo que um metro de bragal, tecido utilizado nas vestes interiores. As de esquilo eram muito cotadas. Mudavam a cor, conforme a estação em que o animal era caçado: acinzentadas, no inverno e castanho-avermelhadas, no verão. As de importação, fuinha, mar-ta, lontra, arminho, raposa e outras eram valiosas e tabeladas. Se tingidas, o valor aumentava<sup>39</sup>. Em sentido figurado, arminho aplica-se a objeto ou coisa de valor.

---

<sup>39</sup> Cf. Oliveira Marques, *op. cit.*, pp. 33-34.

E os do Valedos Penedos  
e Montes dos Três Caminhos,  
que estão em fortes montados,  
mandarão emprestados  
trezentos forros d' *arminhos*  
pera forrar os brocados.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 242 / GV. IV,  
220, 10

Minha rosa! meu *arminho*!

**O Velho da Horta**, COMP. II, 378 / GV. V,  
143, 18

BUREL – BUREL (esp.)

Pano grosseiro de lã. Por metonímia, traje grosseiro. Os fra-  
des vestiam-se de burel. Pode também indicar luto. Como  
não era tingido, tinha aspecto esbranquiçado, daí a adoção  
do branco como luto, até o século XV<sup>40</sup>.

Tendes vós aqui *burel*,  
do pardo de lã meirinha?

**Auto da Feira**, COMP. I, 167 / GV. I, 233,  
11

Por este vesti *burel*  
de vil terra,

**Auto da Cananéia**, COMP. I, 339 / GV. II,  
252, 5

---

<sup>40</sup>Cf. Oliveira Marques, *op. cit.*, p. 58.

En hábito de *burel*  
pide por esses casales.

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 105 / IV, 48, 4

Notas de Marques Braga, ao pé das páginas 79 e 106 do segundo volume da edição vicentina da Sá da Costa, referentes aos autos da **Barca do Inferno** e da **Barca do Purgatório**, respectivamente, explicam *burel* como luto. Revendo o texto, creio que, nos dois casos, o sentido mais se aproxima de mortalha:

Ora já passei meu fado,  
e já feito é o *burel*

**Barca do Inferno**, COMP. I, 227 / GV. II, 75, 21

S'eu não fora pulhador  
j'ela passava o *burel*

**Barca do Purgatório**, COMP. I, 242 / GV. II, 106, 9

Na **Comédia do Viúvo**, há referência ao preto como luto.

Quitad el luto de vos,  
y esos paños *negregosos*;

**Comédia do Viúvo**, I, 414 / GV. III, 89, 27

que cierto sabemos nos  
negar los hechos de Dios  
todos que están lutosos.

Que se muestran soberbiosos  
de quexosos,  
cargados de *paños prietos*,

**Comédia do Viúvo**, I, 415 / GV. III, 90, 6

Mais fermoso está ao vilão  
mau burel que bom frisado,

**Almocreves**, COMP. II, 512 / GV. V, 359, 2

BROCADO – BROCADO (esp.)

Tecido fino precioso, de seda, às vezes entretecido de ouro.

O ouro pera que é,  
e as pedras preciosas  
e *brocados*?

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 15, 21

E depois darei janeiras  
de *brocado*,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 400 / GV.  
III, 69, 5

parecen viejas pinturas,  
unas damas de Guinea  
com *brocado*

**D. Duardos**, COMP. II, 35 / GV. III, 252, 10

Porque, Amor, yo quiero ver,  
pues que Dios eres llamado

divinal  
si tu divinal poder  
hará subir en *borcado*  
este sayal;

**D. Duardos**, COMP. II, 47 / GV. III, 268, 11

(...) e os Fidalgos do Príncipe tiraram suas capas e ficaram em calções e gibões de *brocado* como carafates

**Nau de Amores**, COMP. II, 121 / GV. IV, 70

mandarão empresentados  
trezentos forros d'arminhos  
pera forrar os *brocados*.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 242 / GV. IV, 220

#### CAIREL

Espécie de galão estreito, debrum.

Aqui hão d'ir uns cairéis  
ao redor destes bocais.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 392 / GV. III, 57, 5

#### CONTRAY (esp.)

Pano fino, fabricado em Courtray de Flandres<sup>41</sup>. Moraes e Viterbo não registram. Também não há alusão na obra citada de Oliveira Marques. Corominas<sup>42</sup> registra, com a mesma explicação da nota de Marques Braga.

---

<sup>41</sup> Cf. nota da página 200, volume III, da edição de Marques Braga, para a Sá da Costa.

<sup>42</sup> *Op. cit.*, Vol. I, p. 802.

Acá me há quedado todo  
una beca de veludo,  
y loba de *contray* frisado,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 495 / GV.  
III, 200, 7

### CORDOVÃO

Couro de cabra, curtido pelos mouros de Córdova. Os sapatos de cordovão eram mais apreciados e mais caros.

Vou e vendo ãa viola  
e um gibão de fustão  
e botas de *cordovão*,

**Juiz da Beira**, COMP. II, 474 / GV. V,  
297, 12

mas já eu a vosso pai vi  
morder bem um mau *cordovão*.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 527 / GV. VI,  
17,12

### ESCARLATA – ESCARLATA (esp.)

Pano de lã cremesin, fino, mas não tanto quanto a grã<sup>43</sup>. Procedia de Flandres ou da Inglaterra e era tingida em cores próximas do vermelho. Segundo Oliveira Marques, a Pragmática de 1340 reserva a escarlata para o rei e outros membros da família real<sup>44</sup>. Em Gil Vicente aparece como tecido de valor, no **Auto de Mofina Mendes**, e como cor, na **Comédia do Viúvo**:

---

<sup>43</sup>Moraes, I, 175

<sup>44</sup>Cf. *op. cit.*, p. 58.

e o dia que for casada  
sairei ataviada  
com um brial d'*escarlata*,

**Auto de Mofina Mendes**, COMP. I, 115 /  
GV. I, 150, 5

su muerte es tan notoria  
de memoria,

que el luto desbarata;  
mas antes la *escarlata*  
es meritoria.

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 415 / GV.  
III, 90, 18

#### ESTOPA

Parte mais grossa do linho. Material inferior.

Dá ao demo essa cachopa.  
Assenta-te na portela  
e vai correndo trás ela  
com ãa rocada d'*estopa*.

**Nau de Amores**, COMP. II, 128 / GV. IV,  
79, 15

los monges de *estopa* bela,  
que en llegando la candela  
se acabasen de quemar  
y luego fuego a su celda.

**Templo de Apolo**, COMP. II, 183 / GV. IV,  
165, 2

Hui! pois geita-te ao fiar  
*estopa* ou linho ou algodão.

**Quem tem farelos ?** COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 6

### FIO

Fibra proveniente de materiais têxteis.

E quando lhe quebra o *fi*,  
renega coma beleguim.

**Quem tem farelos?** COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 6

Mostra-m'essa roca ca:  
siquer fiarei um *fi*.

**Auto da Índia**, COMP. II, 347 / GV. V, 92, 16

### FUSTÃO

Pano de algodão ou linho, tecido de cordão. Não é de qualidade inferior como o burel, nem tão comum como a lã.

Vou e vendo ãa viola  
e um gibão de *fustão*  
e botas de cordovão,

**Juiz da Beira**, COMP. II, 474 / GV. V,  
297,11

### LÃ- LANA (esp.)

O pelo da ovelha. Tecido feito com o pelo da ovelha. O tecido era comum, de uso geral e baixo preço. Era o material



por excelência para as vestes. Nos autos, relaciona-se a personagens humildes. Aparece como material, tecido e agasalho.

É essa a tua saia nova?  
Mostra cá a ver que *lã* tem.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 131 /  
GV. I, 173, 14

Tendes vós aqui burel,  
do pardo de *lã* meirinha?

**Auto da Feira**, COMP. I, 167 / GV. I,  
233, 12

Depois tomavas a *lã*  
da melhor e a mais sã,  
e davas ao dízimo a do rabo,  
temporã

**Auto da Barca do Purgatório**, COMP. I, 236  
/ GV. II, 95, 10

comei dessa fruta amargosa, montesa,  
e fie da *lã* a primeira princesa

**Auto da História de Deus**, COMP. I, 290 /  
GV. II, 184, 21

El hombre queremos ver,  
que los paños son de *lana*.

**D. Duardos**, COMP. II, 33 / GV. III, 249,  
11

Gran remedio es par'al frío  
al que viste poca *lana*

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 256 / GV.  
IV, 279, 2

Isso é ou lobo ou rã,  
ou feixe de lenha ou armeu de **lã**;

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 266 / GV.  
IV, 295,7

### LINHO

Fio obtido das fibras de linho.

Agora lhe fio eu  
ũa camisa de *linho*.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 136 /  
GV. I, 182, 9

Hui! pois geita-te ao fiar  
estopa ou *linho* ou algodão.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 6

### LITEIRO

Tecido próprio para sacos. No presente passo, explica-se pela excentricidade com que se aprentam as damas em **Cortes de Júpiter**.

E a sua moça irá  
em trosquia num sendeiro,  
com um sainho de *liteiro*,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 213 / GV. IV,  
247, 3

## MALHA

Ver verbete no capítulo MÃO DE OBRA.

## OURELO

Segundo Moraes, trata-se de um tecido de lã grosseira, à borda do pano, para não desfiar. O *Novo Dicionário Aurélio* registra como fita ou tira de pano grosso; ourela. No tempo de Eça de Queirós usavam-se chinelos de ourelo. Pelo texto, não pode ser parte de uma peça de vestuário nem o material de confecção, mas, por metonímia, a própria peça, provavelmente um abrigo de tecido grosseiro. Cismena menina era uma pastorinha.

Dera eu ora o meu *orelo*,  
e os meus alfinetinhos,  
e achasse os meus porquinhos  
cajuso em Val de Cobelo.

**Comédia de Rubena**, COMP. GV. III, 40, 5

## PANO – PAÑO (esp.)

Tecido. Por extensão de sentido pode significar “roupa”, “traje”.

Vê o menino chorar,  
e a Senhora afligida,  
sem ter cousa nesta vida,  
nem *panos* pera o pensar:

**Auto da Fé**, COMP. I, 78 / GV. I, 93, 19

comprai aqui *panos*, mudai os vestidos,

**Auto da Feira**, COMP. I, 78 / GV. I, 205, 17

cá dizem que sob mau *pano*  
está o bom bebedor:

**Auto da Feira**, COMP. I, 156 / GV. I, 214, 8

Dirás que arrendaste na sisa dos *panos*,  
ou nos azeites do haver do peso

**Diálogo sobre a Ressurreição**, COMP. I,  
317 / GV. II, 222, 19

Se vos vísseis cá de fora  
mudaríeis esses *panos*,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 400 / GV.  
III, 68, 13

cargados de *paños* prietos,

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 415 / GV.  
III, 90, 6

Porque si con muestra de rey  
vendíeredes después, Señor,  
falso paño,

**D. Duardos**, COMP. II, 14 / GV. III, 223, 13

Iros hes a su hortelano  
vestido de *paños* viles,  
com paciencia,  
de príncipe hecho villano;

**D. Duardos**, COMP. II, 27 / GV. III,  
241, 23

El hombre queremos ver  
que los *paños* son de lana.

**D. Duardos**, COMP. II, 33 / GV. III, 249, 11

Señor, mudad el pelejo,  
id a vestir vuessos *paños*  
naturales.

**D. Duardos**, COMP. II, 68 / GV. III,  
296, 16

Amadís, de essa color  
es el *pañio* en que me fundo,

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 68 / GV. IV,  
4, 13

No aprovecha calçar,  
ni vestir *paños* loçanos;

**Nau d'Amores**, COMP. II, 126 / GV. IV,  
77,14

e Covilhã muitos *panos*  
finos que se fazem lá.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 242 / GV. IV,  
219, 28

leixou-lhe pera três anos  
trigo, azeite, mel e *panos*,

**Auto da Índia**, COMP. II, 347 GV. V, 93, 2

Ando dizendo entre mi,  
que agora vai em dous anos  
que eu fui lavar os *panos*  
além do chão d'Alcami;

**Auto da Índia**, COMP. II, 355 / GV. V, 108, 3

que esperança de os ver  
me hizo vestir tal *pañõ*.

**Inês Pereira**, COMP. II, 458 / GV. V, 268, 8

Que Diuz vuz defienda del amor de engaño  
que muztra una mueztra y vende outro *pañõ*,

**Ciganas**, COMP. II, 490 / GV. V, 322, 11

pera ajuda de casar  
ũa orfã, mandastes dar  
meio cõvado de *pano*  
d'Alcobaça por tosar,

**Almocreves**, COMP. II, 498 / GV. V, 336, 7

Tirai vós aquestos *panos*,  
parecereis de quinze anos  
pelos santos Evangelhos.

**Auto da Festa**, COMP. II, 692 / GV. VI,  
154, 22

## PELE

As peles eram utilizadas para forrar as vestes ou para decorá-las. Tiveram grande uso e prestígio. Havia peles comuns e baratas e outras muito apreciadas, até importadas e de alto custo. As peles de coelho, cordeiro e cabrito eram de pouco valor. No texto vicentino, o exemplo indica tratar-se de material ordinário.

Eu são indino pastor  
pobre, vestido de *pele*,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 503 / GV.  
III, 212, 2

## RETRÓS

Fio de seda torcido.

Está tão saudosa de vós,  
que se perde a coitadinha  
há mister hũa vasquinha  
e três onças de *retrós*.

**O Velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V,  
171, 2

ROUPA – ROPA (esp.)

Ver capítulo TERMOS GERAIS.

SAYAL (esp.)

Pano ordinário, grosseiro. Segundo Marques Braga, de lã<sup>45</sup>.

Porque, Amor, yo quiero ver,  
pues que Dios eres llamado  
divinal  
si tu divinal poder  
hará subir en borcado  
este *sayal*;

**D. Duardos**, COMP. II, 47 / GV. III, 268, 12

SEDA – SEDA (esp.)

Tecido fino, importado, muito valorizado. Usava-se até na confecção de roupas íntimas. Pode ser, também, o fio de seda.

E as *sedas* pera quê?

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 15, 22

---

<sup>45</sup> Cf. GV. III, p. 268, nota.

Traze cá a almofadinha,  
e a *seda* e o dedal,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 388 / GV.  
III, 52, 5

Y mis jardines texidos  
com *seda* de oro tirado

**D. Duardos**, COMP. II, 63 / GV. III, 290, 14

Pero quiso Vuessa Alteza  
que deva besar la mano  
de mi *seda*

**D. Duardos**, COMP. II, 71 / GV. III, 301, 7

como rosa ataviada,  
toda de *seda* amorada,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 213 / GV. IV,  
246, 7

Dou-te ãa touca de *seda*.

**Auto da Índia**, COMP. II, 346 / GV. V, 92, 4

Remoçou-m'ela um brial  
de *seda* e uns toucados.

**O Velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V,  
170,14



## SIRGO (esp.)

Sirgo. Fio de seda ou seda bruta.

Para dar al su amigo  
en un sombrero de *sirgo*.

**Auto dos Quatro Tempos**, COMP. I, 89 /  
GV. I, 107, 11

## VELUDO – VELUDO (esp.)

Seda com pelo alto. Era tecido produzido em Portugal assim como a seda.

Tirai a loba e daí-ma cá  
luvas e sombreiro e tudo,  
e a beca de *veludo*,  
que tudo se guardará:

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 491 / GV.  
III, 194, 15

Acá me ha quedado todo  
una beca de *veludo*,  
y loba de contray frisado,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 495 / GV.  
III, 200, 6

Quando vejo um cortesão  
com pantufos de *veludo*,

e ãa viola na mão  
tresanda-m’o coração,  
e leva-me a alma e tudo.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 236 / GV. IV,  
212, 8

se não tiver que vos venda  
vinho a seis, cabra a três,  
pão de calo, filhós de manteiga,  
moça formosa, lençóis de *veludo*.

**Almocreves**, COMP. II, 507 / GV. V, 351, 23

## 8. ACESSÓRIOS

Estamos considerando acessórios<sup>46</sup> aqueles objetos que, sem fazer parte do vestuário propriamente dito, são, entretanto, indispensáveis para compô-lo ou têm função utilitária e fazem parte do que as pessoas levam consigo. Estão neste caso: *bolsa*, *cinto*, *cordão*, *faixa*, *luvas* e *surrão*.

O grupo é pequeno e limitar-nos-emos a dar alguns esclarecimentos sobre cada um dos termos.

*Bolsa*, do latim *bursa*, ocorre raramente nos autos<sup>47</sup>. Os *cintos* eram usados em larga escala porque todas as roupas eram cintadas. Os camponeses, quando o comprimento das vestes atrapalhava o trabalho, levantavam-nas pela cintura com o cinto. Além de objeto utilitário, podia servir de pretexto a decorações preciosas de ouro, prata e pedrarias, tornando-se um adorno de luxo. Os *cordões*<sup>48</sup> tinham utilidades várias: cingir e atar peças de vestuário ou objetos pequenos. Há *cordões* de fios de seda e, mais preciosos, de fios de ouro. No **Auto da Feira**, as chaves dos céus estão atadas com cordões dourados:

---

<sup>46</sup> Há um grupo de palavras de que não nos ocupamos por não fazerem parte do traje, embora acompanhem sempre os personagens que as usam. São instrumentos de trabalho, relativos aos pastores: cajado, tarros, apeiros, chocalhos, etc.

<sup>47</sup> Cf. verbete *bolsa*.

<sup>48</sup> No capítulo VESTES E INSÍGNIAS RELIGIOSAS, tratamos deste acessório como distintivo de frades, por fazer parte de sua indumentária.

Aqui achareis as chaves dos Céus  
muito bem guarnecidas em *cordões* dourados;

COMP. II, 151 / GV. I, 204, 19-20

*Faixa* aparece também na forma espanhola *faxa* na edição de Buescu, grafado *faja* na edição de Marques Braga. Na Idade Média, como revelam os cancioneiros, as *faixas* ou *cintas* foram objeto de presente das damas para seus trovadores. Na **Comédia do Viúvo**, trata-se de um presente, mas não de dama para trovador.

Sobre *luvas* temos a observar que a expressão já se usava no sentido de “pagamento ao mediador de uma transação”. Na **Romagem dos Agravados**, lê-se:

*Luva* vai e *luva* vem,  
e alvalá de filhamento,  
fazemo-lo casamento  
c’o carrapato d’Ourém,  
moço da Câmara do vento.

COMP. II, 302 / GV. V, 22, 4-8

*Surrão* é a bolsa própria dos pastores. Aparece na forma espanhola *çurrón*. É palavra de origem incerta para o português e o espanhol. É provável que venha do vasco *zorro*.

Resolvemos, depois de alguma hesitação, mencionar o termo “espelho de alinde”. Apesar de não ser um acessório que a pessoa porta consigo, este objeto serve para conferir a aparência.

Em sentido figurado, aparece no **Auto da Fama**:

Ormuz, Quíloa, Mombaça  
Sofala, Cochim, Melinde,

como em *espelhos d'alinde*,  
reluze quanta é sua graça.

**Auto da Fama**, COMP. II, 367 / GV. V,  
126,24

Na acepção de “modelo”, *espelho/espejo* têm largo emprego, em português e espanhol.

*Espejo* de generaciones  
y naciones,  
de Dios hija, madre y esposa,

**Auto da Sibila Cassandra**, COMP. I, 69 /  
GV. I, 79,20

#### BOLSA

Saco de tecido, de seda, confeccionado com ponto de meia e, talvez, de malha ou metal, para guardar o dinheiro. Eram presas ao cinto<sup>49</sup>.

Vejamos *bolsa* que tem:  
um pente para quê bom?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 535 / GV. VI,  
28,6

Quando *bolsa* mi achase  
Fernão d'Alvaro, esse si;  
nunca pente sá ali.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 536 / GV. VI,  
28, 14

---

<sup>49</sup>Cf. Oliveira Marques, *op. cit.*, p.47.

Ah Reus! Quem te furtasse  
*bolsa*, Nuna Ribeiro!

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 536 / GV. VI,  
28, 18

### CINTO

Correia ou tira para cingir a cintura, com fecho. Quase todas as roupas masculinas eram cintadas. Os cintos eram confeccionados em couro, fazenda, inclusive veludo e seda, e até em metal. Os fechos eram de vários modelos e ostentavam grande quantidade de ouro, prata e pedrarias. Eram usados por ambos os sexos. As cintas, que tinham a mesma finalidade, eram faixas. Em Gil Vicente, *cinta* só aparece com o sentido de cintura, parte do corpo.

Leixarei o chapeirão  
metido nesta moureira,  
e o *cinto* e a esmoleira,

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 534 / GV. VI,  
26, 28

Jesu! E o meu chapeirão  
e o *cinto* e esmoleira?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 538 / GV. VI,  
30, 2

### CORDÃO

Ver capítulo VESTES E INSÍGNIAS RELIGIOSAS.

### ESMOLEIRA

Bolsa de guardar as esmolos.

Leixarei o chapeirão  
metido nesta moureira,  
e o cinto e a *esmoleira*,

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 534 / GV. VI,  
26, 28

Jesu! E o meu chapeirão  
e o cinto e a *esmoleira*?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 538 / GV. VI,  
30, 21

FAXA (esp.)

Tira para cingir a cintura. No texto vicentino é um presente. Nas cantigas medievais as **cintas**, que são faixas, aparecem como prendas que as damas oferecem a seus trovadores<sup>50</sup>.

luego la vestió y le dio  
una *faxa* colorada  
de presente.

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 424 / GV.  
III, 102, 22

FRALDIQUEIRA

Provavelmente trata-se de bolso da fraldilha. Como já observamos, nos autos, *fraldilha* faz parte do vestuário feminino: é avental. Moraes descreve *fraldilha* como fralda de couro que usavam antigamente os moços do monte. Seria um “avental de couro”. No verbete “fralda”, caracteriza-a como a parte do vestido da cintura para baixo<sup>51</sup>. Em nota

---

<sup>50</sup> Cf. Michaëlis, Carolina. Glossário do Cancioneiro da Ajuda. *Revista Lusitana*, XXIII, 1920, n.ºs 1-4, p. 17, *cinta*.

<sup>51</sup> Moraes, II, 55.

de pé de página, Marques Braga propõe o significado “algibeira”<sup>52</sup>.

Duarte, tendes vós  
dinheiro na *fraldiqueira*?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 542 / GV. VI,  
36,18

### LUVAS

Moraes aponta-lhe a finalidade de proteger as mãos do sol e do frio<sup>53</sup>. Eram próprias das classes mais elevadas. Segundo Oliveira Marques<sup>54</sup>, houve luvas trabalhadas com fio de ouro e aljôfar. As de lã eram de pouca valia. No *Cancioneiro Geral*, o coudel-mor Fernã da Silveira aconselha a um sobrinho, que acabara de chegar à Corte, luvas de lontra de um só polegar

e compra ãas *luvas* ou furt’as a alguém.

**Diálogo sobre a Ressurreição**, COMP. II,  
318 / GV. II, 223, 13

Entra logo Frei Paço com seu hábito e capelo, e gorra de veludo, e *luvas*, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortesão.

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 289 /  
GV. V, 1

---

<sup>52</sup> Gil Vicente. *Obras completas*, com prefácio e notas do Prof. Marques Braga. 4ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1971, Vol. VI, p. 36.

<sup>53</sup> MORAES, II, 241.

<sup>54</sup> *Op. cit.*, p. 47.

*Luva* pode ser, também o pagamento que se dá ao mediador de uma negociação:

*Luva vai e luva vem,  
e alvalá de filamento,  
fazemo-lo casamento  
c'o carrapato d'Ourém  
moço da Câmara do Vento.*

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 302 /  
GV. V, 22,4

#### SUADEIRO

Lenço. O termo *lenço* aparece no *Cancioneiro geral* e, segundo Freitas<sup>55</sup>, os lenços lavrados eram então, como hoje, objetos de luxo. Na *Crônica de D. Fernando* de Fernão Lopes, há uma passagem em que Leonor Teles parte um véu em dois pedaços para que seu irmão, o conde D. Gonçalo e Joham Fernandez d'Andeiro enxuguem o suor<sup>56</sup>. O termo usado por D. Leonor é *sudairo*, sudário, do latim *sudariu*. *Suadeiro* é formação vernácula. Segundo Oliveira Marques (*op. cit.*), embora os lenços fossem conhecidos dos romanos, seu uso só se divulgou no século XVI a não ser na Itália, onde foram introduzidos no Renascimento. Em Portugal, entretanto, no século XIII já eram conhecidos. No texto vicentino, a peça é bordada com pedras.

---

<sup>55</sup> Freitas, Maria Constança Múrias de. "Palavras e expressões sobre vestuário no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende". *Boletim de Filologia* Lisboa: Jorge Fernandes Ltda, v. 8, 1945, 67-88; 1946, 93-120. A observação citada está na p. 114.

<sup>56</sup> "Hora assi aveo que estando el-rrei em Evora, como dissemos, chegarom huu dia pella sesta aa camara da rrainha ho conde Dom Gonçallo seu irmão e Joham Fernandez d'Aandeiro com elle; e por a calma que fazia grande hiam elles suando muito; e ella quando os assi vio viir, preguntou-lhe se tagiam sudairos com que sse alimpar d'aquella suor, e elles disserom que nom; entom tomou a rrainha hũu veeo e parti-ho per meo e deu a cada hũu sua parte pera sse alimparem." Capítulo CXXXIX, p. 488. Cf. Bibliografia.



Estes labores  
são par'ele *suadeiros*  
com pedras de muitas cores,  
e broslados uns letreiros  
que dizem – *Amores, Amores!*

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 59, 5

SURRÃO – ÇURRÓN (esp.)

Bolsa de couro, usada por pastores.

Veamos cuán presto viene  
y cuán cargado,  
*çurron* luego aparejado,  
y unas dos cabezas de ajos  
y del pan,

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 426 / GV.  
III, 106, 8

Antes que más te detengas,  
dalde luego el *çurron*, moças:  
ve corriendo.

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 426 / GV.  
III, 106, 18

Vi andar después de aquella,  
Raquel guardando ganado,  
tan linda, que su cayado  
era perdido por ella,  
y el *çurron* su enamorado,

**Templo de Apolo**, COMP. II, 180 / GV. IV,  
161, 5

y agora ándome así  
sin çamarro, sin çurrón,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 259 / GV. IV,  
282, 17

el diablo llevó el cayado,  
y su madre el mi çurrón.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 259 / GV.  
IV. 28

## 9. MÃO-DE-OBRA

Este grupo compõe-se de três sub-grupos: *profissionais, processos e instrumentos*.

### PROFISSIONAIS

A mão de obra referente ao vestuário, quer a de confecção quer a de enfeite, estava entregue a profissionais. Fiar, bordar e costurar eram ocupações femininas do lar, mas até estas atividades podiam ser exercidas por oficiais. Geralmente, estes instalavam-se em ruas especiais, existindo a dos alfaiates, a dos sapateiros e assim por diante. Este fato, além de centralizar o comércio, favorecia a fiscalização mútua, a concorrência e a homogeneidade de preços. Pelo que se deduz do texto vicentino, os sapateiros não gozavam de grande prestígio. É insulto do parvo ao diabo, no **Auto da Barca do Inferno**:

*Sapateiro* de Landosa<sup>57</sup>,  
entrecosto de carrapato,

---

<sup>57</sup> Cf. nota 12. Esse passo deve ter passado pela “apuração” de Luís Vicente.

sapato, sapato,  
filho da grande aleivosa;

COMP. I, 210 / GV. II, 53, 8-11

No **Clérigo da Beira**, *sapateiro* é usado como zombaria (COMP. 529 / GV. VI, 20, 11). É como se a inferioridade do sapato se transmitisse a quem o confecciona. Os alfaiates possivelmente eram judeus ou árabes. O próprio termo *alfaiate* assim o faz crer. É vocábulo árabe que se manteve em português mas foi substituído por *sastre* em espanhol e catalão. Para Cervantes, o ofício de alfaiate era judaico<sup>58</sup>. O alfaiate do **Auto da Lusitânia** é um judeu.

Não se pode dizer que tenham existido bordadores do sexo masculino. Talvez Gil Vicente, ao usar *broslador* tenha querido ilustrar o seu exemplo. Pero Vaz, na **Farsa dos Almo-creves**, diz que fora de Portugal não há ascensão social:

Que em Frandres e Alemanha,  
em toda França e Veneza,  
que vivem per siso e manha,  
por não viver em tisteza,

Não é como nesta terra;  
porque o filho do lavrador  
casa lá com lavradora,  
e nunca sobem mais nada;  
e o filho do *broslador*  
casa com a *brosladora*:  
isto per lei ordenada.

COMP. II, 512 / GV. V, 359, 7-17

---

<sup>58</sup> Cf. Castro, Américo. *Los españoles: como llegaron a serlo*. Madrid: Taurus, 1995, p. 170, nota 3.

*Brosador* e *brosadora* vêm de *broslar*, forma antiga para *bordar*, do germânico *bruzdan*, “abafar”.

Na **Comédia de Rubena**, Cismena manda chamar as “lavradeiras reais”. Estas mulheres orgulham-se do seu trabalho.

Nas formas de feminino relativas aos profissionais, nota-se preferência pelas formações com o sufixo *-eira*. Tem-se *lavradeira*, *linheira*, *tecedeira* (tecelã).

## PROCESSOS

São variados, desde o *fiado* até o *frisado* e os detalhes de *bordado*. Os processos de costura vão do *ponto* ao *franizado*, *laços* e *lavors* de toda sorte.

## INSTRUMENTOS

Afora *agulha* e *dedal*, usados também pelos alfaiates, todos os instrumentos são de uso feminino, no lar. A *almofada* talvez servisse para espetar as agulhas. Cismena pede na **Comédia de Rubena**:

Traze cá a *almofadinha*,  
e a seda e o dedal,  
e um coxim e todo o al  
que está nessa camarinha  
debaixo do meu brial.

COMP. I, 388 / GV. III, 52, 4-8

As mulheres costumavam trabalhar em casa, sentadas num estrado, daí Cismena pedir o coxim. As almofadas também eram usadas para recosto ou para colocar os pés. No **Auto da Festa**, a Verdade senta-se com uma almofada aos pés. (COMP. II, 675 / GV. VI, 13). Quanto à *almofadinha*, faz parte do material para o trabalho.

*Fuso e roca* relacionam-se a mulher do povo.

### AGULHA

Instrumento para costurar.

sem *agulha* e sem dinheiro.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 547 / GV.  
IV, 48, 2

### ALFAIATE

Profissão relacionada com o traje. Os ofícios eram exercidos artesanalmente e não deviam ser muito lucrativos. Socialmente, os alfaiates não eram muito prestigiados. No regimento das procissões de Évora, dos fins do século XV, há um escalonamento hierárquico da ordem em que devem seguir os grupos de profissionais. Os alfaiates estão na décima posição, acima dos sapateiros, que ocupam a décima primeira e abaixo de tecelões, penteadores de lã e outros.

São das terras do Soldão<sup>59</sup>,  
e *Alfaiate* e Alfanete,  
Alfareme e Alçaprema,  
Alpiarça e Alfazema  
e Alpedriz  
são do mestrado d'Avis.

**Nau de Amores**, COMP. II, 130 / GV. IV,  
82, 2

---

<sup>59</sup> Neste passo, *alfaiate* não diz respeito à profissão. Trata-se de uma relação disparatada de termos de origem árabe, iniciados por al-, que fazem parte de uma fala do frade doído.

Cacis era um *alfaiate*  
que morava ali à Sé.

**Romagem de Agravados**, COMP. II, 294 /  
GV. V, 10, 16

A pragmática mãe da Isabel de **Quem tem farelos?** procura afastar um escudeiro que canta à janela da filha:

Vai comer, homem coitado,  
e dá ao demo o tanger.

E demais, se não tens pão,  
que má hora começaste,  
aprenderas a *alfaiate*  
ou, sequer, a tecelão.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 342 / GV.  
V, 83, 11

São palavras de Lediça, filha de um alfaiate judeu:

Meu pai não era de arte  
senão pera cavaleiro,  
ou fidalgo, ou rendeiro,  
e o cristão pera *alfaiate*,  
sem agulha e sem dinheiro.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 547 / GV.  
VI, 48, 1

#### ALMOFADA

Na **Comédia de Rubena** trata-se de uma almofafinha que deve fazer parte do equipamento para trabalhos de agulha.

Traze cá a *almofadinha*,  
e a seda e o dedal,  
e um coxim e todo o al  
que está nessa camarinha  
debaixo do meu brial.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 388 / GV.  
III, 52, 4

#### BROSLADOR/BROSLADORA

Aquele ou aquela que borda. O mesmo que bordador/  
bordadeira.

e o filho do *broslador*  
casa com a *brosladora*!

**Almocreves**, COMP. II, 512 / GV. V,  
359, 15

#### COSER – COSER (esp.)

Costurar. É ocupação para ambos os sexos. É tarefa doméstica e também de oficiais. Para as mulheres, encontram-se com mais freqüência, no texto, as ocupações de *fiar* e *lavar*.

Assentai-vos a *coser*,  
que pareceis assi mal.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 554 / GV.  
VI, 57, 13

Assentai-vos a *fiar*,  
Saulinho e eu a *coser*,

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 555 / GV. VI,  
58, 7

Cuidais que o sabeis todo;  
pera cantar e **coser**  
haveis de dizer cantiga

que vos tire o pé do lodo;

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 555 / GV.  
VI, 58, 25

Vi más a la reina Esther,  
com su hermosura tanta,  
matar pulgas en su manta,  
que tenia por *coser*,

**Templo de Apolo**, COMP. II, 181 / GV. IV.  
161, 14

a vela com fé *cosida*

**Auto da Barca do Purgatório**, COMP. I, 229  
/ GV. II, 83, 1

### COSTURA

Ocupação feminina, caseira, ligada a qualquer classe social.  
Trabalho. Diz respeito, também, ao ofício de alfaiate, próprio de pessoas de condição humilde.

já não tendes mais *costura*,  
deixai-nos, por vossa fé.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 373 / GV.  
III, 29,23

Senhora, não mais *costura*;

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 411 / GV.  
III, 83, 11



Não, mas antes sei  
que também alguns cristãos  
hão de deixar a *costura*.

**Almocreves**, COMP. II, 505 / GV. V, 347, 2

Meu pai vai-se a passear  
com outros Judeus andando,  
e a *costura* está folgando,  
dois anos por acabar  
o capuz de Dom Fernando.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 547 / GV.  
VI, 47, 8

#### DEDAL

Dedal. Tinha o mesmo uso que hoje: proteger do fundo da agulha a cabeça do dedo médio. Em **Cortes de Júpiter**, nas duas ocorrências, trata-se de um dedal de condão. É comum a presença de dedais em contos de fadas. Em um deles impõe-se a tarefa de esvaziar o mar com um dedal.

Traze cá a almofadinha,  
e a seda e o *dedal*,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 399 / GV.  
III, 52, 5

E a moura há – de trazer  
três cousas que vos disser,  
pera do estreito avante.  
Um anel seu encantado,  
e um *dedal* de condão,  
e o precioso treçado  
que foi no campo tomado  
depois de morto Roldão

O terçado pera vencer;  
o *dedal* é tão facundo,  
que tudo lhe fará trazer;

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 219 / GV. IV,  
256, 7 e 12

señora, assi mi morir Mora,  
Júpiter dar box gran empresa;  
que exte *dedal* halá quebir  
extar de mãy de Mahomad

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 222 / GV. IV,  
260, 8

Não é este o meu *dedal*;  
este é o *dedal* do menino,

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 554 / GV.  
VI, 57, 17 e 18

#### ESMALTADO

Ornado de esmalte, isto é, de uma composição feita de vidro calcinado, sal e metais. O esmalte era um lavor que valorizava as jóias. O termo aparece, também, em sentido figurado.

Alma humana, formada  
de nenhũa cousa, feita  
mui preciosa,  
de corrupção separada,  
e *esmaltada*  
naquella frágua perfeita  
gloriosa;

**Auto da Alma**, COMP. I, 177 / GV. II, 5

Vedes aqui um colar  
d'ouro mui bem *esmaltado*,

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 16, 2

Oh, que jóias *esmaltadas*,  
oh, que boninas dos céus,  
oh, que rosas perfumadas!

**Auto das Fadas**, COMP. II, 401 / GV. V,  
178, 13

Olhai-me esta boa sombra,  
este lírio *esmaltado*;

**Auto da Festa**, COMP. II, 692 / GV. VI,  
154, 14

#### FARPAR

Recortar em tiras. O farpado era ornato antigo, um tipo de acabamento requintado.

Ora fiaí de rascão,  
que *farpa* todo o pelote

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 542 / GV. VI,  
37, 6

#### FIADO

No texto, a tarefa de fiar.

Então bulir co *fiado*!  
Achais outro mais honrado  
ofício pera eu saber?

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87,16

FIAR – HILAR (esp.)

Ocupação feminina de todas as classes, variando, apenas, o material a ser fiado.

Ella sentose a hilar,  
desnuda sobre su baño

**Templo de Apolo**, COMP. II, 180 / GV. IV,  
160, 21

Hui! pois geita-te ao *fiar*  
estopa ou linho ou algodão.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 5

Engeitas tu o *fiar*?

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 9

Que não hei-de *fiar*, não.  
Eu sou filha de moleira?

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV. V,  
87, 10

Mostra-m'essa roca cá:  
sequer *fiarei* um fio.

**Auto da Índia**, COMP. II, 347 / GV. V, 92, 16

Quero *fiar* e cantar  
segura de o nunca ver.

**Auto da Índia**, COMP. II, 356 / GV. V, 109, 11

y oz davan en axuar  
una manta y un paramiento  
hilando.

**Ciganas**, COMP. II, 490 / GV. V, 322,4

Assentai-vos a *fiar*,  
Saulinho e eu a coser.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 555 / GV.  
VI, 58, 6

#### FRANZIDO

Trabalho de costura. O vestuário assume importância pelo trabalho de que é objeto. O franzido do penteador do Bispo de Funchal é elogiado por Cismena como real:

Que *franzido* tão real!

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 58, 10

#### FRISADO (esp.)

Diz respeito ao pano que tem a frisa penteada e retorcida. Frisa é o pelo do pano. O frisado valoriza o tecido.

y loba de contray *frisado*,

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 495 / GV.  
III, 200, 7

Mais fermoso está ao vilão  
mau burel, que bom *frisado*,  
e romper matos maninhos;

e ao fidalgo de nação  
ter quatro homens de recado,  
e leixar lavar ratinhos.

**Almocreves**, COMP. II, 512 / GV. V, 359, 2

### FUSO

Instrumento para torcer e enrolar o fio para tecer. Serve,  
portanto, para fiar.

traze-me a roca e a banca,  
e o *fuso* que está co'ela.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 555 / GV.  
VI, 58, 3

### LAÇOS

Enfeites em forma de laço. Lavor.

*Laços* de pontos reais.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 392 / GV.  
III, 57, 3

### LANÇADEIRA

Instrumento de tecelão em que se enrola o fio para tecer.

Que se fora tecedeira  
casada com tecelão,  
no inverno e no verão  
sempre andara a *lançadeira*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 281 / GV.  
IV, 318, 16

## LAVOR

Trabalho de mão. Os labores eram muito apreciados e valorizavam os trajes. Na **Comédia de Rubena**, uma bordadeira admite que um labor possa mostrar o grande valor das coisas de Portugal.

E primeiro será bem  
que digas a Miraflores  
que me mande os meus *labores*,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 389 / GV.  
III, 52, 11

Mostrai, Sequeira, o *labor*,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 58, 9

Estes *labores*  
são par'ele suadeiros  
com pedras de muitas cores,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 59, 4

e um sobrecéu per cima,  
d'esmeraldas e rubis  
lavrados d'obra de lima,  
que não possam dar estima  
a *labores* tão sotis.

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 210 / GV. IV,  
241, 2

Ûa adela me vendia  
um firmal d'ũa senhora,

.....  
.....  
lavrado de mil *lavores*,  
por cem cruzados.

**O Velho da Horta**, COMP. 396 / GV. V,  
171, 15

### LAVRANDEIRA

O mesmo que lavradeira mulher que trabalha com agulha.

Está ãa *lavradeira*  
lá no bairro sobre Alfama,

**Comédia de Rubena** COMP. I, 374 / GV.  
III, 31, 2

e que traga cá consigo  
as *lavrandeiras* reais,  
ou que mas mande contigo.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 391 / GV.  
III, 56, 7

Entram cinco *lavrandeiras* (...)

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 392 / GV.  
III, 57

Eis aqui cem peças d'ouro  
pera fruta às *lavrandeiras*;

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 400 / GV.  
III, 68, 25



## LAVRAR

Fazer trabalho de mão. Frequentemente quer dizer “costurar”, “fiar” ou “bordar”. Diz-se que uma peça é lavrada quando foi objeto de trabalho de mão.

E a mim hão-me de comprar  
ũa coifinha *lavrada*

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 382 / GV.  
III, 42, 12

Mostrai cá o que *lavrais*  
e veremos que fazeis.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 392 / GV.  
III, 57, 1

Se eu fora vereador,  
posera-vos já, donzella,  
pena do caso maior,  
que *lavrasseis* à janella;

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 397 / GV.  
III, 64, 10

e vós Senhoras guerreiras,  
bandeiras e não gorgueiras  
**lavrai** pera os cavaleiros.

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 171 GV.  
IV, 145, 7

e um sobrecéu per cima,  
d’esmeraldas e rubis  
*lavrados* d’obra de lima,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 210 / GV. IV,  
240, 20

E o *lavar*, Isabel?

**Quem tem Farelos?**, COMP. II, 344 / GV. V, 86, 20

Ûa adela me vendia  
um firmal d'ũa senhora  
com um rubi,  
pera o collo de marfi,  
*lavrado* de mil lavores,

**O Velho da Horta**, COMP. II, 396 / GV. V, 171, 15

que Renego deste *lavar*  
e do primeiro que o usou!

**Inês Pereira**, GV. V, 219, 1

Comendo-me eu logo ao demo  
s'eu mais *lavro* nem pontada!

**Inês Pereira** COMP. II, 427 / GV. V, 221, 5

Logo eu adivinhei  
lá na missa onde eu estava,  
como a minha Inês *lavrava*  
a tarefa que lhe eu dei.

**Inês Pereira**, COMP. II, 428 / GV. V, 222, 1

assi me dê Deus o paraíso,  
mil vezes que não *lavar*.

**Inês Pereira**, COMP. II, 429 / GV. V, 223, 6

Vós *lavrai*, ficai per i.

**Inês Pereira**, COMP. II, 451 / GV. V, 257, 4

Vós fartai-vos de *lavar*,  
eu me vou desenfadar

**Inês Pereira**, COMP. II, 452 / GV. V, 258, 5

Fica fechada Inês Pereira e *lavrando* canta:

**Inês Pereira**, COMP. II, 452 / GV. V, 258

Sois vós aquele que um dia  
em casa de minha tia  
me mandastes camarinhas?

E quando aprendia a *lavar*  
mandáveis-me tanta cousinha?

**Inês Pereira**, COMP. II, 458 / GV. V, 268, 13

## LINHEIRA

Pessoa que trata com o linho.

Melhor terá a *linheira*

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 378 / GV.  
III, 31, 1

## MALHA – MALLA (esp.)

Tem três sentidos: 1. cada um dos nós ou voltas que forma o fio de qualquer fibra têxtil quando entrançados ou tecidos, bastante apertados, como nas meias e mais largos, como

nas redes de pescar; 2. tecidos cujas malhas se ligam, formando carreiras superpostas; 3. tecido de malha com fios metálicos, usado em vestes de combate. Nesta última acepção, pode ser tomado como “armadura”. A malha caracteriza-se pela elasticidade.

del sol estava guarnida,  
percebida,  
contra Lucifer armada,  
com virgen arnés guardada,  
ataviada  
de *mall*a de santa vida.

**Auto de Sibila Cassandra**, COMP. I, 61 /  
GV. I, 68, 20

os cinco vinham armados,  
feitos *malha* de Milão,

**Juiz da Beira**, COMP. II, 485 / GV. V, 313, 12

#### NOVELO

Bola de fio de linha enrolada, para ser usada para tecer.

Vós não haveis de mandar  
em casa somente um pelo;  
se eu disser, isto é *novelo*,  
havei-lo de confirmar:

**Inês Pereira**, COMP. II, 451 / GV. V, 256, 12

#### OURIVES

Aquele que trabalha com ouro e fabrica as jóias. Era um ofício de muito prestígio. No final do século XV, de acordo

com o *Regimento das procissões de Évora*, os ourives ocupavam o primeiro lugar na hierarquia das profissões<sup>60</sup>.

Senhor, o *ourives* sé ali

**Almocreves**, COMP. II, 501 / GV. V, 341,6

Paguei soma de dinheiro  
a um *ourives* agora,  
de prata que me lavrou,

**Almocreves**, COMP. II, 514 / GV. V, 363, 8

#### PONTO

O que a costureira faz no pano com a agulha, quando costura. Pode também ser ponto de bordado.

Laços de *pontos* reais<sup>61</sup>.

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 392 / GV. III, 57, 3

Renegai dos desfiados  
e dos *pontos* enlevados:

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 172 / GV. IV, 146, 1

traz a saia descosida,  
e não lhe dará um *ponto*.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 227 / GV. IV, 198, 4

---

<sup>60</sup> Cf. Oliveira Marques, *op. cit.*, pp. 136-137.

<sup>61</sup> Trata-se de um ponto de bordado.

## ROCA

Instrumento para fiar.

Em *roca* me falais vós?

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV. V, 87, 12

Mostra-m'essa *roca* ca:

**Auto da Índia**, COMP. II, 347 / GV. V, 92, 15

Não tenho *roca* de meu.

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 550 / GV. VI, 51, 22

## ROUPA – ROPA (esp.)

Além de “conjunto de peças de vestuário” e “traje”, pode, também, significar “tecido com que se fazem as roupas”. Nesta última acepção, não aparece nos autos. Confira verbete no capítulo TERMOS GERAIS.

## SAPATEIRO

Aquele que faz sapatos. Ofício de pouco prestígio na época de Gil Vicente, o que é confirmado nos autos. Havia, nos grandes centros, dezenas de especialidades no ofício de fazer calçados. Uns faziam borzeguins, outros, botas, chapins, socos e assim por diante.

*Sapateiro* de Landosa,  
entrecosto de carrapato<sup>62</sup>,

**Auto da Barca do Inferno**, COMP. I, 210 / GV. II, 53, 8

---

<sup>62</sup> Cf. nota 12.

Vem um *Sapateiro*, carregado de formas (...)

**Auto da Barca do Inferno**, I, 211 / GV. II, 54

Santo *sapateiro* honrado,  
como vens tão carregado!

**Auto da Barca do Inferno**, COMP. I, 212 /  
GV. II, 54, 22

Eu desejo ser casada  
com um mancebo solteiro,  
filho do priol d'Aveiro,  
e eu sua namorada,  
e o moço *sapateiro*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 261 / GV.  
IV, 285, 21

Ide assoviar ao gado  
e não tenhades cuidado  
do meu Fernão *sapateiro*.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 262 / GV.  
IV, 288, 6

Que farei que o *sapateiro*  
não tem solas, nem tem pele?

**Inês Pereira**, COMP. II, 443 / GV. V, 244, 22

Vem um *Sapateiro*, Cristão Novo, do calçado velho e diz:

**Juiz da Beira**, COMP. II, 468 / GV. V, 286

Dize, senhor *sapateiro*,  
e minha lebre vai cá?

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 529 / GV. VI,  
20, 11

### TEAR

Engenho para tecer panos.

Ensinar-me a passear,  
pera quando for casada;  
não digam que fui criada  
em cima d'algum *tear*.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 343 / GV.  
V, 86, 15

### TECEDEIRA

Mulher que tece. Forma derivada de *tecer*, correspondente à pessoa do sexo feminino que exerce o ofício de tecer. O profissional do sexo masculino é o tecelão.

Que se fora *tecedeira*,  
casada com tecelão,  
no inverno e no verão  
sempre andara a lançadeira.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 281 / GV.  
IV, 318, 13

*Tecedeira* viu alguém,  
que não fosse bolicosa,  
cantadeira, presuntuosa  
e não tem nunca vintém?

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 19



TECELÃO – TECELAN (esp.)

Aquele que tem o ofício de tecer.

Que se fora tecedeira  
casada com *tecelão*,

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 281 / GV.  
IV, 318, 14

E, demais, se não tens pão,  
que má hora começaste,  
aprenderas a alfaiate  
ou sequer a *tecelão*.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 342 / GV.  
V, 83,12

Acá fui gran predicador,  
allá me hizieron *tecelán*,

**Auto da Fadas**, COMP. II, 412 / GV. V, 195, 4

ele foi já *tecelão*  
d'estas mantas d'Alentejo

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 559 / GV.  
VI, 65, 2

E quer-se o demo meter  
(o *tecelão* das aranhas!)  
a trovar e escrever  
as portuguesas façanhas,  
que só Deus sabe entender!

**Auto da Lusitânia**, COMP. II, 559 / GV.  
VI, 65, 7

TECER – TEXER (esp.)

Colocar os fios entre as urdiduras e formar a tela. Usado em sentido figurado no **Auto da Barca do Inferno**.

I-vos tornar a *tecer*,

**Auto da Barca do Inferno**, COMP. I, 225 /  
GV. II, 77, 7

Y mis jardines *texidos*  
com seda de oro tirado

**D. Duardos**, COMP. II, 63 / GV. III, 290, 13

Ou *tecer*, se vem à mão.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV.  
V, 87, 7

Aprende logo a *tecer*.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 344 / GV. V,  
87, 15

Ora me deixai fazer,  
e começai de ouvir,  
porque lhe farei *tecer*  
uma teia sem urdir,

**Auto da Festa**, COMP. II, 692 / GV. VI, 153,  
25

## URDIR

Começar a teia, colocar os primeiros fios para tecer.

I-vos tornar a tecer,  
e *urdir* outra meada,

**Auto da Barca do Inferno**, COMP. I, 225 /  
GV. II, 77

e começai de ouvir,  
porque lhe farei tecer  
uma teia sem *urdir*,  
nem na saber entender.

**Auto da Festa**, COMP. II, 692 / GV. VI, 15

## 11. TERMOS GERAIS

Este conjunto é constituído por termos genéricos como *roupa*, fato, e por outros que, embora relacionados ao vestuário, não dizem respeito a nenhum grupo em particular. É o caso de *dó* (luto), *axuar* (enxoval) e *esperavel*, que deveria ser uma espécie de guarda-sol, e foi incluído, também, entre os termos gerais, assim como *lã*, significando “agasalho”, *parecer*, significando “aparência” e *soticapa*.

*Fato*, na forma espanhola *hato* e seu diminutivo *haticillos*, *roupa*, *trajo* e *traje* (esp.) e *vestido* são tomados como vestes em geral, a vestimenta. Já *fatiota* corresponde a “conjunto de pertences, inclusive a roupa”. São palavras de Branca Anes com relação ao marido, no **Auto da Feira**:

Ó diabo que o eu dou,  
que o leve em *fatiota*,

COMP. I, 164 / GV. I, 229, 2

No texto vicentino, *hato* e *hatillos* não têm esse sentido coletivo, como era corrente na época. Correspondem ao atual *roupa* como demonstram os exemplos:

No tienes tú outro *hato*  
çamarrón o çamarrilla?

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 258 / GV.  
IV, 281, 17

e

Danme la moça vestida  
de *hatillos* dominguejos,

**Auto Pastoril Castelhana**, COMP. I, 29 /  
GV. I, 20, 13

la *ropa* no está hilada,

**Auto Pastoril Castelhana**, COMP. I, 29 /  
GV. I, 20, 11

*Vestido* não aparece uma vez sequer como peça de vestuário, é sempre tomado em sentido geral, nas vezes em que ocorre nos autos, inclusive em sentido figurado, como:

À feira, à feira igrejas, mosteiros,  
pastores das almas, Papas adormidos;  
comprai aqui panos, mudai os *vestidos*  
buscai as samarras dos outros primeiros  
os antecessores.

**Auto da Feira**, COMP. I, 151 / GV. I, 205, 17

*Dó* tanto significa o “luto” quanto as “roupas de luto”. No texto vicentino equivale a roupa. Na **Comédia de Rubena**, Cismena entra coberta de *dó*, ou seja, com roupas de luto. Hoje o vocábulo tem o sentido de “pena”, “lástima”.

*Axuar* é espanhol antigo, de origem árabe, correspondente ao moderno *ajuar*. Embora não pareça, à primeira vista, tem a mesma origem do português *enxoval*.<sup>63</sup> *Esperavel* ou *esparavel* que Viterbo diz ser palavra da Índia, é, sem dúvida, um objeto para proteger contra o sol. Moraes diz ser a franja que orla os chapéus de sol<sup>64</sup>. Já na edição crítica de Viterbo, tem-se: “De todas essas passagens se manifesta que *esparavel* ou *esperavel* nada mais é, na Etiópia, do que um grande sombreiro real (alguns dos quais cobrem só homens) com feitiço de umbela, com sua cortina e franjas à roda”<sup>65</sup>.

É possível que, por metonímia, o nome da franja se tenha estendido ao objeto. Aliás todos os exemplos transcritos por Viterbo são de objetos que admitem a franja. No texto vicentino, há duas ocorrências. A primeira pode referir-se a um chapéu de sol:

Este he seu *esperavel*<sup>66</sup>,  
jacintos pola ourela;

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV.  
III, 59, 10

---

<sup>63</sup> Cf. Viana, Gonçalves. *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica, 1906, Vol. I, p. 397.

<sup>64</sup> Op. cit. vol. I, 755

<sup>65</sup> Viterbo, Fr. J. de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal, antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica, baseada nos manuscritos e originais de Viterbo, por Mário Fiúza, Lisboa: Liv. Civilização, Vol. II, p. 231.

<sup>66</sup> Do Embaixador de Portugal.

Em outro exemplo, é usado em sentido figurado, como proteção:

repouso de Portugal,  
seu precioso *esperavel*.

**Auto da Serra da Estrela**, COMP. II, 223 /  
GV. IV, 192, 20

Foi incluído, também, o verbete PARECER (aparência, bom aspecto). A preocupação com a aparência perpassa os autos e é bem flagrante numa passagem de **Quem tem farelos?**:

Ir amiúde ao espelho,  
e poer do branco e vermelho,  
e outras cousas que eu sei:  
pentear, curar de mi  
e poer a ceja em dereito;  
e morder por meu proveito  
estes beicinhos assi.

**Quem tem farelos?**, COMP. II, 343 / GV. V,  
86, 5-11

AXUAR (esp. antigo)

Enxoval. Segundo Gonçalves Viana, *enxoval* e *axuar* vêm do árabe *al-xuar*. José Pedro Machado aponta como étimo de *enxoval* o árabe *ax-xauar*.

y oz davan en *axuar*  
una manta y un paramiento  
“hilando”

**Ciganas**, COMP. II, 490 / GV. V, 322, 2

## DÓ

Luto. Roupas de luto.

Entra primeiramente Cismena coberta de *dó*, pela morte de sua Senhora, e diz:

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 384 / GV. III, 46

## ESPERAVEL

Moraes e Viterbo registram as formas *esperavel* e *esparavel*. Corresponde, segundo Marques Braga, a chapéu de sol, sobrecéu<sup>67</sup>. Em sentido figurado, proteção.

Este é seu *esperavel*,  
jacintos pola ourela;

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 393 / GV. III, 59, 10

repouso de Portugal,  
seu precioso *esperavel*.

**Serra da Estrela**, COMP. II, 223 / GV. IV, 192, 20

## FATIOTA

Não apenas a roupa, mas o conjunto dos pertences móveis, como *fato*.

Ó diabo que o eu dou  
que o leve em *fatiota*,

**Auto da Feira**, COMP. I, 164 / GV. I, 229, 2

---

<sup>67</sup> *Obras Completas de Gil Vicente*. Lisboa: Sá da Costa, 1971, Vol. III, p.59, nota.

### FATO – HATO E HATILLO (esp.)

Está empregado no sentido de “vestimenta”, “traje” e não no de “conjunto de pertences” (Cf. FATIOTA). Também usado na forma de diminutivo *hatillo*.

Danme la moza vestida  
de *hatillos* dominguejos,

**Auto Pastoril Castelhana**, COMP. I, 29 /  
GV. I, 20, 13

Agora que anda assi só no deserto,  
veste este *fato*, e faze-te monge,

**Auto da História de Deus**, COMP. I, 309 /  
GV. II, 210, 7

No tienes tú otro *hato*,  
çamarrón o çamarrilla?

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 258 / GV.  
IV, 281, 17

### LUTO

No século XVI, usava-se, também, o vocábulo *dó*, na mesma acepção. Pode significar o sentimento pela morte de alguém ou o traje que manifesta este sentimento. Ao tempo de Gil Vicente, a cor do luto já era o negro. Na Idade Média, as roupas de luto não eram tingidas, portanto, tinham a aparência esbranquiçada. Como as pessoas sem posse não usavam tecidos de cores, demonstravam o luto, vestindo as roupas pelo avesso.



Quitad el luto de vos,  
y esos paños negregosos;  
su muerte es tan notoria  
de memoria,  
que el *luto* desbarata;  
mas antes la escarlata  
es meritoria.

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 415 / GV.  
III, 90, 16

Y los que mueren honrados,  
como acá vuestra muger,  
contritos y confessados;  
qué haze *luto* menester?

**Comédia do Viúvo**, COMP. I, 415 / GV.  
III, 91, 7

Aunque veáis mi figura  
hecha un salvage bruto,  
yo cubro el aire de *luto*,  
y las sierras de blancura.

**Triunfo do Inverno**, COMP. II, 249 / GV.  
IV, 267, 11

#### PARECER

Aparência, bom aspecto.

Uns chapins haveis mister  
de Valença: ei-los aqui.  
Agora estais vós mulher  
de *parecer*.

**Auto da Alma**, COMP. I, 182 / GV. II, 13, 4

Ponde-vos a for da corte,  
desta sorte  
viva vosso *parecer*,

**Auto da Alma**, COMP. I, 184 / GV. II, 15, 17

### ROUPA – ROPA (esp.)

Pode significar tecido com que se fazem os trajes e conjunto de peças de vestuário. Antigamente designava, também, uma veste que cobria o corpo completamente, semelhante a uma opa, aberta na frente ou no pescoço. Observe-se o uso do termo num trecho da *Arte de bem cavalgar toda sela* de D. Duarte:

A *roupa* deve ser curta razoadamente, segundo sse costumarem, de nom grandes mangas e leves (...) E aquesto que fallo das *roupas*, entendo das armas (...) E as *roupas* que trouxerem devem seer soltas, assy como mantões, ou jórneas, ou alguas de tal feiçom que se possam assim bem trazer<sup>68</sup>.

La *ropa* no está hilada,

**Auto Pastoril Castelhana**, COMP. 29 / GV. I, 20, 11

A mi leva boso *roupa* Alfama

**Frágua de Amor**, COMP. II, 147 / GV. IV, 108, 8

---

<sup>68</sup>D. Duarte. *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sela*. Edição crítica por Joseph M. Piel. Lisboa: Casa da Moeda, 1986, pp. 35-36.

Pardeus! tal *roupa* com' esta

nunca a vi vender em feira;

**Templo de Apolo**, COMP. II, 197 / GV. 186, 2

Madama dona Maria  
irá sobre querubins  
numa *roupa* d'alegria,

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 212 / GV. IV,  
244, 20

Tão boa *roupa* como esta  
inda eu não vi na feira;

**Auto da Festa**, COMP. II, 688 / GV. VI,  
149,17

### SOTICAPA

Tem valor adverbial. Significa “debaixo da capa”, logo, “escondido”. A expressão “andar de soticama” equivale a encobrir-se.

Vão-se iaramá casar  
e não andar de *soticama*.  
Juro a Deus, s'eu fora papa,  
eu lhes secara o cantar.

**Auto Pastoril Português**, COMP. I, 140 / GV.  
I, 189, 15

### TRAJE – TRAGE / TRAJO (esp.)

Termo genérico, a vestimenta.

La clara luz anciana  
mudada, hecha moderna  
en nuevo *trage*.

**Auto dos Quatro Tempos**, COMP. I, 82 /  
GV. I, 97, 9

Por mal *trajo* que me dés,  
no m'há de matar desmayo.

**Auto dos Quatro Tempos**, COMP. I, 87 /  
GV. I, 105, 5

não me prezei de prudente,  
mas, contente,  
me gozei c'os *trajos* feios  
mundanais.

**Auto da Alma**, COMP. I, 189 / GV. II, 22, 13

Bem vês tu, Senhor, que são ermitão;  
logo meu *traje* demonstra quem são;

**Auto da História de Deus**, COMP. I, 309 /  
GV. II, 210, 18

E eu havia de dizer  
que ereis pobre escurdeirão,  
sem cavalo e sem tostão,  
e em *trajes* de mulher  
que is enganar um ladrão?

**Floresta de Enganos**, COMP. I, 478 / GV.  
III, 177, 1

Que besteiro é este tal!  
este é o Déxemo inteiro  
em *trajes* de carafate.

**Clérigo da Beira**, COMP. II, 539 / GV. VI,  
33, 4

VESTIDO – VESTIDO (esp.)

A vestidura, conjunto do que se veste, roupa. Esta é a acepção registrada por Moraes. Não aparece como peça de vestuário. Usado, também em sentido figurado.

e ãa suma perfeição,  
de resplendor guarnecido  
tomar pera seu *vestido*  
sangue do meu coração,  
indigno de ser nascido!

**Auto de Mofina Mendes**, COMP. I, 110 /  
GV. I, 140, 13

À feira, à feira, igrejas, mosteiros,  
pastores das almas, Papas adormidos;  
comprai aqui panos, mudai os *vestidos*  
buscai as samarras dos outros primeiros  
os antecessores.

**Auto da Feira**, COMP. I, 151 / GV. I, 205, 17

S'eu soubera quem ele era<sup>69</sup>,  
fizera-lhe bom partido:

---

<sup>69</sup> Branca Annes, tendo sido alertada por Marta Dias, que reconhecera o diabo como mercador, lamenta a ocasião perdida de tentar livrar-se do marido.

que me levara o marido,  
e quanto tenho lhe dera,  
e o toucado e o *vestido*.

**Auto da Feira**, COMP. I, 166 / GV. I, 232, 9

Eu também o sei, mui certo e sabido;  
serão suas mãos e pés mui furados,  
e todos seus ossos lhe serão contados,  
e deitarão sortes sobre seu *vestido*.

**Auto da História de Deus**, COMP. I, 301 /  
GV. II, 198, 24

Eis aqui subimos a Hierusalem  
pera tirar o *vestido* em que ando;  
porque os açoutes me estão esperando.

**Auto da História de Deus**, GV. II, 213, 20

Chacota na mão, fender os ouvidos  
a quem nos ouvir. Alto, começar  
a travar dos *vestidos*, e cabecear.

**Diálogo sobre a Ressurreição** COMP. I, 32 /  
GV. II, 232, 3

Como se vido ya fuera de pena  
echó sus *vestidos* en una ribera,

**Comédia de Rubena**, COMP. I, 371 / GV.  
III, 25, 6

Dígolo, porque si a Flérida  
amáis como haveis contado

y referido  
cúmpleos mudar la vida,  
y el nombre y el estado,  
y el *vestido*.

**D. Duardos**, COMP. II, 27 / GV. III, 241, 15

Buen *vestido*  
no haze ledos los tristes.

**D. Duardos**, COMP. II, 35 / GV. III, 253, 5

Este mundo no lo quiero,  
el pobre hábito querría;  
será el *vestido* postrero,  
pues que no vino primero  
la postrera muerte mía.

**Amadis de Gaula**, COMP. II, 101 / GV. IV,  
42, 6

Oh! que não honram *vestidos*,  
nem mui ricos atavios,

**Exortação da Guerra**, COMP. II, 177 / GV.  
IV, 154, 6

E por ir de todo ornada,  
a dama há de levar  
cada ãa sua criada,  
e que vá deferencada  
no *vestido* e no lugar

**Cortes de Júpiter**, COMP. II, 212 / GV. IV,  
245, 20

Ora pois, que se quer ir  
sem pancada, nem arruído,  
muito farto e conhecido,  
dei-lhe agora de vestir,  
torne-me cá o meu *vestido*.

**Juiz da Beira**, COMP. II, 477 / GV. V, 301, 19

Ao tempo que vim par'ele  
estava mais melhorado,  
mas agora, mal pecado  
mau pesar é feito dele,  
e da viola e do cavalo,  
e da cama e do *vestido*,

**Juiz da Beira**, COMP. II, 477 / GV. V, 302, 1



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter cumprido o propósito de informar como se vestiam os portugueses na época de Gil Vicente, a partir dos dados que os autos fornecem. Esse conhecimento foi o ponto de partida para um retrospecto no campo do vestuário. Os termos designativos de peças de roupa e da apresentação, além de muito numerosos, têm muitas vezes uma forma insólita para o leitor de hoje. Nessa primeira leitura, voltada para o campo específico da maneira de apresentar-se, tentamos caracterizar as peças do traje, aproximando-as da classe social dos usuários. A contextualização do material pesquisado permitiu chegar-se ao conhecimento de traços psicológicos das personagens, ajudando a traçar seu perfil.

Acreditamos que as informações de ordem etimológica e lingüística possam contribuir para a exploração por parte do leitor de um campo do léxico tão rico e variado no português dos quinhentos.

Em resumo, podem fazer-se as seguintes considerações:

- É inegável a importância e a variedade dos vocábulos e expressões relativas ao vestuário no conjunto da obra vicentina.
- O estudo dos termos revela uma incidência considerável de vocábulos de origem árabe o que patenteia a influência moura no vestuário da Península Ibérica até princípios do século XVI.
- No contingente do vocabulário do vestir, raro é aquele vocábulo que revela a permanência do costume tipicamente ibérico em relação à moda introduzida pelos romanos, pelos árabes e pelas relações mútuas dos povos românicos. Também é de estranhar a pou-

ca contribuição germânica na denominação das vestes em confronto com o contingente germânico para os nomes de cores e expressões típicas do vestir.

- O vestuário está relacionado com classes e grupos sociais e em alguns casos funciona como seu distintivo.
- A partir do século XVI nota-se uma simplificação nos hábitos de vestir em Portugal, como reflexo da tendência à homogeneidade das classes sociais.
- Finalmente, pode-se, através deste estudo, depreender a importância do traje e da aparência no Portugal medievo até a época de Gil Vicente.

## BIBLIOGRAFIA

- BOMFIM, Eneida do Rego Monteiro. Termos relativos a vestuário: sua função nos autos de Gil Vicente. *In*: MARGATO, Izabel, *Figuras da Lusofonia – Cleonice Berardinelli*. Lisboa: Instituto Camões, 2002, pp.172-188.
- \_\_\_\_\_ *Traje e aparência como instrumentos da crítica vicentina*. A sair.
- CASTRO, Américo. *Los españoles: como llegaron a serlo*. Madrid: Taurus, 1965, 297 p.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: 1954. 4 v.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed., 2ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s. d.
- FREITAS, Maria Constança Múrias de. *Palavras e expressões sobre vestuário no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Boletim d Filologia Lisboa: Jorge Fernandes, 1947. v. 8. 1945, 67-88; 1946, 93-120.
- GAMA BARROS, Henrique da. *História da Administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*. 2ª ed., dirigida por Torquato de Sousa Soares. Lisboa: Sá da Costa, 1950. 10 v.
- KÖHLER, Carl. *História do Vestuário*. Editado e atualizado por Emma von Séchart. S. Paulo: Martins Fontes, 1993, 564 p.
- LOVILLO, José Guerrero. *Las Cantigas – Estúdio Arqueológico de sus miniaturas*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto Diego Velásquez – Sección de Sevilla. 1949. 435 p.
- LUNDQUIST, Eva Rodhe. *La mode et son vocabulaire*. Lund: Wettergren e Kerber, 1950, 189 p.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1959. 2 v.
- MARQUES, H. de Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa, aspectos da vida quotidiana*. 4ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1981, 296 p.

- MORAES e SILVA, Antônio de. *Dicionário de língua portuguesa*. Edição comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil, fotografada pela *Revista de Língua Portuguesa* sob a direção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Lito-Tipografia Fluminense, 1922. 2 v.
- PICCHIO, Luciana Stegano. *História do teatro português*. Lisboa: Portugalia, 1964, 486 p.
- PIEL, J. M. *Livro da Enseñança de bem cabalgar toda sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta*. Edição crítica. Lisboa: Casa da Moeda, 1986, 160 p.
- RESENDE, Garcia de. *Cancioneiro Geral*. Texto estabelecido, prefaciado e anotado por Álvaro da Costa Pimpão e Aída Fernanda Dias. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973, 435 p.
- RÉVAH, I. S. *Recherches sur les oeuvres de Gil Vicente*. Edição subvencionada pelo Instituto para a Alta Cultura e publicado sob o patrocínio do Instituto Francês em Portugal. Lisboa, 1951. 2 v.
- RIBEIRO, Bernardim. *História de Menina e Moça*. Variantes, introdução, notas e glossário de D. E. Grokenberger. Prefácio do Prof. Hernani Cidade. Lisboa: Studium, 1947, 554 p.
- TEYSSIER, Paul. *La langue de Gil Vicente*. Paris: Klincksieck, 1959, 554 p.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. *Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Casa da Moeda, 1990. 2 v.
- \_\_\_\_\_. *Notas Vicentinas*, preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente. Lisboa: Ocidente, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina*. Madrid: Centro de estudios Históricos. s. d.
- VASCONCELLOS, J. Leite de. *Estudos de Filologia Portuguesa*. Seleção e organização de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1961, 364 p.
- \_\_\_\_\_. *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- VASCONCELLOS, Jorge Ferreira de. *Comédia Eufrosina*, conforme a impressão de 1561, publicada por ordem da Academia das Ciências de Lisboa por Aubrey F. G. Bell. Lisboa: Imprensa Nacional, 1918. 361 p.

VIANA, A .R. Gonçalves. *Apostilas aos dicionários portugueses*. Lisboa: Liv. Clássica, 1906. 2 v.

VICENTE, GIL. *Obras Completas* com prefácio e notas do Prof. Marques Braga, 4ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1968. 6 v.

\_\_\_\_\_. *Compilaçam de toda las obras*. Introdução e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Casa da Moeda, 1983. 2 v.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo por Mário Fiúza. Porto/Lisboa: Liv. Civilização, 1966. 2 v.

## ÍNDICE DOS VOCÁBULOS E EXPRESSÕES

- Afeite, 115  
Aguilha, 189  
Alfaiate, 189  
Alfarda, 55  
Alfinete, 116  
Algodão, 161  
Aljofre, 117  
Almofada, 190  
Alquicé, 56  
Amicto, 143  
Anel, 117  
Armas, 151, 154  
Arminho, 161  
Arnês, 154  
Arrayada, 119  
Arrea, 119  
Arreio, 119  
Ataviada, 120  
Atavios, 121  
Axuar, 214  
Barrete, 88  
Beatilha, 90  
Beca, 56  
Bocal, 57  
Bolsa, 180  
Botas, 107  
Bragas, 57  
Brial, 58  
Brocado, 164  
Broslaor/Brosladora, 191  
Burel, 162  
Cabeção, 59  
(En) Cabello, 90  
Cadena, 121  
Cairel, 165  
Calçado, 104, 108  
Calças, 60  
Calções, 60  
Camisa, 61  
Capa, 64  
Capacete, 155  
Capelo, 90, 144  
Capote, 65  
Capuz, 92  
Carapuça, 93  
Chapeirão, 65  
Chapim, 108  
Chiote, 67  
Cimeira, 156  
Cinto, 181  
Coifa, 93  
Colar, 122  
Contas, 122  
Contray, 165  
Coral, 123  
Cordão, 144, 181  
Cordovão, 166  
Coroa/Corona, 144  
Coser, 191  
Costura, 192  
Crenchas, 94  
Cueiro, 67  
Dedal, 193  
Descabelada, 94  
Descalço, 109  
Desfarrapada, 68  
Desnuda, 68  
Desnudar, 67  
Diadema, 148  
Dó, 215  
Enxaravia, 95  
Escarlata, 166

Esfarrapado, 68  
Esmaltado, 194  
Esmeralda, 124  
Esmoleira, 181  
Espada, 156  
Esperavel, 215  
Esquipado, 69  
Estola, 148  
Estopa, 167  
Faxa, 182  
(En) Faldetas, 69  
Farpar, 195  
Fatiota, 215  
Fato, 216  
Fiado, 195  
Fiar, 196  
Fio, 168  
Firmal, 125  
Fraldilha, 70  
Fraldiqueira, 182  
Franzido, 197  
Frisado, 197  
Fuso, 198  
Fustão, 168  
Gibão/jubão, 71  
Gorgueira, 126  
Gorra, 95  
Grevas, 157  
Grinalda, 126  
Guarnecer, 127  
Guarnir, 127  
Hábito, 149  
Hato/hatillos, 216  
Jaqueta, 72  
Jóia, 128  
Lã/lana, 168  
Laços, 198  
Latão, 130  
Lavor, 199

Lavrandeira, 200  
Lavrar, 201  
Linheira, 203  
Linho, 170  
Liteiro, 170  
Loba, 72  
Luto, 216  
Luvas, 183  
Malha, 171, 203  
Manga, 73  
Manguispanado, 74  
Manija, 130  
Manopla, 157  
Mantão, 74  
Mantilha, 96  
Manto, 75  
Mitra, 150  
Nu/nua, 76  
Ourelo, 171  
Ouro, 130  
Ornada, 134  
Ourives, 204  
Pano/paño, 171  
Parecer, 217  
Pedras preciosas, 134  
Pele, 174  
Pelote, 77  
Pendente, 135  
Pente/peine, 96  
Pentear/peinar, 97  
Penteador, 78  
Perla, 135  
Piastrão/piastrón, 158  
Ponto, 205  
Prata, 137  
Punhal/puñal, 157  
Quixote, 158  
Retrós, 175  
Roca, 206

Roupa/ropa, 175, 206, 218  
Roupado, 78  
Rubi, 138  
Safira, 139  
Saia, 79  
Saio, 80  
Sayal, 175  
Samarra/samarro/çamarilla  
    çamarrón, 82  
Sapateiro, 206  
Sapato, 110  
Seda, 175  
Sirgo, 177  
Soco, 112  
Sombreiro/sombrero, 98  
Sortija, 139  
Soticapa, 219  
Suadeiro, 184  
Surrão, 185  
Tear, 208  
Tecedeira, 208  
Tecelão, 209  
Tecer, 210  
Terçado, 158  
Touca, 99  
Tocado, 85, 100  
Toucar, 101  
Traje/trage, 219  
Traçado, 101  
Trepas, 82  
Trosquia, 102  
Trosquiar, 102  
Tonsura, 150  
Urdir, 211  
Vasquinha, 82  
Veludo, 177  
Vestido, 221  
Vestimenta, 151  
Vestir, 84  
Véu, 103





Este livro foi composto em Sabon, corpo 11/12 e 12/14. O miolo impresso em papel Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup> e capa em Cartão Supremo 250g/m<sup>2</sup>, na gráfica das Edições Loyola, em outubro de 2002.